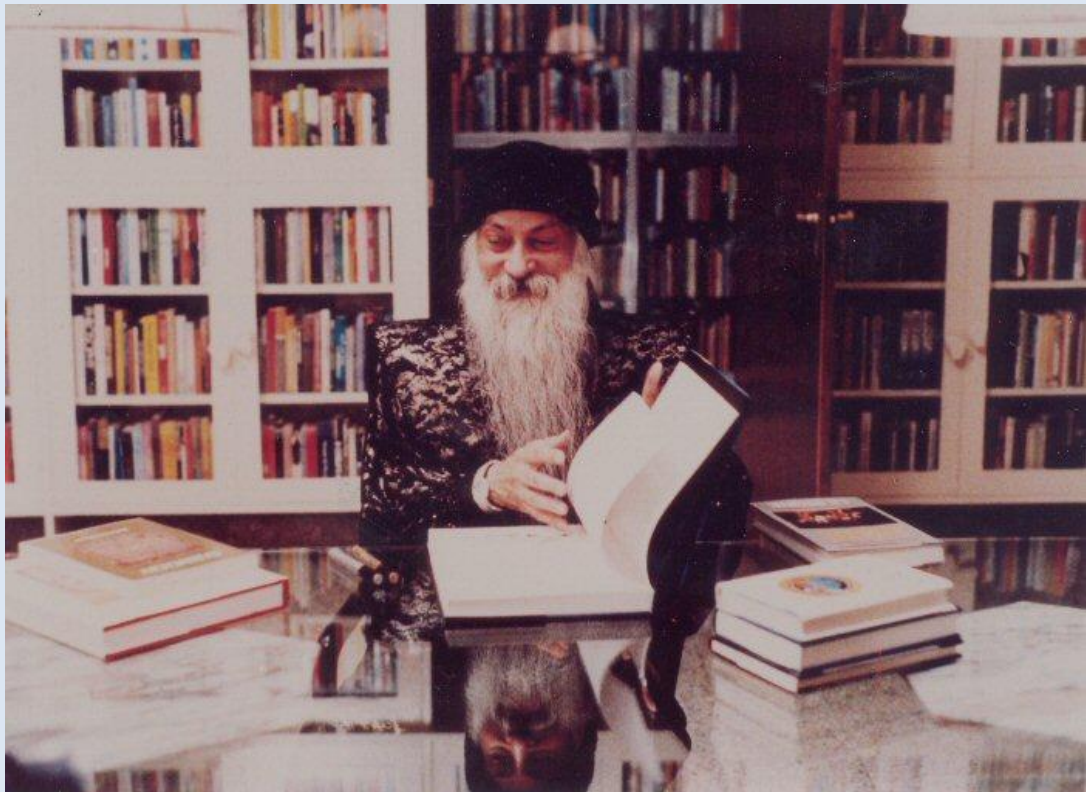


LIVROS QUE AMEI



OSHO

OSHO

LIVROS QUE AMEI

Tradução: Rafael Blanco

Revisão: Albecy Cavalari

Lidiana Brasil

São Carlos, 2020

Título Original: *Books I Have Loved*

Introdução: Devageet (Dr. Charles Harvey Newman)

Copyright da primeira publicação © 1985 Osho International Foundation

ISBN 81-7261-102-1

Capa: Rafael Blanco

Tradução: Rafael Blanco, Albecy Cavalari

Revisão: Albecy Cavalari

Lidiana Brasil

2020

São Carlos, Brasil

Índice

Introdução.....	1
Sessão 1.....	4
Sessão 2.....	8
Sessão 3.....	12
Sessão 4.....	18
Sessão 5.....	23
Sessão 6.....	29
Sessão 7.....	38
Sessão 8.....	44
Sessão 9.....	52
Sessão 10.....	58
Sessão 11.....	65
Sessão 12.....	70
Sessão 13.....	77
Sessão 14.....	83
Sessão 15.....	89
Sessão 16.....	95
Índice Onomástico.....	101

Introdução

Há uma história engraçada sobre *Livros que Amei...*

Imediatamente após uma sessão no dentista, Osho convocou o seu time odontológico - Ashu, Amrito e eu mesmo - durante uma tempestade colossal. Nós nos sentamos no chão, aos seus pés, enquanto ele delineou a sua visão de um livro que iria ditar da cadeira do dentista... “... E você, Devageet, será o meu tomador de notas.” Aquelas palavras estão impressas no meu coração. Osho continuou dizendo que “Esses livros serão para que a minha gente possa conhecer como um mestre fala quando está com apenas dois ou três de seus discípulos íntimos.”

Em um primeiro momento eu não tinha noção que haveria mais de um livro. Osho estava simplesmente falando, e eu estava anotando tudo: verificando a exatidão das minhas anotações ao ouvir uma fita-cassete, a qual ele instruíra, “...deve ser a mesma fita, utilizada todo dia.” Após seis sessões Osho anunciou: “Esse é o final da primeira série.”

Essa foi a primeira vez que eu ouvia que haveriam séries diferentes. Osho chamou a próxima série de *Om Mani Padme Hum*. “Este é um mantra antigo, Devageet, e falarei sobre ele até que eu tenha penetrado no seu crânio de concreto. Não o deixarei até que ele tenha penetrado em seu ser. Você é obstinado, mas sou mais obstinado! Não há nenhum homem mais obstinado do que eu! Posso ser terrível!” Ele falou sobre isso, a segunda série, por seis sessões. Juntas elas formam o livro *Notas de um Louco*.

Então Osho disse: “Amei os livros por toda a minha vida. Eles me ajudaram quando nada mais estava brilhando na escuridão. Lembrem-se, nunca tive um mestre... Nunca, em nenhuma das minhas vidas. Vários mestres queriam que eu me tornasse seu discípulo, mas eu sempre disse que deveria seguir meu próprio caminho não importando o quanto demorasse, não importando onde ele me conduziria.”

“Existem muitos livros que têm uma amostra da verdade, mas não muito mais. Alguns livros, entretanto, podem ser de grande ajuda. Tais livros ajudam as pessoas a escutar a canção da verdade cantando em seus corações. Estes são os livros que estão batendo na porta agora, pedindo para que eu fale sobre eles. Eu darei um livro para cada ano da minha vida até agora.” (Ele tinha cinquenta anos de idade naquele momento.)

Osho começou a falar e tomei notas à mão enquanto ele estava falando. Ele estava deitado na cadeira de dentista, na sala de dentista localizada bem atrás da sua sala de estar. Ashu, a enfermeira dentista de Osho, estava sentada do seu lado esquerdo. Aos seus pés estava Amrito, seu médico pessoal. E sentada sobre uma banquetta de dentista sobressalente estava Vivek, cuidadora pessoal de Osho. A sala toda tinha três metros de comprimento e dois de largura, e estava amontoadas de equipamento odontológico. Ela lembrava o compartimento dos pilotos de um módulo espacial.

Enquanto Osho falava e era engraçado eu estava totalmente absorvido em minha tarefa. Subitamente ele perguntou, “Devageet, qual é o número? Você sabe que não posso contar os números para além de três.”

Rapidamente folheei as minhas anotações e disse, “Aquele foi o número cinco, Osho.”

“Bom, ok, número cinco...” e então ele começava a falar sobre outro título que havia amado. Eu estava confuso. Eu quis dizer que o último livro tinha sido o número cinco, e este deveria, portanto, ser o número seis. Agora nós tínhamos dois números cinco! Não tinha importância, eu poderia consertar isso mais tarde.

Quase meia hora mais tarde ele perguntou novamente, “Qual é o número agora, Devageet?” Pensando rápido eu disse, “O próximo é o número oito, Osho.” Eu tinha feito um cálculo rápido sobre qual deveria ser o número, e então fiz a correção. “Ok, número nove...” Osho começou.

Ó não! Ele havia pulado para frente desta vez. Eu estava ficando confuso, e não havia tempo para pensar a respeito, pois eu estava tão envolvido em escrever as notas, tentando capturar cada palavra. Ele me havia dito que falaria sobre dez livros em cada sessão, mas eu não podia lembrar quantos livros haviam sido tratados. Nós tínhamos dois números cinco, nenhum número oito, e agora nós estávamos no número nove.

Aquela sessão terminou cobrindo apenas nove livros. Voltei ao meu quarto, examinei minhas anotações, resolvi tudo e enviei uma mensagem para Vivek, explicando. Ela respondeu que eu era o tomador de notas e que eu deveria fazer a minha parte!

A próxima sessão era naquela mesma noite e eu estava determinado a manter o controle. Depois de meia hora de sessão Osho perguntou em qual número estávamos. Respondi, “Este último livro era o número dois, Osho.”

“Ok, número dois...” e ele imediatamente começou a falar. Senti que não conseguia detê-lo. Não parecia certo. Naquela época eu só falava em resposta a ele, nunca iniciando uma conversa. Mas agora nós tínhamos dois números dois. O próximo livro ele anunciou como o número cinco! Após ter falado, ele me perguntou onde estávamos. Eu disse, “Bem, aquele era o número 5, mas na verdade deveria ter sido o número... ro... ro... quatro?”

Osho ficou em silêncio por um longo momento. “Ok, mas lembre-se, Devageet, siga os meus números. Agora, número três!” E mais uma vez Osho falou longa e completamente sobre um dos livros que amou. Tomei as notas, mas estava completamente perdido em relação aos números. Ele disse que o próximo livro era o “número quatro”... e assim por diante. Eu estava perdido.

Um pouco mais tarde ele me perguntou onde nós estávamos com os números, e respondi, “Eu não posso acompanhar onde estamos. Vou ter que resolver isso mais tarde, mas acho que estamos no número seis.”

“Ok Devageet, o próximo livro é o número sete, mas lembre-se que esse é o seu trabalho. Fiz de *você* o meu tomador de notas.”

Naquela sessão acho que ele falou sobre doze livros. Nós tínhamos dois números três, nenhum número quatro, três números seis, dois números oito, dois números nove e um número dez. A maioria das sessões foram assim, mas não todas. Esse fato tornou tudo pior. Eu nunca poderia determinar quando iria acontecer. A minha mente estava rodopiando em queda livre.

Após algumas sessões Osho perguntou quantos livros nós havíamos falado sobre ao todo. Respondi que, devido a confusão com os números, eu teria que tentar descobrir e informá-lo-ia na próxima sessão. Cheguei a cerca de sessenta e dois. Eu nunca soube com certeza; eu estava muito confuso. Quando avisei-o, Osho disse, após um longo e arrebatador silêncio, “Devageet, sou eu quem não consegue acompanhar os números. Estou confiando em você para

cuidar dos números para mim. Você é o meu tomador de notas. É o seu trabalho. O meu trabalho é contigo. Meu trabalho é quebrar e abrir o seu crânio. Agora vou ter que falar a respeito de dois livros para cada ano da minha vida.” E ele começou novamente, mas não foi diferente. Toda sessão Osho dava nós no meu cérebro. Eu nunca soube quando ele estava indo para frente ou para trás com a sua numeração. Se eu dissesse de um jeito, ele diria de outro... ou talvez não.

Depois de outro número de sessões ele perguntou novamente quantos livros havia tratado. Eu não fazia ideia. Tentei descobrir, mas nunca pude. Quando tentei explicar-lhe, cada palavra murmurante e ineficaz caía no seu completo silêncio, desaparecendo na total não-significação. Ele simplesmente escutou. Então falou. “Mmmm... Esse é um problema existencial. Há muitos livros batendo na minha porta. Alguns deles são muito insistentes, tentando furar fila e passar à frente. Pessoas como a Madame ‘Blavatasky’... (Ele sempre deformava o nome dela). “Ela é uma mulher terrível. Ela está lá empurrando os silenciosos, como Gautama Buda, para o lado. Os verdadeiramente silenciosos, aqueles cujos livros são as joias reais, nunca tentam passar à frente. Mas eu preciso falar sobre essa mulher Blá-Blá-Blavatasky, senão ela nunca vai dar-me paz. Ela é uma Blá-Blá-Blavatasky de fato! Eu devo ser o único ser humano que já leu cada palavra que essa mulher escreveu. Escavei todos os Himalaias para descobrir se ela continha alguma verdade. E tudo o que descobri foi um rato morto!”

Osho é maravilhoso. Recordando agora, aqueles dias sentado ao seu lado na sala de dentista que ele se referia como “Minha Arca de Noé”, tudo fica claro. Meu coração está cheio e as lágrimas tremem em minhas pálpebras. Ele atou o meu pobre cérebro e libertou o meu coração da sua prisão.

Devageet,

O dentista do Osho

Sessão 1

1984, na Casa Lao Tsé, Rajneeshpuram, Óregon, EUA

O convidado, o anfitrião, o crisântemo branco... esses são os momentos, as rosas brancas, os quais ninguém deve falar.

Nem o convidado,
nem o anfitrião...
apenas o silêncio.

Mas o silêncio fala da sua própria maneira, canta a sua própria música de alegria, de paz, de beleza e bênçãos; caso contrário não haveria um *Tao Te Ching*, nem haveria um *Sermão da Montanha*. Considero-os poesias reais embora não estejam compiladas de nenhuma maneira poética. Eles são forasteiros. Eles se mantêm fora. Isso é verdade por um aspecto: eles não pertencem à norma, ao padrão, não pertencem à quaisquer medidas; eles estão além de quaisquer medições, por isso permanecem à parte.

Algumas partes de *Os Irmãos Karamazov* de Dostoiévski são pura poesia, e assim também algumas partes de *Assim Falou Zaratustra*, daquele louco Friedrich Nietzsche. Mesmo se Nietzsche não tivesse escrito mais nada além de *Assim Falou Zaratustra* ele teria servido imensamente à humanidade, profundamente – mais não pode ser esperado de qualquer homem – porque Zaratustra estava quase esquecido. Foi Nietzsche que o trouxe de volta, que lhe deu vida novamente, uma ressurreição. *Assim Falou Zaratustra* será a bíblia do futuro.

Diz-se que Zaratustra gargalhou quando nasceu. É muito difícil imaginar um bebê recém-nascido gargalhando. Sorrindo tudo bem – mas gargalhando? Perguntamos de quê, porque uma gargalhada precisa de um contexto. De qual piada o bebê Zaratustra gargalhava? A piada cósmica, a piada que toda essa existência é.

Sim, escreva em suas notas, a piada cósmica e a sublinhe. Isso é bom. Posso até ouvir vocês sublinhando. Isso é belo. Vê quão boa é minha audição? Quando quero posso ouvir até o som do desenho de um esboço, de uma folha. Quando quero posso ver na escuridão, na total escuridão. Mas quando não quero ouvir, finjo que não ouço, apenas para dar-lhes a sensação boa de que tudo está indo bem.

Zaratustra em seu nascimento, gargalhando! E aquilo era apenas um começo. Ele riu ao longo de toda a sua vida. Toda a sua vida foi uma piada. Mesmo assim as pessoas esqueceram-se dele. Os ingleses mudaram seu nome, eles o chamaram de ‘Zoroaster’. Que monstruosidade! ‘Zaratustra’ tem a suavidade de uma pétala de rosa, e ‘Zoroaster’ soa como um grande desastre mecânico. Zaratustra deve estar rindo ao ver seu nome alterado para *Zoroaster*. Mas antes de Friedrich Nietzsche, ele foi esquecido. Ele deveria ser esquecido.

Os islâmicos forçaram todos os seguidores de Zaratustra a tornarem-se islâmicos. Apenas poucos, muito poucos, escaparam – para a Índia, onde mais? A Índia tornou-se o local onde qualquer pessoa pode entrar sem um passaporte ou visto, sem qualquer problema. Apenas

alguns poucos seguidores de Zaratustra escaparam dos assassinos islâmicos. Eles não são muitos na Índia, apenas cem mil. Ora, quem se preocupa com uma religião de apenas cem mil – que não só quase todos vivem na Índia, mas nos arredores de apenas uma cidade, Bombaim. Até mesmo eles se esqueceram de Zaratustra. Eles se comprometeram com os hindus que tinham que conviver. Eles escaparam do poço e caíram em uma vala, uma vala mais profunda! De um lado o poço, do outro a vala. E o Caminho segue pelo meio – Buda o chama de caminho do meio – exatamente no meio, assim como o equilibrista que anda sobre uma corda.

O grande serviço de Nietzsche à humanidade foi trazer Zaratustra de volta ao mundo moderno. Seu grande desserviço foi Adolf Hitler. Ele fez ambos. É claro que ele não foi responsável por Adolf Hitler. Foi o próprio desentendimento de Hitler da ideia de ‘super-homem’ de Nietzsche. O que Nietzsche poderia fazer? Se vocês me entendem mal, o que posso fazer a respeito? Desentender é sempre a sua liberdade. Adolf Hitler era uma mediocridade juvenil, uma criança retardada, realmente feia. É só lembrar da sua face – aquele bigode pequeno, aqueles olhos temerosos como se tentando fazê-los temer e uma testa tensa. Ele era tão tenso que nunca pôde ser amável a qualquer pessoa por toda a sua vida. Para ser um amigo é necessário estar um pouco relaxado.

Hitler não podia amar, apesar de ter tentado de uma maneira ditatorial. Ele tentou, como muitos maridos o fazem, infelizmente, para ditar, ordenar, manobrar e manipular as mulheres – mas foi incapaz de amar. O amor precisa de inteligência. Ele não pôde nem permitir que sua própria namorada estivesse a sós com ele em seu quarto a noite. Que medo! Ele tinha medo que enquanto estivesse dormindo... ninguém sabe, a amiga pode ser uma inimiga; ela poderia ser um agente trabalhando para o inimigo. Ele dormiu a sós toda a sua vida.

Como um homem como Adolf Hitler poderia amar? Ele não tinha simpatia, não tinha coração, nenhuma parte feminina. Ele matou a mulher interna, como poderia amar a mulher externa? Para amar a mulher externa vocês têm que alimentar a mulher interna, porque apenas aquilo que está dentro é expresso em suas ações.

Ouvi dizer que Hitler atirou em uma de suas namoradas por uma razão banal; ele a matou porque havia dito que ela não deveria visitar sua mãe, mas quando ele estava fora ela foi, porém voltara antes de Hitler retornar. Ele ficou sabendo pelos guardas que ela tinha saído. Isso foi o suficiente para acabar o amor – não apenas o amor, mas a mulher também! Ele atirou nela dizendo, “Se você me desobedece, então é minha inimiga.”

Essa era a sua lógica: quem lhe obedece é seu amigo; quem desobedece é seu inimigo. Quem está consigo está consigo, quem não está consigo está contra. Não é necessariamente assim – alguém pode estar apenas neutro, nem consigo nem contra. Ele pode não ser seu amigo, mas isso não significa necessariamente que é um inimigo.

Eu amo o livro *Assim Falou Zaratustra*. Eu amo muito poucos livros; posso contá-los em meus dedos...

Assim Falou Zaratustra será o primeiro da minha lista.

Os Irmãos Karamazov é o segundo.

Terceiro é *O Livro de Mirdad*.

Quarto é *Jonathan Livingston Seagull*.

O quinto livro é o *Tao Te Ching* de Lao Tsé.

O sexto é *As Parábolas de Chuang Tzu*. Ele é o homem mais amável, e este é o livro mais amável.

O sétimo é *O Sermão da Montanha* – apenas *O Sermão da Montanha* não a Bíblia inteira. Toda a Bíblia é apenas uma bobagem, exceto *O Sermão da Montanha*.

Oitavo... a minha numeração está correta? Isso é bom. Então vocês podem sentir que ainda estou na minha insanidade. O oitavo, *Bhagavad Gita* – a canção divina de Krishna. Aliás ‘Cristo’ é apenas uma má pronúncia de ‘Krishna’ assim como ‘Zoroaster’ é de ‘Zaratustra’. ‘Krishna’ significa o maior estado de consciência, e a música de Krishna, o *Bhagavad Gita*, alcança a altura máxima do ser.

Nono, o *Gitanjali*. Significa ‘uma oferta de canções’. É o trabalho de Rabindranath Tagore, o qual ele ganhou o prêmio Nobel.

E o décimo é a compilação das canções de Milarepa – *As Mil Canções de Milarepa* – é assim que é chamado em tibetano.

Ninguém falou,

O anfitrião,

o convidado,

nem o crisântemo branco.

Ó!... tão belo... o crisântemo branco. Ó, tão belo. As palavras são tão pobres. Não posso descrever o que está sendo trazido para mim.

O crisântemo branco.

Ninguém falou.

O anfitrião,

o convidado,

o crisântemo branco.

Bom. Por causa dessa beleza os meus ouvidos são incapazes de ouvir até mesmo o ruído, os meus olhos se enchem de lágrimas.

As lágrimas são as únicas palavras que o desconhecido pode falar,
a linguagem do silêncio.

Sessão 2

Peço desculpas porque de manhã não mencionei alguns livros que eu deveria ter mencionado. Eu estava tão comovido por Zaratustra, Mirdad, Chuang Tzu, Lao Tsé, Jesus e Krishna que esqueci alguns livros que são até mesmo mais significantes. Não acredito como pude esquecer *O Profeta* de Kahlil Gibran. Isso ainda está me torturando. Quero descarregar – é por isso que peço desculpas, mas a ninguém em particular.

Como pude esquecer o livro que é o máximo: *O Livro dos Sufis*! Esqueci, talvez, porque ele não contém nada, apenas páginas vazias. Por mil e duzentos anos os sufis carregam *O Livro* com tremendo respeito, abrindo as suas páginas e estudando-as. Alguém pergunta o que eles estudam. Quando vocês encaram uma página em branco por um longo tempo, vocês vão refletir vocês mesmos. Este é o estudo real – a obra.

Como pude esquecer *O Livro*? Agora quem me perdoará? *O Livro* deveria ter sido o primeiro a ser mencionado, não o último. Ele não pode ser transcendido. Como vocês podem criar um livro melhor do que aquele que contém nada, e a mensagem do nada?

O nada deve ser escrito em suas notas, Devageet, como não-coisidade; caso contrário, o nada terá um significado negativo – o significado de vazio, e não é esse. O significado é de ‘plenitude’. O nada no Oriente tem um contexto totalmente diferente... *shunyata*.

Chamei um de meus sannyasins Shunyo, mas o tolo segue chamando-se a si mesmo Doutor Eichling. Ora, a estupidez pode ser maior? ‘Doutor Eichling’ – que nome feio! E ele cortou a barba apenas para ser o Doutor Eichling... porque com a barba ele parecia um pouco bonito.

No Oriente *shunyata* – vacuidade – não significa vazio como na língua inglesa. Significa plenitude, sobrelotação, tão cheio que nada é mais necessário. Esta é a mensagem do *O Livro*. Por favor, inclua-o na lista.

Primeiro, *O Livro dos Sufis*.

Segundo, *O Profeta* de Kahlil Gibran. Eu poderia facilmente abandonar *O Profeta* pela simples razão de que ele é apenas um eco de *Assim Falou Zaratustra* de Nietzsche. No nosso mundo ninguém fala a verdade. Somos tão mentirosos, tão formais, tão cheios de etiqueta... *O Profeta* é belo apenas porque ecoa Zaratustra.

Terceiro, *O Livro de Lieh Tzu*. Mencionei Lao Tsé, Mencionei Chuang Tzu: esqueci-me de Lieh Tzu, e este é a culminação de ambos, tanto Lao Tsé quanto Chuang Tzu. Lieh Tzu é a terceira geração. Lao Tsé foi o mestre, Chuang Tzu o discípulo. Lieh Tzu foi discípulo de um discípulo, talvez seja por isso que o esqueci. Mas o seu livro é imensamente belo e deve ser incluído na lista.

Quarto – e esse é realmente maravilhoso – não mencionei os *Diálogos de Sócrates* de Platão. Esqueci, talvez, por causa de Platão. Não vale a pena mencionar Platão, ele era apenas um filósofo, mas seus *Diálogos de Sócrates e Sua Morte* é impossível elogiar demais e deve ser incluído.

Quinto... também me esqueci de *As Notas dos Discípulos de Bodidarma*. Quando falo de Gautama o Buda sempre esqueço-me de Bodidarma, talvez porque eu sinta que o incluí em seu mestre, Buda. Mas não, isso não está certo; Bodidarma permanece por si só. Ele foi um grande discípulo, tão grande que mesmo o mestre poderia ter inveja dele. Ele nunca escreveu uma palavra, mas alguns de seus discípulos, desconhecidos porque eles não mencionam os seus nomes, escreveram algumas notas sobre as palavras de Bodidarma. Essas notas, apesar de serem breves, são tão preciosas como o Koh-i-Noor. A palavra Koh-i-Noor, vocês sabem, significa a luz do mundo. Noor significa luz, kohi significa do mundo. Se eu tivesse que descrever algo como Koh-i-Noor, sim, eu indicaria essas breves notas dos discípulos anônimos de Bodidarma.

Sexto: Também esqueci o *Rubaiyat*. As lágrimas estão chegando aos meus olhos. Posso perdoar-me por esquecer qualquer outra coisa, mas não o *Rubaiyat*. Omar Khayyam... posso apenas lacrimar, chorar. Posso apenas perdoar-me com minhas lágrimas, as palavras não o fariam. O *Rubaiyat* é um dos livros mais incompreendidos e também um dos mais lidos do mundo. É entendido em sua tradução, é incompreendido em seu espírito. O tradutor não conseguiu trazer seu espírito. O *Rubaiyat* é simbólico, e o tradutor era um inglês muito sério, o que na América eles chamariam de quadrado, nada descolado. Para entender o *Rubaiyat* vocês necessitam de um pouco mais de descolamento.

O *Rubaiyat* fala de vinho e mulher e nada mais; ele canta de vinho e mulher. Os tradutores – e foram muitos – estão todos errados. Eles devem estar errados porque Omar Khayyam era um sufi, um homem de tasawuf, um homem que sabe. Quando ele fala de mulher ele está falando de Deus. É dessa forma que os sufis dirigem-se a Deus: “Amada, Ó minha amada.” E eles sempre usam o feminino para Deus, isso deve ser notado. Ninguém mais no mundo, em toda a história da humanidade e da consciência, dirigiu-se a Deus como uma mulher. Apenas os sufis dirigem-se a Deus como a uma amada. E o ‘vinho’ é aquilo que ocorre entre o amante e a amada, não tem nada a ver com uvas. A alquimia que acontece entre o amante e a amada, entre o discípulo e o mestre, entre o buscador e o buscado, entre o adorador e seu Deus... a alquimia, a transmutação – este é o vinho. O *Rubaiyat* é tão incompreendido, talvez seja por isso que o esqueci.

Sétimo, o *Masnavi* de Jalaluddin Rumi. É um livro de pequenas parábolas. O grande somente pode ser expresso em parábolas. Jesus falava em parábolas: assim também o *Masnavi*. Por que o esqueci? Amo parábolas; não deveria ter esquecido dele. Utilizei centenas de parábolas suas. Talvez ele se tornou tanto de mim mesmo que esqueci-me de mencioná-lo separadamente. Mas isso não justifica, um pedido de desculpas ainda é necessário.

Oitavo: o oitavo é o *Isa Upanishad*. É fácil entender porque o esqueci. Eu o bebi, ele se tornou parte do meu sangue e ossos; eu sou ele. Falei dele centenas de vezes. É um

Upanishad bem curto. Há cento e oito Upanishads e o *Isa* é o menor deles. Ele pode ser impresso em um cartão-postal, em apenas um lado, mas contém em si todos os outros cento e sete, então eles não precisam ser mencionados. A semente está no *Isa*.

A palavra ISA significa divino. Vocês podem ficar surpresos que na Índia não chamamos Cristo de 'Cristo', o chamamos de 'Isa' – Isa, que é muito mais próximo do original Aramaico *Yeshua*, em inglês *Joshua*. Os seus pais devem tê-lo chamado de Yeshu. Yeshu é muito longo. O nome viajou para a Índia e de Yeshu tornou-se Isu. A Índia imediatamente reconheceu que Issu é tão próximo de Isa, que significa Deus, que seria melhor chamá-lo de Isa.

O *Isa Upanishad* é uma das maiores criações daqueles que meditaram.

Nono... Esqueci de falar algo sobre Gurdjieff e seu livro *Tudo e Todo* – talvez porque seja um livro muito estranho, nem mesmo legível. Não acho que exista algum indivíduo que o leu da primeira página à última, exceto eu. Encontrei com muitos seguidores de Gurdjieff, mas nenhum deles foi capaz de ler *Tudo e Todo* em sua totalidade.

É um livro grande – o oposto do *Isa Upanishad* – mil páginas. E Gurdjieff é um santo tão velhaco – permita-me esta expressão, santo velhaco – ele escreve de uma forma que se torna impossível de ler. Uma sentença pode seguir por páginas. Quando vocês chegam ao fim da sentença já esqueceram do seu início. E ele usa palavras que ele próprio criou, assim como eu. Palavras estranhas... por exemplo, quando ele escreveu sobre *kundalini*, ele a chamou de *kundabuffer*; esta era a sua palavra para kundalini. Esse livro é de imenso valor, mas os diamantes estão escondidos entre as rochas ordinárias. É preciso sair para procurá-los.

Li esse livro não apenas uma vez, mas muitas. Quanto mais eu ia até ele, mais o amava, porque eu podia ver mais o velhaco; eu podia ver mais aquilo que ele escondia daqueles que não deviam saber. O conhecimento não é para aqueles que não são capazes de o absorver. O conhecimento deve ser escondido dos incautos, e é apenas para aqueles que podem digeri-lo. Deve ser dado apenas para aqueles que estão prontos. Este é todo o propósito do escrever de maneira tão estranha. Não há nenhum livro mais estranho do que o *Tudo e Todo* de Gurdjieff, e ele certamente é o tudo e o todo.

Décimo: Lembrei desse livro, mas não o mencionei porque foi escrito por P.D. Ouspensky, um discípulo de Gurdjieff que o traiu. Eu não queria o incluir por causa da sua traição, mas o livro foi escrito antes de ele trair o seu mestre, então, finalmente, decidi incluí-lo. O nome do livro é *Em busca do Milagroso*. É tremendamente belo, ainda mais porque foi escrito por um homem que era apenas um discípulo, que não sabia ele próprio. Não apenas ele foi um discípulo, mas depois foi um Judas, o homem que traiu Gurdjieff. É estranho, mas o mundo está cheio de coisas estranhas.

O livro de Ouspensky representa Gurdjieff muito mais claramente que o próprio Gurdjieff. Talvez, em um certo estado de ser, Gurdjieff tenha possuído Ouspensky e o utilizado como um meio, assim como estou utilizando Devageet como meu meio. Agora ele está escrevendo as notas e com os meus olhos entreabertos estou observando tudo. Posso observar mesmo com os olhos fechados. Sou apenas um observador, um observador nas montanhas. Não tenho mais nenhum trabalho a não ser observar.

Décimo-primeiro: é um livro escrito por um homem não iluminado, nem mestre nem discípulo: *Folhas de Relva* de Walt Whitman. Mas algo penetrou, algo veio até o poeta nele. O poeta funcionou como uma flauta de bambu, e as notas não são da própria flauta; elas não pertencem ao bambu. Walt Whitman é apenas um bambu americano. Mas *Folhas de Relva* é imensamente belo. Algo transbordando de Deus foi capturado por sua poesia. Nenhum americano que conheço, exceto Walt Whitman, pôde tocá-lo – aqui também, parcialmente; caso contrário nenhum americano seria tão sábio.

Não interrompa! – pelo menos uma vez ou outra escreva as suas notas. Depois você se arrependerá por ter perdido isso ou aquilo. Apenas escreva as suas notas. Quando o tempo estiver maduro eu direi pare.

Meu tempo acabou? Meu tempo acabou há muito; não hoje, há mais de vinte e cinco anos atrás. Estou vivendo uma vida póstuma, apenas um P.S. em uma carta. Mas, às vezes, o P.S. é mais importante do que toda a carta.

Que mundo maravilhoso. Mesmo a essa altura é possível ouvir uma risadinha no vale. Por um lado, ela é boa, ela os une.

Infelizmente em breve acabará.

Não podemos fazer isso durar para sempre?

Pelo menos por ora não me traia.

O homem é o único covarde.

Os discípulos não se podem esquivar de serem Judas?

Quando acabar vocês podem parar.

Tão bom... Aleluia!

Sessão 3

Agora meu trabalho começa. Que piada! A maior piada de todas é que Sosan, o sábio chinês, estava batendo na porta da minha consciência. Esses místicos são demais. Vocês nunca sabem que horas eles vão começar a bater nas suas portas. Vocês estão fazendo amor com suas namoradas e Sosan chega e começa a bater. Eles vêm a toda hora, a qualquer hora, eles não acreditam em qualquer etiqueta. E o que ele estava dizendo para mim? Ele estava dizendo, “Por que você não incluiu o meu livro?”

Meu Deus, isso é verdade! Não incluí o livro dele na minha lista pela simples razão que esse livro contém tudo o que existe. Se eu incluísse o seu livro então nada mais seria necessário, então nenhum outro livro seria necessário. Sosan é suficiente por si próprio. O seu livro é chamado *Hsin Hsin Ming*.

Hsin não deve ser escrito como no inglês ‘sin’ mas h-s-i-n. Ora, vocês conhecem o chinês: que forma de cometer um pecado! Hsin... *Hsin Hsin Ming*.

Ok Sosan, incluo o seu livro também. Ele se torna meu primeiro livro de hoje. Desculpe-me, ele deveria ser o primeiro desde o início, mas eu já falei sobre vinte outros. Não importa. *Hsin Hsin Ming* se eu disser ou não, é o primeiro de todos. Escreve o PRIMEIRO, Devageet, com letras maiúsculas.

Hsin Hsin Ming é um livro tão pequeno que se Sosan soubesse que um dia, depois dele, Gurdjieff escreveria um livro chamado *Tudo e Todo*, ele teria gargalhado, porque este título pertence ao seu próprio livro. E Gurdjieff teve que escrever mil páginas, embora as poucas palavras de Sosan são muito mais penetrantes, muito mais significantes. Elas vão diretamente para o seu coração.

Posso até ouvir o barulho – não daquelas palavras chegando em seu coração, mas de algum rato, algum demônio fazendo o seu trabalho. Deixe-o fazer o seu trabalho.

O livro de Sosan é tão pequeno, assim como o *Isa Upanishad*, e muito mais significante. Quando digo isso meu coração rompe-se, porque eu gostaria que o *Isa* fosse o livro supremo, mas o que posso fazer? – Sosan ganhou dele. As lágrimas vêm aos meus olhos porque o *Isa* perdeu, e também porque Sosan é vitorioso.

O livro é tão pequeno, vocês podem escrevê-lo em sua palma; mas se vocês tentarem, por favor lembre-se... a palma da mão esquerda. Não o escreva na mão direita, isso será um sacrilégio. Eles dizem, “A direita está certa, e a esquerda é errada.” Eu digo que a esquerda está certa, e a direita está errada, porque a esquerda representa tudo o que é belo em vocês, e Sosan pode entrar apenas pela esquerda. Sei porque entrei em milhares de corações através da mão esquerda, através do lado esquerdo, através do feminino, pelo yin – quero dizer do yin chinês – nunca fui capaz de entrar em alguém através do seu yang. A própria palavra é suficiente para prevenir qualquer um: yang. Ela parece dizer “Mantenha-se afastado!” Ela diz “Pare. Não entre aqui. Fora! Cuidado com o cão!”

O direito é assim. O direito pertence ao lado errado da sua consciência. É útil, mas apenas um servo. Ele nunca deve ser o mestre. Então se vocês escreverem o *Hsin Hsin Ming* de Sosan, escrevam-no em suas palmas esquerdas.

É um livro tão belo, cada palavra é dourada. Não consigo conceber uma única palavra que possa ser apagada. É exatamente o necessário, requerido, para dizer a verdade. Sosan deve ter sido um homem tremendamente lógico, pelo menos enquanto escrevia o seu *Hsin Hsin Ming*.

Eu falei sobre ele e amaria falar mais. Os maiores momentos do meu falar foram os que eu estava falando de Sosan. O falar e o silêncio juntos... falando embora não falando, porque Sosan só pode explicado através do não-falar. Ele não era um homem de palavras, ele era um homem de silêncio. Ele falava apenas o mínimo. Perdoe-me Sosan, esqueci-me de você. Somente por sua causa lembro-me de alguns outros que podem bater na minha porta e perturbar o meu sono da tarde, por isso é melhor que eu os mencione.

O primeiro é *Hsin Hsin Ming* de Sosan.

O segundo é o *Tertium Organum* de P.D. Ouspensky. É um milagre que ele o tenha escrito antes de ouvir falar de Gurdjieff. Ele o escreveu antes de saber o que estava escrevendo. Ele próprio entendeu isso apenas posteriormente, ao encontrar Gurdjieff. As suas primeiras palavras para George Gurdjieff foram: “Olhando para os seus olhos eu entendi o *Tertium Organum*. Embora eu o tenha escrito, agora posso dizer que ele foi escrito através de mim por algum poder desconhecido que eu não estava consciente.” Talvez foi aquele velhaco Gurdjieff que o escreveu através dele, ou talvez outra pessoa que os sufis chamam de Velhaco Supremo, que estava fazendo milagres – milagres como o *Tertium Organum*.

O título significa ‘o terceiro cânon do pensamento’. Os sufis deram um nome àquele poder supremo; não é uma pessoa, mas uma presença. Posso sentir aquela presença agora, aqui... nesse momento. Eles o chamam por um certo nome, porque tudo deve ter um nome, mas não vou o dizer, não na presença dessa beleza, desse esplendor... dessa exuberância... dessa exaltação... desse êxtase.

Eu disse que é um milagre que Ouspensky pôde escrever o *Tertium Organum*, um dos maiores livros do mundo. De fato, diz-se, e com razão – lembre-se, ênfase e repito, com razão – que existem apenas três livros excelentes: o primeiro é o *Organum* escrito por Aristóteles; o segundo é *O Novo Organum* escrito por Bacon; e o terceiro, por P.D. Ouspensky, o *Tertium Organum*. ‘Tertium’ significa terceiro. E Ouspensky muito travessamente – e apenas um santo pode ser travesso - introduziu o livro dizendo, sem qualquer ego, simples e humilde, que “o primeiro existe, mas não antes do terceiro. O terceiro existia mesmo antes do primeiro vir à existência.”

Ouspensky parece ter se desgastado total e completamente ao escrever o *Tertium Organum*, porque ele nunca pôde alcançar a mesma altura novamente. Mesmo relatando Gurdjieff em *Na Busca do Miraculoso* ele não alcançou a mesma altura. Quando traiu Gurdjieff ele tentou finalmente criar algo melhor do que o *Tertium*. Como seu último esforço ele escreveu *O Quarto Caminho* mas falhou totalmente. O livro é bom, bom para qualquer currículo de universidade. Vocês podem ver que tenho os meus métodos próprios de condenar algo...

O Quarto Caminho pode ser parte do currículo regular em um curso universitário, mas, além disso, ele não é nada. É o pior livro que Ouspensky escreveu, embora estivesse tentando fazer o seu melhor. Foi seu último livro.

Esta é a dificuldade com tudo o que é grande: se vocês tentarem, vocês errarão. Ele vem sem esforço ou não vem de maneira alguma. Ele o visitou no *Tertium Organum* e Ouspensky não tinha nem consciência disso. As palavras no *Tertium* são tão poderosas que não é possível acreditar que o autor não é iluminado, que ainda está buscando por um mestre, que ainda está em busca da verdade.

Eu era um estudante pobre, trabalhando o dia inteiro como jornalista – esse é o pior emprego que existe, mas era o que estava disponível para mim naquela época – e eu precisava tanto que tive que ingressar em uma faculdade noturna. Então todo o dia eu trabalhava como jornalista e, à noite, ia para a faculdade. De certo modo o meu nome pertence à noite. Rajneesh significa lua: rajni significa noite, eesh significa Deus – Deus da noite.

Então as pessoas costumavam rir e dizer: “Isso é estranho: você trabalha o dia todo, e vai estudar a noite. Você está tentando cumprir o seu nome?”

Agora posso respondê-las, sim – escreva em letras maiúsculas – SIM, eu estava tentando cumpri-lo por toda a minha vida. O que poderia ser mais belo do que ser uma lua cheia? Então, como um estudante pobre naqueles dias, eu costumava trabalhar o dia todo. Mas sou um homem louco, rico ou pobre não importa...

Nunca gostei de ler livros emprestados dos outros. De fato, não gosto nem de emprestar de uma biblioteca, porque um livro de biblioteca é como uma prostituta. Odeio ver as marcas, os sublinhados de outras pessoas. Sempre amo o fresco, a frescura nívea.

O *Tertium Organum* era um livro caro. Na Índia, naqueles dias, eu estava recebendo um salário de apenas setenta rúpias por mês, e, por coincidência, o livro custava exatamente setenta rúpias – mas eu o comprei. O vendedor de livros ficou admirado. Ele disse, “Mesmo o homem mais rico da nossa comunidade não pode comprar. Por cinco anos mantive-o a venda, e ninguém o comprou. As pessoas vinham e olhavam para ele, então abandonavam a ideia de comprar. Como você pode, um estudante pobre, trabalhando o dia todo e estudando à noite, trabalhando quase vinte quatro horas por dia, como você pode adquiri-lo?”

Eu disse, “Este livro eu posso comprá-lo mesmo se tivesse que pagá-lo com a minha vida. Apenas ler a primeira linha é o suficiente. Eu tinha que tê-lo qualquer que fosse o preço.”

Aquela primeira sentença que li na introdução era, “Este é o terceiro cânon do pensamento, e existem apenas três. O primeiro foi o de Aristóteles; o segundo de Bacon, e o terceiro, o meu próprio.” Eu estava excitado pela ousadia de Ouspensky, que ele disse, “O terceiro existia antes até mesmo do primeiro.” Foi esta sentença que colocou fogo em meu coração.

Dei ao vendedor de livros todo o meu salário do mês. Vocês não podem entender, porque naquele mês eu tive que quase morrer de fome. Posso lembrar aquele belo mês: sem comida, sem roupas – nem mesmo abrigo; porque não consegui pagar o aluguel fui colocado para fora do meu pequeno quarto. Mas eu estava feliz com o *Tertium Organum* sob o céu. Li este livro sob uma lâmpada de poste – confesso – e vivi este livro. Este livro é tão belo, e ainda mais agora que sei que o homem não conhecia de maneira alguma. Como ele conseguiu? Deve ter sido uma conspiração dos deuses, algo do além. Não posso mais resistir de usar o nome que os sufis usam; eles o chamam khidr. Khidr é o poder que guia àqueles que necessitam de orientação.

Tertium Organum é o segundo livro.

Terceiro: *Geet Govind* – a canção de Deus. Este livro foi escrito por um poeta muito condenado pelos indianos, porque no *Geet Govind*, a sua canção de Deus, ele fala muito de amor. Os indianos são tão contra o amor que nunca apreciaram essa grande obra.

O *Geet Govind* é algo que deve ser cantado. Nada por ser dito dele. É uma canção de um Baul, a música de um louco. Se vocês o dançarem e cantarem, vocês o entenderão, não há outra forma.

Não estou mencionando o nome do homem que o escreveu. Isso não é importante. X-Y-Z... não que eu não saiba o nome, mas não vou mencioná-lo pela simples razão que ele não pertence ao mundo dos budas. Entretanto ele fez um grande serviço.

Quarto: Agora seja paciente, porque tenho que completar a lista de dez. Não consigo contar além disso. Por que dez? – porque tenho dez dedos. É assim que o número dez surgiu: dez dedos. O ser humano começou a contar em seus dedos então o dez tornou-se o número básico.

Quarto: *Samayasara* de Kundkunda. Eu nunca falei sobre ele. Decidi várias vezes, mas sempre abandonei a ideia. Esse é um dos maiores livros que os jainas produziram, mas é muito matemático; é por isso que sempre abandonei a ideia. Amo poesia. Se ele fosse poético eu teria falado dele. Falei até mesmo de poetas não-iluminados, mas não falei de lógicos e matemáticos iluminados. A matemática é muito seca. A lógica é um deserto.

Talvez ele esteja aqui entre os meus sannyasins... mas ele não pode estar. Kundkunda foi um mestre iluminado, ele não pode nascer novamente. O seu livro é belo, só posso dizer isso. Não falarei nada mais porque é matemático... A matemática também tem a sua beleza, o seu ritmo, é por isso que a aprecio. Ela tem a sua própria verdade, mas é muito limitada e excessivamente da mão direita.

Samayasara significa a essência. Se por acaso vocês cruzarem com o *Samayasara* de Kundkunda, então, por favor, nunca o segure com as suas mãos esquerdas. Mantenham-no na mão direita. É um livro da mão direita, direita em todos os sentidos. É por isso que recusei falar sobre ele até agora. É certo que sinto um pouco de aversão a ele – claro que com lágrimas nos meus olhos, porque conheço a beleza do homem que o escreveu. Amo Kundkunda, e essencialmente odeio a sua expressão matemática.

Gudia, você pode ter um pouco mais de liberdade porque tenho que falar sobre mais quatro livros. Se quiser, você pode sair novamente.

Quinto: *A Primeira e a Última Liberdade de Krishnamurti*. Amo esse homem e odeio esse homem. Amo-o porque ele fala a verdade, mas odeio-o por sua intelectualidade. Ele é somente razão, racionalidade. Pergunto-me se ele não pode ser a reencarnação do maldito grego Aristóteles. A sua lógica é o que odeio, o seu amor é o que respeito – mas seu livro é belo.

Este foi o seu primeiro livro depois da sua iluminação, e o último também. Embora muitos outros livros tenham aparecido, eles são apenas repetições pobres do mesmo. Ele não foi capaz de criar nada melhor do que *A Primeira e a Última Liberdade*.

É um fenômeno estranho: Khalil Gibran escreveu sua obra-prima *O Profeta* quando tinha apenas dezoito anos, e lutou sua vida toda para criar algo melhor e não conseguiu. Ouspensky não pôde ir além do *Tertium Organum* mesmo ao encontrar Gurdjieff, viver e trabalhar com ele por muitos anos. E assim também é o caso com J. Krishnamurti: o seu livro *A Primeira e a Última Liberdade* é realmente o primeiro e o último.

Sexto. O sexto é um livro de outro chinês. *O Livro de Huang Po*. É um livro pequeno, não é um tratado, apenas fragmentos. A verdade não pode ser expressa em um tratado, vocês não podem escrever um Ph.D. sobre ela. Um Ph.D. é um título que deve ser dado aos tolos. Huang Po escreve em fragmentos. Na superfície eles parecem desconectados, mas não são. Vocês têm que meditar e então podem encontrar a conexão. É um dos livros mais meditativos já escritos.

Em inglês *O Livro de Huang Po* foi traduzido da maneira inglesa como *Os Ensinos de Huang Po*. Até mesmo o título está errado. As pessoas como Huang Po não ensinam. Não há ensinamentos nele. Vocês têm que meditar, estar em silêncio, para entendê-lo.

O sétimo é *O Livro de Hui Hi*. Novamente em inglês é traduzido como *Os Ensinos de Hui Hi*. Esses pobres ingleses, eles pensam que não há nada mais na vida além de ensinamentos. Esses ingleses são todos professores. E esteja atento as inglesas; caso contrário vocês podem ser pegos por uma professora!

Hui Hi e Huang Po são ambos mestres. Eles transmitem, não ensinam. Por isso eu o chamo de *O Livro de Hui Hi*, embora vocês não o encontrarão nas bibliotecas. Nas bibliotecas vocês encontrarão *Os Ensinos de Hui Hi*.

Oitavo: o último – pelo menos por hoje, porque ninguém sabe sobre o amanhã. Outros demônios podem começar a bater nas minhas portas. Devo ter lido mais do que qualquer ser humano vivo na Terra, e lembre-se, não estou me gabando, mas apenas declarando um fato. Devo ter lido pelo menos cem mil livros, possivelmente mais, mas não menos que isso, porque depois disso parei de contar. Então não sei sobre amanhã, mas sobre o oitavo de hoje... estou me sentindo um pouco culpado porque eu não falei para vocês o nome do autor de *Geet Govind*. Vou dizê-lo, mas primeiro deixe-me terminar o oitavo.

O oitavo livro que me impressionou imensamente é um estranho, obviamente: caso contrário ele não me impressionaria de maneira alguma. Vocês ficarão chocados! Adivinhem qual pode ser o oitavo livro... sei que vocês não o podem adivinhar – ele não está em sânscrito ou chinês, japonês ou árabe. Vocês já ouviram falar sobre ele, vocês podem até tê-lo em sua casa. É a *Canção de Salomão* do *Velho Testamento*. Este livro eu amo sinceramente. Odeio tudo o que é judeu, exceto a *Canção de Salomão*.

A *Canção de Salomão* é muito mal-entendida por causa dos supostos psicólogos, particularmente os freudianos – as fraudes. Eles têm interpretado a *Música de Salomão* da pior maneira possível; eles a transformaram em uma música sexual. Ela não é. É sensual, isso é verdade, muito sensual, mas não sexual. Ela é tão viva, por isso é sensual. Ela está tão cheia de sumo, por isso ela é sensual... mas não sexual. O sexo pode ser uma parte dela, mas não desencaminhe a humanidade. Mesmo os judeus ficaram com medo dela. Eles pensam que ela foi incluída no *Velho Testamento* por acidente. De fato, esta música é a única coisa que vale a pena conservar; todo o restante merece ser jogado no fogo.

A minha hora acabou? Tão ruim. Vocês disseram “Sim,” mas o que posso fazer? – esta é a própria beleza. Obrigado a ambos.

Om Mani Padme Hum.

Quão belo é parar nessa beleza. Não, não, não. Esse “Não” é o que os indianos falam quando alcançam a iluminação. Então eles não querem nascer novamente. Eles dizem “Não, não, não...” Depois dessa bela experiência, para que continuar?

Sessão 4

Certo. Prepare-se para suas notas.

O mundo perderia muito sem as pessoas como Devageet. Nós não saberíamos nada de Sócrates se Platão não escrevesse as suas notas, nem de Buda, nem Bodidarma. Jesus também é conhecido através das notas de seus discípulos. Diz-se que Mahavira nunca declarou uma única palavra. Sei porque isso é dito. Não é que ele não declarou uma única palavra, mas que ele nunca comunicou ao mundo diretamente; foi sempre através das notas de seus discípulos.

Não há nenhum caso conhecido onde uma pessoa iluminada tenha escrito algo ela própria. Como vocês sabem, para mim uma pessoa iluminada não é a coisa última. Há ainda um estado transcendental que não é nem iluminado nem não-iluminado. Ora, esse estado de consciência se dá apenas através da comunhão íntima – *não* estou usando a palavra comunicação de propósito, mas comunhão – um tipo de fusão em que o discípulo torna-se apenas a mão do mestre.

Então prepare-se para as suas notas, porque da última vez, apesar de relutantemente, eu ia mencionar o nome do poeta cantor de *Geet Govind*. De alguma maneira, no entanto, consegui não o mencionar. Fingi tê-lo esquecido, mas isso pesa sobre mim. O dia todo senti-me um pouco preocupado em relação a Jaydeva – este é o nome do poeta cantor de *Geet Govind*.

Por que eu não estava disposto a mencionar o seu nome? Para o próprio bem dele. Ele não chegou nem perto da iluminação. Mencionei Mikhail Naimy, o criador de *O Livro de Mirdad*; mencionei Khalil Gibran e muitos outros: Nietzsche, Dostoiévski, Walt Whitman. Eles não são iluminados, mas estão no limite; um empurrão e eles entrarão no templo. Eles estão parados na porta, sem ter a ousadia necessária para bater... e a porta não está trancada. Eles podem empurrar e ela abrir-se-á. Ela já está aberta, só precisa de um empurrão, assim como eles precisam de um empurrão. Por isso mencionei o nome deles.

Mas Jaydeva não está nem perto do templo. É um milagre como o *Geet Govind* desceu até ele. Mas ninguém conhece os mistérios de Deus – e lembre-se que não há Deus, é apenas uma expressão. Ninguém conhece os mistérios da existência, a sua abundância. Às vezes ela verte em uma terra estéril, às vezes ela não chove em um solo fértil. É simplesmente assim, nada pode ser feito em relação a isso.

Jaydeva é uma terra infértil. *Geet Govind*, essa poesia tremendamente bela, a canção de Deus, desceu sobre ele. Ele deve tê-la cantado, composto, sem saber o que estava fazendo. Não o vejo em nenhum lugar perto do templo, é por isso que eu estava relutante em dizer o seu nome. Isso pode torná-lo ainda mais egoísta. É por isso que falei “para o bem dele”, mas senti que a falha não é do pobre homem – qualquer coisa que ele é, ele é – mas ele deu à luz a uma criança bela, e, se mencionei a criança, então permita-me mencionar o nome do pai; caso contrário as pessoas pensarão que a criança é bastarda. O pai pode ter sido, mas a criança não.

Sinto um grande alívio porque terminei com Jaydeva para sempre. Mas há uma fila na porta. Vocês não sabem o dilema em que me encontro. Não pensei nisso antes, porque não sou um pensador e nunca penso antes de pular. Pulo, então penso. Foi apenas circunstancialmente que mencionei dez belos livros. Eu não estava pensando que muitos outros começariam a me aborrecer.

Primeiro: Os *Fragmentos* de Heráclito. Amo este homem. Deixe-me mencioná-lo, apenas de passagem, como uma nota na margem, que amo tudo, mas não gosto de tudo. Gosto de poucos e não gosto de poucos, mas amo todos. Sobre isso não há questão. Amo Jaydeva da mesma forma que amo Heráclito, mas de Heráclito eu também gosto.

Há muito poucos que posso colocar na mesma categoria que Heráclito. De fato, mesmo dizer isso não é verdade; não há ninguém. Agora estou dizendo o que eu sempre quis dizer. Não há ninguém, repito, que pode ser colocado na mesma categoria que Heráclito. Ele está bem longe – perigosamente desperto, sem temer as consequências do que está falando.

Ele diz nesses *Fragmentos* – novamente as notas de um Devageet, um discípulo. Heráclito não escreveu. Deve haver algo, alguma razão para essas pessoas não escreverem, mas trataremos disso mais para frente. Heráclito diz nos *Fragmentos*: “Você não pode entrar no mesmo rio duas vezes.” E então ele diz: “Não, você não pode entrar no mesmo rio nem mesmo uma vez...” Isso é tremendamente belo, e verdadeiro também.

Tudo está mudando e mudando tão rápido que não é possível entrar no mesmo rio duas vezes; vocês não podem nem mesmo entrar no mesmo rio uma vez. O rio está constantemente fluindo; fluindo para o oceano, para o infinito, indo desaparecer no desconhecido.

Esse é o primeiro da minha lista esta noite: Heráclito.

Segundo: Os *Versos Dourados* de Pitágoras. Ele foi um dos homens mais mal-entendidos, obviamente. Se você sabe, com certeza será mal-entendido, isso é certo. Entender é tão perigoso, porque então você será mal-entendido. Pitágoras não foi entendido nem pelos seus próprios discípulos, nem mesmo por aqueles que escreveram os *Versos Dourados*. Eles escreveram-no mecanicamente... porque nem mesmo um único discípulo de Pitágoras alcançou a sua altura, nem mesmo um tornou-se iluminado. E os gregos o ignoraram completamente. Eles ignoraram o seu melhor: Heráclito, Sócrates, Pitágoras, Plotino. Eles quiseram ignorar Sócrates também, mas isso já era demais. Então eles tiveram que envenená-lo, eles não podiam apenas o ignorar.

Mas Pitágoras é completamente ignorado, e ele tem a mesma chave que Gautama o Buda, Jesus, ou qualquer outro iluminado. Uma coisa a mais: nem Jesus, nem Buda, nem Lao Tsé fizeram tanto esforço para encontrar a chave quanto Pitágoras. Ele trabalhou muito. Pitágoras foi o buscador mais autêntico. Ele arriscou tudo. Ele viajou por todo o mundo conhecido naqueles dias; estudou com todos os tipos de mestres; entrou em todos os tipos de escolas de mistério e satisfez as suas condições. Ele é uma categoria própria.

Terceiro: Um homem que não é tão conhecido, nem mesmo pelos seus próprios conterrâneos. O seu nome é Saraha, e o livro é chamado *A Canção de Saraha*; este é o título em tibetano. Ninguém sabe quem o escreveu. Uma coisa é certa, Saraha nunca o fez, ele apenas o cantou. Mas ele tem a fragrância de um homem que sabe, de um homem que atingiu. A música não é a composição de um poeta, mas a realização de um místico. São apenas algumas linhas, mas de tamanha grandeza e beleza que as estrelas podem sentir-se envergonhadas.

A Canção de Saraha não foi traduzido. Eu o ouvi de um lama tibetano. Eu gostaria de ouvi-lo várias vezes, mas o lama fedia tanto que tive que dizer “Obrigado...” Lamas fedem

porque eles nunca tomam banho. O lama fedia – e sou alérgico a cheiros – foi demais para mim até mesmo ouvir a música inteira! Eu estava preocupado que eu teria um ataque de asma.

Falei muito de Saraha; ele é a fonte original da escola do tantra.

Quarto: Tilopa e as poucas notas da sua música deixadas pelos seus discípulos. Surpreende-me, sem esses discípulos, nós teríamos perdido muito. Essas pessoas que estavam apenas escrevendo qualquer coisa dita pelo mestre, sem pensar se estava certo ou errado, apenas tentando pôr em palavras as mais corretas possíveis. E é uma tarefa difícil. Um mestre é um louco, ele pode dizer qualquer coisa, ele pode cantar qualquer coisa, ou ele pode permanecer em silêncio. Ele pode somente fazer alguns poucos gestos com suas mãos, e esses gestos devem ser entendidos. Foi isso o que fez continuamente Meher Baba por trinta anos. Ele permaneceu em silêncio, apenas fazendo gestos com suas mãos.

A minha numeração está incorreta, Devageet?

“Não, Osho.”

Que bom... é tão bom estar correto às vezes. Com os números sou realmente bom. É uma estranha coincidência que eu tenha perguntado no momento certo. Sempre fico confuso com os números. Não consigo contar, pela simples razão que eu estou encarando o imensurável, o incontável. A verdade que estou encarando não está em palavras, nem em números. A verdade transcende tudo e é tão maravilhosa que confunde. Tudo fica de ponta cabeça, bizarro. Então isso é um grande elogio, que você disse que eu estava certo. Mas agora por favor diga-me, qual era o número?

“Número cinco, Osho.”

Obrigado.

Quinto: O homem que mencionarei agora não é reconhecido como iluminado porque não havia ninguém para o reconhecer. Apenas uma pessoa iluminada pode reconhecer outra. O nome desse homem é D.T. Suzuki. Esse homem fez mais do que qualquer outro no mundo moderno para tornar a meditação e o Zen acessíveis. Suzuki trabalhou toda a sua vida para introduzir no Ocidente o núcleo mais íntimo do Zen.

‘Zen’ é apenas a pronúncia Japonesa da palavra sânscrita dhyana – meditação. Buda nunca utilizou o sânscrito; ele o odiava, pela simples razão que o sânscrito tornou-se o idioma dos sacerdotes e estes estão sempre a serviço do demônio. Buda utilizava um idioma muito simples, aquele utilizado pela sua gente no vale do Nepal. O nome desse idioma é pali. Em pali dhyana é pronunciada ch’ana. As pessoas simples, ordinárias, iletradas, não podem apreciar as sutilezas de qualquer idioma. Elas o utilizam de acordo consigo mesmas. É como uma rocha rolando rio abaixo, ela se torna redonda. É por isso que todas as palavras utilizadas pelas pessoas começam a ter uma certa esfericidade, uma simplicidade particular. Dhyana é difícil para as pessoas ordinárias pronunciarem; elas pronunciavam ch’ana. Quando alcançou a China, de ch’ana ela tornou-se ch’na, e quando viajou para o Japão tornou-se zen. Vocês podem ver – acontece em todos os lugares – as pessoas sempre tornam as palavras simples.

O livro de D.T. Suzuki *O Zen e a Cultura Japonesa* é o meu quinto. Esse homem fez muito para a humanidade, a ponto de ninguém poder transcendê-lo. A sua obra é imensa. Todo o mundo está em débito com ele e essa dívida permanecerá. Suzuki deveria ser uma palavra familiar. Ela ainda não é... estou falando que deveria ser. Pouquíssimas pessoas estão conscientes, e é responsabilidade das pessoas que estão conscientes espalhar a sua consciência para longe.

Sexto: Introduzirei um francês para vocês. Vocês ficarão surpresos. Por dentro vocês estão perguntando, “Um francês? E sendo listado pelo Osho juntamente com Pitágoras, Heráclito, Suzuki? Ele ficou realmente louco?”

Sim, nunca fui são, não nesses últimos vinte e cinco anos, ou um pouco mais. Antes disso eu também era são, mas graças a Deus – lembre-se novamente que é apenas uma expressão, porque Deus não existe, apenas a divindade. Não esqueço de o mencionar porque existe toda a possibilidade de mesmo os meus seguidores, os meus discípulos, comecem a adorar Deus – ou a mim como um Deus. Deus não existe, nunca existiu.

Nietzsche está errado quando diz, “Deus está morto!” – não porque Deus esteja morto, mas porque ele nunca esteve vivo, então como poderia estar morto? Para estar morto é preciso primeiramente satisfazer a condição de estar vivo. É aí que Sartre está errado: ele concorda com Nietzsche. Eu digo “Obrigado Deus!” – utilizo a palavra porque não há outra para utilizar em seu lugar. Mas é apenas uma palavra, sem conteúdo. “Obrigado Deus” simplesmente quer dizer que é bom, que é belo.

Estou me sentindo tão alegre que, Devageet, você tem que lembrar-me novamente qual era o sexto livro que eu estava falando.

“Um francês, Osho.”

Certo. Eu ainda não mencionei o nome. O livro é *Deixe Ir* de Hubert Benoit. Ele deveria estar na estante de todo meditador. Ninguém escreveu tão cientificamente e, entretanto, tão poeticamente. É uma contradição, mas ele conseguiu. *Deixe Ir* de Hubert Benoit é o melhor que surgiu do mundo Ocidental moderno. É o melhor livro do século no que diz respeito ao Ocidente.

O sétimo: Ramakrishna, as suas *Parábolas*. Vocês sabem que não gosto muito de santos. Isso não significa que gosto deles um pouco – simplesmente não gosto deles de maneira alguma. De fato, para falar a verdade, odeio-os. Santos são falsos, enganosos, da matéria da qual a mentira é feita. Mas Ramakrishna não pertence a eles – novamente, obrigado Deus! Pelo menos existem algumas poucas pessoas que são santificadas e, entretanto, não são santas.

As *Parábolas* de Ramakrishna são muito simples. Parábolas necessariamente são simples. Vocês se lembram das parábolas de Jesus? Essas são parecidas. Se uma parábola é difícil então ela não é mais útil. Uma parábola só é necessária se ela pode ser entendida pelas crianças de todas as idades. Sim, crianças de todas as idades. Existem crianças de dez anos e existem crianças de oito anos, e assim por diante... mas elas são todas crianças brincando na praia, coletando conchas. As *Parábolas* de Ramakrishna é meu sétimo livro.

Oitavo: *As Fábulas de Esopo*. Ora, Esopo não é realmente uma pessoa histórica; ele nunca existiu. Buda utilizou todas aquelas parábolas em seus sermões. Com a viagem de Alexandre para a Índia, aquelas parábolas foram trazidas para o Ocidente. É claro que muitas coisas mudaram, até mesmo o nome de Buda. Buda era chamado de o Bodisatva.

Buda disse que existem dois tipos de budas: um é o arhat, alguém que atingiu a sua budidade e então não se preocupa com ninguém mais; e o bodisatva, que atinge a budidade e então dá o seu melhor para ajudar os outros no caminho. ‘Bodisatva’ foi a palavra carregada por Alexandre como *bodhisat*, que então tornou-se Josephus; então, de Josephus tornou-se Esopo. Esopo não é uma pessoa histórica, mas as parábolas são tremendamente significantes. Este é meu oitavo livro de hoje.

Nono: o *Mula Madhyamika Karika* de Nagarjuna. Não gosto muito de Nagarjuna; ele é um filósofo, e eu sou anti-filosófico. Mas o seu *Mula Madhyamika Karika*, os seus *Karikas* para abreviar... *Mula Madhyamika Karika* significa a essência do caminho do meio – o essencial caminho do meio. Em seus *Karikas* ele alcançou as profundezas da capacidade das palavras. Nunca falei sobre ele. Se vocês querem falar sobre o essencial, a melhor maneira é não falar de maneira alguma, apenas ficar em silêncio. Mas o livro é tremendamente belo.

Décimo: o último dessa noite é um livro estranho; ordinariamente ninguém pensaria que eu o incluiria. É a grande obra de Marpa, o místico tibetano. Mesmo os seus seguidores não o leram; não é feito para ser lido, é um enigma. Vocês têm que meditar sobre ele. Vocês têm que apenas olhar para ele e então, de repente, o livro desaparece – os seus conteúdos desaparecem, e apenas a consciência permanece.

Marpa era um homem muito estranho. O seu mestre Milarepa costumava dizer, “Até mesmo eu me curvo para Marpa.” Nenhum mestre disse isso, mas Marpa era um ser humano tal...

Alguém certa vez disse a Marpa, “Você acredita em Milarepa? Se sim então pule nesse fogo!” Imediatamente ele pulou! As pessoas correram por todos os lados para extinguir o fogo sabendo que Marpa tinha pulado nele. Quando o fogo foi extinto eles o encontraram sentado na postura de buda rindo hilariantemente!

Eles perguntaram a Marpa, “Por que você está rindo?”

Ele disse, “Estou rindo porque a confiança é a única coisa que o fogo não pode destruir.”

Este é o homem cujas canções simples conto como o décimo – *O Livro de Marpa*.

A minha hora acabou? Posso ouvir vocês falando sim, embora eu saiba que a minha hora nem chegou ainda. Como ela pôde terminar? Eu vim antes do meu tempo, é por isso que sou mal-entendido.

Mas, em relação a vocês, vocês estão certos: a minha hora terminou. E isso é realmente belo. Não há expressão para isso. Isso é tão belo, é melhor terminar agora.

Sessão 5

Agora o trabalho começa.

“Athato brahman jigyasa – agora a investigação sobre o supremo...” é assim que Badrayana começa o seu grande livro, talvez o maior. O livro de Badrayana é o primeiro que vou falar sobre hoje. Ele começa seu grande livro *Brahman Sutras* com essa sentença: “Agora a investigação sobre o supremo.” É assim que todos os sutras no Oriente começam, sempre com “Agora... athato,” nunca de outra forma.

Badrayana é um daqueles que necessariamente serão mal-entendidos, pela simples razão que ele é muito sério. Um místico não deveria ser tão sério, essa não é uma boa qualidade. Mas ele era um brâmane vivendo há milhares de anos atrás, vivendo entre brâmanes, falando como brâmane, e os brâmanes são as pessoas mais sérias do mundo. Vocês sabiam que a Índia não tem piadas? Não é estranho que um país tão grande não tenha piadas? Uma história tão grande sem piadas! Os brâmanes não podiam fazer piadas porque a piada parecia muito profana, e eles são pessoas sagradas.

Posso entender e perdoar Badrayana, mas não posso esquecer de mencionar que ele é um pouco sério demais. Hesitei em incluí-lo na minha lista de livros. A hesitação foi unicamente por causa da sua seriedade. Não hesitei sobre *Mirdad*; não hesitei nem um pouco até mesmo em relação ao *Rubaiyat*, de Omar Khayyam. Mas hesitei sobre Badrayana e seus *Brahman Sutras*, que no Oriente é considerado um dos maiores livros – e certamente o é.

Li muitos livros sérios, até mesmo o *Tudo e Todo* daquele santo velhaco George Gurdjieff, mas não há nada que compita com o *Brahman Sutras* de Badrayana em relação à seriedade. Ele é o máximo em sua seriedade também. Infelizmente, se ele pudesse ter gargalhado um pouco!

Os cristãos acreditam que Jesus nunca riu. Refuto isso. Refuto absolutamente! É possível em relação a Badrayana; ele pode nunca ter rido. Ele é tão sério, totalmente sério. Vocês não podem criar um livro mais sério. Milhares de comentários foram escritos para explicar o que ele quer dizer. A verdade não necessita de comentário, mas quando vocês a colocam em uma veste séria, naturalmente os comentadores seguem-se, e os comentadores sempre servem ao demônio. Ainda assim é um grande livro; apesar da seriedade de Badrayana, ele é excelente. Badrayana alcança o mais alto, o supremo, com grande sagacidade, com grande eficiência, a eficiência de um cientista.

Na Índia uma pessoa é chamada de *acharya*, um mestre, apenas se escreveu um comentário sobre três coisas: primeiro, os cento e oito *Upanishads*; segundo, *Shrimad Bhagavadgita*, as canções celestiais de Krishna; terceiro, o mais importante de todos, os *Brahman Sutras* de Badrayana. Eu nunca falei sobre ele. Fui chamado de *acharya* por muitos anos, e as pessoas perguntavam-me se eu tinha escrito todos os comentários – o *Gita*, os *Upanishads* e os *Brahman Sutras*. Eu ria e dizia, “Eu só conto piadas, não escrevo nenhum comentário de maneira alguma. O fato de eu ser chamado de *acharya* é uma piada, não levem isso a sério.”

O *Brahman Sutra*. *Brahman* é conhecido e entendido como Deus, mas não é assim. *Brahman* não tem nada a ver com a ideia cristã de Deus criando o mundo quatro mil e quinhentos anos antes de Jesus Cristo. Quando falo penso que se Badrayana tivesse ouvido, talvez até mesmo ele riria, talvez perdesse a sua seriedade. *Brahman* não significa Deus;

brahman significa divindade, o divino que permeia toda a existência... o todo, a santidade do todo.

Sutra significa simplesmente um rastro. Vocês não podem falar muito sobre Brahma; qualquer coisa que vocês digam sobre é apenas um rastro, uma pista. Mas uma pista pode tornar-se uma ponte, um rastro pode tornar-se uma ponte, e Badrayana fez uma ponte no interior dos seus sutras.

Amo o livro apesar da seriedade de Badrayana. Odeio tanto a seriedade que tive que dizer “apesar da seriedade de Badrayana.” Ainda o amo por criar um dos livros mais significantes do mundo. As ‘bíblis’ estão muito longes dos *Sutras* de Badrayana, elas não chegam nem perto deles.

Segundo: os *Bkati Sutras* de Narada. Narada é o oposto de Badrayana, e amo colocar os opostos juntos. Gostaria de colocar Narada e Badrayana no mesmo quarto e desfrutar qualquer coisa que acontecesse entre eles. Narada sempre carregava uma *ektara*, um instrumento musical com apenas uma corda – *ek* significa um, e *tara* significa corda. Narada sempre carregava a sua *ektara*, tocando-a, cantando e dançando. Badrayana não o toleraria de maneira alguma. Posso tolerar todos os tipos de pessoas. Badrayana poderia berrar e gritar com Narada. Narada não era o tipo de pessoa que teria ouvido Badrayana; ele continuaria a tocar, cantando ainda mais alto para irritar Badrayana. Eu desfrutaria vê-los ambos juntos no mesmo quarto. É por isso que o segundo livro que escolhi foi os *Bhakti Sutras* de Narada.

Os seus sutras começam com “athato bhakti jigyaasa – agora a investigação sobre o amor...” Investigar o amor é a maior exploração, a maior investigação. Todo o resto fica pequeno, mesmo a energia atômica. Vocês podem ser um cientista até mesmo do calibre de Albert Einstein, mas vocês não conhecem a investigação real a menos que amem. E não apenas amem, mas amem com consciência... então isso se torna uma investigação do amor, a tarefa mais difícil do mundo.

Deixem-me repetir, é a tarefa mais difícil do mundo – o amor com consciência. As pessoas caem de amor* [NdT. *fall in love*]; as pessoas tornam-se inconscientes no amor. O amor delas é apenas biológico, é gravitação. Elas são puxadas para baixo em direção à terra. Mas Narada está falando sobre um amor totalmente diferente: o amor como meditação, como consciência. Ou, em termos científicos, o amor como levitação, contra a gravidade. Deixe a gravitação para a sepultura; levite, erga-se! E quando alguém começa a elevar-se para o amor, voar em direção às estrelas, isso é athato bhakti jigyaasa.

Por que vocês parecem todos tão preocupados? Amo os demônios – deixe-os trabalhar, deixe-os criar o máximo de barulho que puderem. Em relação a mim eles não podem me perturbar, e, em relação a vocês, vocês já estão perturbados, o que mais eles podem fazer? Então tudo está perfeitamente bem, tudo é como deveria ser.

Amei o livro de Narada tremendamente. Falei sobre ele, mas não em inglês, porque o inglês não é a minha língua, e, além disso, é muito científica, matemática, moderna. Falei de Narada em hindí, a minha língua materna, na qual posso cantar mais facilmente. Está mais próxima do meu coração.

Um dos meus professores costumava dizer, “Você não pode amar em uma língua estrangeira e você também não pode brigar.”

Quando se trata de uma briga uma pessoa quer falar a linguagem do coração. Quando se trata do amor ocorre o mesmo, ainda mais porque uma profundidade maior é necessária.

Quando falo em inglês necessariamente o falo erradamente, porque é um trabalho duplo. Eu ainda estou falando em hindi e então traduzindo-o para o inglês. É uma tarefa difícil. Falar diretamente em inglês não ocorreu comigo, obrigado Deus! Lembre-se, Deus não existe; ele é apenas criado para que possamos agradecer a alguém. Espero que alguém traduza o que eu disse sobre Narada.

Falei de muitas coisas em hindi as quais não falei em inglês porque não era possível. E vice-versa também: Falei em inglês de muitas coisas que não eram possíveis falar em hindi. O meu trabalho tem sido um pouco estranho. Quando todos os meus livros forem traduzidos do hindi para o inglês, e do inglês para o hindi, vocês ficarão ainda mais desnorteados, mais intrigados – e eu darei uma grande gargalhada. Se eu estiver no corpo ou não, não importa; Darei uma boa gargalhada, prometo, onde quer que eu esteja! Necessariamente estarei em algum lugar do cosmos. Vendo-os intrigados, desnorteados, balançando as suas cabeças, não sendo capazes de acreditar, porque eu falei em ambas essas linguagens em dimensões diferentes... Eu apenas escolho falar em inglês porque há uma dimensão que não pode ser expressa em hindi.

O terceiro livro é os *Yoga Sutras* de Patanjali. Badrayana é muito sério. Narada é muito não-sério. Patanjali está justamente no meio, exatamente no meio: nem sério nem não-sério, o próprio espírito de um cientista. Falei dez volumes sobre Patanjali, então não há necessidade de falar mais sobre ele. Depois de dez volumes seria difícil dizer qualquer coisa a mais, adicionar qualquer coisa a mais. Apenas uma coisa, que eu amo o homem.

Quarto: Kabir, *As Canções de Kabir*. Nada como isso existe no mundo. Kabir é incrivelmente belo. Um homem sem educação, nascido como um tecelão – de quem ninguém sabe – sua mãe o abandonou nas margens do Ganges. Ele deve ter sido uma criança ilegal. Mas não é suficiente apenas ser legal; ele era certamente ilegal, mas nasceu do amor, e o amor é a lei real. Eu também falei muito de Kabir, então não há necessidade de adicionar qualquer coisa exceto repetir, “Kabir, eu te amo como nunca amei qualquer homem.”

A minha numeração ainda está correta?

“Sim, Osho.”

Isso é ótimo. Os demônios não podem me perturbar de maneira alguma!

Quinto: Agora trago uma mulher. Eu estive pensando repetidas vezes em trazer uma mulher, mas os homens estavam aglomerados na porta – muito descorteses! – e eles não deixavam as mulheres entrar. E a mulher que, de alguma maneira, conseguiu entrar... meu Deus, que mulher! Madame Blá-Blá-Blavatsky. É assim que sempre chamo Blavatsky: Blá-Blá. Ela era ótima para escrever blá-blá – escrevendo tudo sobre nada, criando montanhas de montículos de terra. E eu sabia que ela seria a primeira mulher a entrar. Ela era uma mulher forte. Ela de alguma forma empurrou para longe todos os Patanjalis, Kabirs, Badrayanas, e entrou com sete volumes da *A Doutrina Secreta*. Este é o meu quinto livro. É quase uma

enciclopédia, *Enciclopédia Esotérica*. Ninguém, penso, pode competir com Blavatsky no que diz respeito ao esoterismo – exceto eu é claro; eu posso escrever setecentos volumes. É por isso que evitei falar de *A Doutrina Secreta*: porque se eu falasse sobre os sete volumes de *A Doutrina Secreta*, então, Inshallah, com a vontade de Deus, eu produziria sete centenas de volumes, não menos que isso.

Foi-me relatado que já falei trezentos e trinta e seis livros. Meu Deus! Deus é piedoso – piedoso porque eu não tenho que os ler. Eu não li nenhum deles. Mas Blavatsky imediatamente faria algo a partir disso. É isso o que chamo esotericismo. Trezentos e trinta e seis livros: três-três-seis, isso significa três mais três igual a seis... sessenta e seis; seis mais seis é doze... um mais dois... novamente três! No momento em que vocês chegam ao três então vocês não podem parar o esotérico; ele tem a chave. O esotérico abrirá portas que vocês nunca imaginaram. O três é suficiente para abrir todas as portas, trancadas ou destrancadas.

Blavatsky, pobre mulher – tenho pena dela e a amo também, apesar da sua face, que não é amável, nem mesmo gostável, o que dizer de amor! A sua face só poderia ser usada para assustar as crianças quando estas fazem algo sórdido. Blavatsky tinha realmente uma face muito feia – mas eu tenho pena dela: no mundo dos homens, feito pelos homens, dominado pelos homens, ela é a única mulher que se impôs, dominou, e começou a primeira religião já criada por uma mulher... a Teosofia. Ela competiu com Buda, Zaratustra, Maomé, e a agradeço por isso. Alguém deveria fazê-lo. O homem tem que ser colocado em seu lugar. Agradeço-a por isso.

A Doutrina Secreta, embora cheio de bobagem esotérica, tem muitos diamantes belos também, e muitos lótus. Há muito lixo nele porque ela era uma coletora. Ela seguiu coletando todos os tipos de lixos de todos os locais possíveis, sem se preocupar se eram úteis ou não. Ela era ótima em colocar todo aquele disparate inútil de uma forma sistemática. Uma mulher muito sistemática. Mas há poucos – é triste dizer apenas poucos – diamantes aqui e ali.

Como um todo o livro não tem muito valor. Estou incluindo-o apenas para que algumas mulheres sejam incluídas na minha lista e eu não seja considerado um machista. Não sou. Eu posso ser um feminista, mas não um machista de maneira alguma.

Sexto, *As Canções de Meera*. Depois de Blavatsky eu tenho que incluir Meera apenas para tornar as coisas belas novamente, apenas para equilibrar. Blavatsky é muito pesada e serão necessárias mais algumas mulheres para equilibrá-la. Eu farei isso. Em sexto estão as *Canções de Meera*; elas são as mais belas já cantadas por qualquer homem ou mulher. É impossível traduzi-las.

Meera diz: “main to prem divani – estou loucamente apaixonada, tão loucamente apaixonada que estou louca, louca, louca!” Talvez isso possa ser uma pequena dica de que tipos de canções ela canta. Ela era uma princesa, uma rainha, mas renunciou ao palácio para ser uma pedinte nas ruas. Tocando a sua veena ela dançava no mercado, de vila em vila, cidade em cidade, cantando o seu coração, vertendo a si mesma totalmente. Falei de Meera em hindi; algum dia algum louco pode traduzir o que eu disse.

Sétimo: Outra mulher. Estou apenas tentando equilibrar a pesada Blá-Blá Blavatsky. Ela era realmente pesada, literalmente pesada, deve ter pesado cento e trinta quilos! Cento e trinta quilos e uma mulher! Ela teria arremessado o seu famoso Muhammad Ali em um único

momento. Ela esmagaria o suposto maior de todos os tempos sob os seus pés, não deixando nenhum traço para trás. Cento e trinta quilos – uma mulher real! Não é de surpreender que ela não pôde encontrar um amor, apenas seguidores. Naturalmente, obviamente, vocês não podem amar uma mulher dessas. Se ela forçá-los, vocês podem apenas seguir. Para equilibrar Blavastky, o sétimo, *As Canções de Sahajo*.

Outra mulher, Sahajo. Até o nome é poético, ele significa ‘a própria essência da espontaneidade’. Falei de Sahajo, novamente em hindi, porque o inglês não me permite ser tão poético. Não vejo muita poesia na língua inglesa, e o que vejo em nome da poesia parece tão não-poético que me pergunto porque ninguém se rebela contra isso. Por que não existem pessoas que queiram recomeçar o inglês, mas poeticamente? Ele está se tornando cada vez mais a linguagem do cientista, do técnico, ou, para colocar melhor, do tecnologista. É um infortúnio. Espero que algum dia o que eu disse sobre Sahajo seja conhecido no mundo todo.

Oitavo: outra mulher, porque ainda não equilibrei aquela campeã dos pesos-pesados Blá-Blá Blavatsky. A próxima mulher o fará. Ela é uma sufi; o seu nome é Rabiya al-Adabiya. Al-Adabiya significa ‘da vila de Adabiya’. Rabiya é o seu nome, al-Adabiya é seu endereço. É assim que os sufis a chamam: Rabiya al-Adabiya. A vila tornou-se a própria Meca quando Rabiya ainda estava viva. Viajantes de todo o mundo, buscadores de todos os lugares, chegavam procurando a cabana de Rabiya. Ela era realmente uma mística feroz; com um martelo em sua mão ela podia quebrar o crânio de qualquer um. Ela realmente quebrou muitos crânios e retirou a essência escondida.

Certa vez Hassan foi até ela buscando, investigando. Em uma manhã, enquanto estava com ela, ele pediu o Alcorão para a sua oração matinal. Rabiya deu-lhe o seu próprio livro. Hassan ficou horrorizado; ele disse, “Isso é condenável. Quem fez isso?” Rabiya havia corrigido o Alcorão! Ela tinha riscado muitas palavras em muitos locais. Ela havia até mesmo cortado páginas inteiras. Hassan disse, “Isso não é permitido. O Alcorão não pode ser editado. Quem pode editar o profeta – o último mensageiro de Deus?” É por isso que os islâmicos o chamam de o último mensageiro – porque não haverá mais profetas depois de Maomé, então quem poderia corrigir as suas palavras? Ele está correto e não é corrigível.

Rabiya riu e disse, “Não ligo para a tradição. Vi Deus face a face e alterei o livro de acordo com a minha experiência. Este é o meu livro,” ela falou; “você não pode levantar nenhuma objeção. É meu pertence. Você deveria estar agradecido pois permiti que você o utilizasse. Tenho que ser verdadeira com a minha experiência, não com a de alguém.”

Essa é Rabiya, a mulher incrível. Incluo-a na minha lista. Ela é suficiente para colocar Madame Blavatsky em seu lugar. Novamente, as palavras de Rabiya não foram escritas por ela, mas são apenas notas de discípulos, assim como as de Devageet. Rabiya podia falar algo fora do contexto – ninguém poderia compreender o contexto; de repente ela dizia algo e aquilo era anotado. Assim são as anedotas que ela está relacionada e a anedota que a sua própria vida tornou-se. Eu amo isso.

Meera é bela, mas sem sal, apenas doce. Rabiya é muito salgada. Como você sabe eu sou diabético e não posso comer ou beber muito de Meera – Devaraj não o permitiria. Mas com Rabiya está tudo bem, posso comer qualquer quantidade de sal que eu quiser. Na verdade odeio açúcar e odeio ainda mais a sacarina, o açúcar artificial criado especialmente para diabéticos – mas amo o sal.

Jesus disse aos seus discípulos: Vós sois o sal da Terra. Eu posso falar de Rabiya: Rabiya, você é o sal de todas as mulheres que existiram e existirão na Terra.

Nono: Nanak, o fundador do siquismo, as suas canções. Ele perambulou em torno do mundo conhecido em seus dias com um único discípulo, Mardana. Mardana significa masculino – ‘o realmente bravo’. Para ser um seguidor é preciso ser bravo. Nanak costumava cantar enquanto Mardana tocava sua cítara, e foi assim que eles perambularam em torno do mundo espalhando a fragrância do que é definitivo. As suas canções são tão belas, elas trazem lágrimas aos meus olhos. Só por causa de suas canções uma nova língua foi criada. Porque ele não ouvia a nenhuma gramática, a quaisquer regras de linguagem, regulações, ele criou o punjabi apenas através das suas canções. É uma língua tremendamente forte, assim como a lâmina afiada de uma espada.

Décimo. Eu sempre quis falar de Shankaracharya – o primeiro, não o presente – o Shankaracharya original, o Shankaracharya. Decidi falar sobre o seu famoso livro, *Vivek Chudamani* – A Joia Encristada da Consciência. No último momento... vocês sabem que sou um homem louco; no último momento decidi não falar dele. A razão era simples: o livro é mais lógica do que amor, e eu teria que sofrer daquela lógica. Não é um livro pequeno. É um livro grande e eu falaria sobre ele por oito meses continuamente. Seria uma longa jornada e era melhor cancelá-la, então decidi não falar dele. Mas ele tem que ser incluído entre os grandes livros que estou enumerando.

Vivek Chudamani, de Shankaracharya, tem diamantes aqui e ali, flores, estrelas. Mas o lixo brâmane no meio é muito grande e muito grosso, não posso o tolerar. Mas o livro é ótimo – vocês não podem renunciar a uma mina de diamantes apenas porque há muitas pedras e muita lama em volta.

Décimo primeiro e o último da série: O *Alcorão* de Hazrat Maomé. O *Alcorão* não é um livro para ser lido, mas um livro para ser cantado. Se vocês o lerem, deixarão escapar. Se cantarem-no, se Deus quiser, vocês talvez poderão descobri-lo.

O *Alcorão* não foi escrito por um erudito ou um filósofo. Maomé era absolutamente iletrado, ele não podia nem mesmo assinar o seu próprio nome, mas ele foi possuído pelo espírito de Deus. Por causa da sua inocência ele foi escolhido e iniciou a canção, e esta canção é o *Alcorão*.

Não entendo o árabe, mas entendo o *Alcorão* porque posso entender o ritmo e a beleza do ritmo dos sons árabes. Quem liga para o significado! Quando vocês veem uma flor vocês perguntam, “O que ela significa?” A flor é suficiente. Quando vocês veem uma chama, vocês perguntam, “O que ela significa?” Uma chama é suficiente. A sua beleza é o seu significado. A sua própria insignificância, se rítmica, é significante.

Assim é o *Alcorão* e sou grato que Deus me permitiu – e lembre-se, não há nenhum Deus, essa é apenas uma expressão. Ninguém está permitindo-me. Inshallah, graças a Deus tenho a permissão de terminar essa série com o *Alcorão*, o mais belo, o mais sem sentido, o mais significante embora o mais ilógico livro de toda a história da humanidade.

Sessão 6

Agora o pós-escrito. Na última sessão, quando eu disse que era o fim dessa série de cinquenta livros que eu gostaria de incluir na minha lista, aquilo foi arbitrário. Não quero dizer do fim, mas do número. Escolhi cinquenta porque pensei que seria um bom número. De alguma forma alguém tem que decidir, e todas as decisões são arbitrárias. Mas o homem propõe e Deus dispõe – Deus, que não existe.

Quando eu disse que era o fim da série, a multidão que estava me perturbando – Jaydeva do *Geet Govind*, Madame Blá-Blá Blavatsky de *A Doutrina Secreta*, e toda a companhia, muitos dos quais eu conheço, mas nem mesmo quis reconhecer, o que dizer sobre incluí-los em minha lista. Ouvindo que era o fim, todos dispersaram.

Então, para minha total alegria, vi o significado do provérbio de Jesus: Abençoados são os humildes, pois deles é o reino de Deus. Ele também diz: Abençoados aqueles que são os últimos, que não tentam empurrar – em suma, que não são agressivos, que apenas aguentam e esperam. Quando a multidão dispersou vi aqueles poucos abençoados; por isso o pós-escrito.

Até mesmo eu não pude acreditar que não incluí o *Dhammapada* de Buda. Gautama o Buda estava sentado ali silenciosamente em último da fila. Amo o homem e não amei ninguém mais. Falei sobre ele durante toda a minha vida. Mesmo falando dos outros eu falava dele. Tome nota disso, é uma confissão. Não posso falar de Jesus sem trazer Buda; Não posso falar de Maomé sem trazer Buda. Se menciono ele diretamente ou não essa é outra questão. É realmente impossível para mim falar sem trazer Buda. Ele é meu próprio sangue, meus ossos, minha própria medula. Ele é meu silêncio, minha música também. Quando o vi sentado ali lembrei. Não posso nem mesmo me desculpar, está além do desculpar-se.

Dhammapada literalmente quer dizer ‘o caminho da verdade’, ou ainda mais precisamente ‘as pegadas da verdade’. Vocês veem a contradição?

Chegando

e partindo

a ave aquática

não deixa nenhum traço para trás,

nem precisa de um guia.

A verdade é inefável. Não há pegadas. Os pássaros voando no céu não deixam nenhuma pegada... e os budas são pássaros do céu.

Mas os budas sempre falam por contradições, e é belo que, pelo menos, eles falam. Eles não podem falar sem contradizer a si próprios, eles não podem fazer nada. Falar da verdade é contradizer-se. Não falar é novamente se contradizer, porque mesmo quando vocês não estão

tentando falar, vocês sabem que o silêncio não é nada exceto uma expressão, talvez sem palavras, mas igualmente uma expressão.

Buda deu o nome de *Dhammapada* ao seu maior livro, e existem contradições sobre contradições. Ele é tão cheio de contradições que, acredite, exceto eu ninguém pode vencê-lo. É claro que ele gostaria de ser vencido por mim, assim como um pai, de vez em quando, gosta de ser vencido pelo seu próprio filho. O filho sentado no peito do pai vitorioso, e o pai simplesmente o deixando ganhar. Todos os budas permitem serem vencidos por aqueles que os amam. Permito que meus discípulos derrotem-me, que eles vão além de mim. Não pode existir alegria maior do que ver um discípulo transcender-me.

Buda começa com o próprio nome *Dhammapada* – é isso o que fará: ele falará sobre o inefável, declarará o não-declarável. Mas ele declarou o não-declarável de forma tão bela que o *Dhammapada* é como um Everest. Existem numerosas montanhas, mas nenhuma equiparase ao Everest.

Vi Buda sentado. Vi outros também, os mais belos, os mais humildes – não como Blavastky martelando na porta gritando “Deixe-me entrar!” Vi Mahavira despido... porque a verdade é nua, mantendo-se em total silêncio. Os seus discípulos seguram o seu livro, não ele próprio.

Segundo: *Jin Sutras* – Os Sutras do Conquistador. Jin é uma palavra bela, ela quer dizer conquistador: aquele que conquistou a si próprio.

Falei desses sutras em muitos volumes, mas eles ainda permanecem não traduzidos para o inglês. Uma coisa eu gostaria de falar: que incluo os *Jin Sutras* no pós-escrito.

Ninguém foi tão silencioso quanto Mahavira, nem tão despido. Apenas o silêncio pode ser despido. Lembrem-se, não estou falando nu, estou falando despido. Ambas as palavras são totalmente diferentes. ‘Nu’ é pornográfico; ‘despido’ é apenas totalmente aberto, vulnerável, descoberto. Uma criança não é nua, mas apenas despida. Mahavira despido é tão belo.

Diz-se que ele nunca falou os seus sutras para ninguém; apenas os mais íntimos, sentados ao seu lado, ouviram esses sutras dentro de si próprios. Eles simplesmente ouviram. É uma daquelas coisas milagrosas... Havia um círculo com onze discípulos íntimos ao redor de Mahavira, e quando todos eles simultaneamente ouviram a mesma palavra, então eles pensaram que a palavra valia a pena ser registrada, embora Mahavira não tivesse dito nada abertamente, mas de alguma maneira sutil, através de uma vibração.

Os *Jin Sutras* foram escritos de uma forma totalmente diferente de qualquer outro livro em todo o mundo. O mestre permaneceu em silêncio, e onze discípulos simultaneamente ouviram – ênfase a palavra simultaneamente – a mesma palavra, então eles a registraram. É assim que o *Jin Sutras* nasceu. Que nascimento de um livro! Não é possível conceber um início mais belo, e ele certamente contém a luz mais elevada que um ser humano é capaz e toda a ciência do conquistar a si mesmo.

Terceiro... vi um homem que eu não pude reconhecer. “Estranho,” pensei. “Através de milhares de vidas fui um viajante em muitos caminhos, com muitas pessoas, em muitas escolas. Quem é esse homem? Ele é tão irreconhecível.” Ele não foi um mestre, é por isso que não pude

o reconhecer, mas foi suficientemente humilde para ser incluído. Sempre amei o seu livro. Não posso encontrar nenhuma razão do porquê esqueci de incluí-lo na lista de cinquenta e um. O homem era um grego, Kazantzakis, o autor de *Zorba o Grego*. Nem mesmo sei como o seu nome é pronunciado, mas *Zorba o Grego* é uma obra-prima. O homem que o produziu não é um Buda, nem um Mahavira, mas será capaz de transformar-se em um ou outro a qualquer momento. Ele está quase pronto, maduro, como se apenas estivesse esperando por sua estação.

Zorba é um dos meus amores. Amo pessoas estranhas. Zorba é um homem muito estranho – não é um homem real, apenas fictício, mas para mim ele tornou-se quase uma realidade porque representa Epicuro, Charvaka, e todos os materialistas do mundo. Ele não apenas os representa, mas os representa em sua melhor forma.

Em um lugar Zorba diz ao seu patrão, “Patrão, você tem tudo, mas ainda assim você está perdendo a vida, porque você não tem um pouco de loucura. Se você puder arranjar um pouco de loucura você vai saber o que a vida é.”

Posso entendê-lo; não apenas ele, posso entender todos os Zorbas ao longo das eras, com as suas ‘poucas loucuras.’ Mas não acredito em pouco de nada. Sou louco como se pode ser, totalmente louco. Se vocês são apenas um pouco loucos, é claro que vocês saberão apenas um pouco da vida, mas é melhor do que não saber nada.

Zorba, pobre Zorba, Zorba ignorante, um trabalhador... ele deve ter sido grande, fortemente construído e um pouco louco. Mas ele dá um grande conselho para seu mestre: “Seja um pouco louco,” ele disse. Digo que ser um pouco louco não funciona; seja totalmente louco! Mas vocês podem permitir a loucura total apenas na meditação, caso contrário vocês surtarão. Vocês não serão capazes de a consumir; pelo contrário, ela consumirá vocês. Se vocês não sabem o que a meditação é, vocês serão queimados. Por isso cunhei um nome: Zorba o Buda.

Zorba o Buda é a minha síntese. Amo Kazantzakis por criar uma grande obra de arte, mas também sinto pena dele, porque ele ainda está na escuridão. Kazantzakis, você precisa de um patrão, um pouco de meditação; caso contrário você nunca saberá o que a vida é.

Quarto, vi um dos sujeitos mais belos. Falei sobre ele, mas não o mencionei na lista de cinquenta, a lista arbitrária. O nome do homem é Al-Hillaj Mansoor. Al-Hillaj não escreveu um livro, mas apenas algumas asserções, ou melhor, declarações. As pessoas como Al-Hillaj apenas declaram, não a partir de qualquer egoísmo – elas não têm nenhum ego, é por isso que declaram, “ana’l haq!”

Ana’l haq! é a sua declaração e significa “Sou Deus, e não existe outro Deus.” Os islâmicos não puderam o perdoar; eles o mataram. Mas vocês podem matar um Al-Hillaj? É impossível! Mesmo enquanto eles estavam o matando ele estava rindo.

Alguém perguntou, “Por que você está rindo?”

Ele respondeu, “Porque vocês não estão me matando, vocês estão matando apenas o corpo, e eu falei várias vezes que não sou o meu corpo. Ana’l haq! Sou o próprio Deus.” Ora, esses seres humanos são o próprio sal da terra.

Al-Hillaj Mansoor não escreveu nenhum livro; apenas algumas das suas declarações foram coletadas pelos seus admiradores e amigos. Eu nem mesmo vou falar seguidores, porque

homens como Al-Hillaj não aceitam seguidores, imitadores – eles apenas aceitam admiradores, amigos.

Sinto muito, esqueci dele completamente. Isso não é bom vindo de mim. Mas, Al-Hillaj, você deve entender a minha dificuldade. Li mais livros do que você deve ter ouvido falar. Li mais de cem mil livros. Ora, encontrar apenas cinquenta entre eles é realmente uma tarefa difícil. Escolhi apenas alguns e, naturalmente, tive que deixar muitos de lado, com lágrimas em meus olhos. Eu gostaria de escolhê-los também... mas registrei-te no pós-escrito.

Quinto: Apenas poucas pessoas conhecem esse homem, pela simples razão que ele nunca escreveu e nunca falou. Mahakashyapa. Tudo o que se conhece sobre ele é essa anedota.

Um dia Buda foi fazer o seu discurso da manhã com uma flor de lótus em sua mão. Ele sentou-se silenciosamente olhando para a flor, sem dizer uma palavra. A assembleia de dez mil sannyasins estava desorientada. Não havia precedentes para o que ocorria. Em primeiro lugar Buda, que nunca trouxe nada, chegou com uma flor de lótus; em segundo lugar, ele costumava falar imediatamente, mas hoje os minutos e as horas passaram-se, e ele estava apenas olhando para a flor. Muitos devem ter pensado que ele tinha ficado louco. Apenas um homem não concordou. Ele riu. Este homem era Mahakashyapa.

Buda levantou os seus olhos, riu e chamou Mahakashyapa até ele, deu-lhe a flor, e falou para a assembleia que o sermão havia terminado, dizendo, “Dei-lhes o que vocês têm direito, e dei a Mahakashyapa o que ele merece, e com razão. Falei com vocês por anos com palavras, e vocês nunca entenderam. Hoje falei em silêncio, e o riso de Mahakashyapa mostrou que ele entendeu.” Dessa forma misteriosa o sucessor foi encontrado. Mahakashyapa tornou-se o sucessor de Buda. Uma maneira estranha...

Os discípulos de Mahakashyapa escreveram poucas coisas sobre ele que podem ser chamadas de seu livro. Mas ele realmente não as escreveu, nem os seus discípulos as assinaram. Elas são anônimas. Mas o que quer que tenha sido escrito é de imensa beleza. Poucos fragmentos, assim como pedaços da lua cheia: se vocês puderem colocá-las juntas a lua cheia brilhará novamente. O segredo para colocá-las juntas é a meditação.

A tradição que seguiu Mahakashyapa é o zen. Ele é o primeiro patriarca do zen, de dhyana. Estranho... nem mesmo Buda, mas Mahakashyapa é o primeiro. Porque Buda falou por quarenta anos, Mahakashyapa nunca falou; o único barulho que ele fez foi o do riso. Se vocês puderem chamá-lo de fala, essa é outra questão. Por um lado é uma fala – é dizer que toda a existência é uma piada. É dizer a Buda, “Que piada!”

No momento em que vocês entendem que toda a existência é uma piada, vocês entenderam. Não há outro entendimento, nenhuma outra iluminação. Tudo o que resta é pseudo.

Você pode, Devageet, lembrar-me do número porque mesmo no registro póstumo, no pós-escrito, tenho que ir até dez. Qual é o número que você falou?

“Número seis, Osho.”

Bom. É tão belo que eu disse póstumo. Estou realmente morto, é por isso que permito que vocês me chamem de Abençoado. Se eu não estivesse morto chamar-me de abençoado não estaria certo.

A palavra póstumo veio até mim acidentalmente. Eu ia dizer pós-escrito, mas às vezes a verdade surge acidentalmente. Ela não é arranjada, ordenada, ela simplesmente irrompe como um vulcão. Eu não iria a dizer, mas ela surgiu por si só. A verdade tem os seus próprios caminhos. Sou realmente um homem póstumo; morri faz tempo.

Sexto, vejo Hermann Hesse. Ele não foi um iluminado, nem um daqueles que foram além da iluminação. Ele era apenas um ser humano ordinário, mas em um voo poético ele escreveu um dos maiores livros do mundo, *Siddhartha*.

Siddhartha é realmente o nome de Gautama o Buda, dado a ele pelos seus pais. Ele ficou conhecido com Gautama o Buda. Gautama era o nome da sua família; Buda simplesmente quer dizer “o desperto”. *Siddhartha* era o nome real dado por seus pais depois de consultarem os astrólogos. É um belo nome. *Siddhartha* também significa ‘aquele que atingiu o significado’. *Siddha* significa ‘aquele que atingiu’; *artha* significa ‘o significado’. Combinados *Siddhartha* significa ‘aquele que alcançou o significado da vida’. Os astrólogos, os pais, as pessoas que deram a ele esse nome devem ter sido pessoas sábias – se não iluminadas, pelos menos sábias... pelo menos mundanamente sábias.

O *Siddhartha* de Hermann Hesse repete a história de Buda de uma maneira diferente, mas na mesma dimensão, com o mesmo significado. É inacreditável que Hermann Hesse foi capaz de escrevê-lo e não pôde se tornar um *siddha* ele próprio. Ele permaneceu um escritor pobre – sim, um ganhador de Prêmio Nobel, mas isso não importa muito. Vocês não podem dar um Prêmio Nobel para um buda; ele vai rir e jogá-lo fora. Mas o livro é imensamente belo e incluo-o.

Sétimo: Não se sabe que mesmo no Judaísmo tradicional, ortodoxo, houve poucos mestres totalmente iluminados – até mesmo alguns que foram além da iluminação. Um deles é Baal Shem Tov. Não posso me perdoar por não o ter incluído, e não há ninguém que eu possa pedir perdão.

Baal Shem Tov. Tov era o nome da sua cidade. Seu nome simplesmente quer dizer ‘Baal Shem da cidade de Tov’; então o chamaremos apenas Baal Shem. Falei sobre ele porque quando falei sobre o hassidismo não deixei nada essencial de fora. Falei do tao, do zen, do sufismo, do hassidismo. Não sou um homem de qualquer tradição então sou livre para mover-me em qualquer direção. Eu nem mesmo preciso de um mapa. Deixem-me lembrá-los novamente:

Chegando

e partindo

a ave aquática

não deixa nenhum traço para trás,

nem precisa de um guia.

Baal Shem Tov não escreveu nenhum tratado – tratado é uma palavra suja no mundo do misticismo – mas ele contou muitas histórias belas, tão belas que eu gostaria de contar uma delas para vocês como um exemplo, para que vocês possam saborear a qualidade do homem.

Uma mulher veio até Baal Shem. A mulher não tinha filhos; ela queria um filho. Ela perturba Baal Shem dizendo continuamente, “Se você me abençoar tudo é possível.abençoe-me por favor. Eu quero uma criança.”

Finalmente, cansado – sim, mesmo Baal Shem pode ficar cansado de uma mulher irritante – ele disse, “Você quer um menino ou uma menina?”

A mulher estava tremendamente feliz; ela disse, “Um menino, é claro.”

Baal Shem disse, “Então ouça essa história. A minha mãe também não tinha filhos, e ela perturbou e irritou o rabino da cidade continuamente para abençoá-la. Finalmente o rabino disse, ‘Primeiro traga-me um belo gorro.’ A minha mãe,” Baal Shem disse, “fez um belo gorro e foi ver o rabino.”

O gorro era tão belo que a mãe de Baal Shem disse, “Não quero nada em troca, apenas vê-lo com esse gorro é muito belo. Estou tremendamente satisfeita. Você não tem obrigação de fazer nada por mim, eu tenho obrigação de fazer por você. Obrigado, rabino.”

“E minha mãe foi embora. É assim que ela ficou grávida,” Baal Shem disse, “e eu nasci.”

A mulher disse, “Ótimo. Então amanhã vou vir com um belo gorro.”

No próximo dia ela retornou com um gorro muito belo. Baal Shem o aceitou e nem falou “obrigado”. A mulher esperou e esperou, então ela disse, “E a criança?”

Baal Shem disse, “Esqueça totalmente da criança! O gorro é tão belo, eu sou grato a você. Devo falar-lhe obrigado. Você se lembra da história que contei? A mulher não pediu nada em troca, foi por isso que ela concebeu uma criança, e uma criança como eu” – como Baal Shem.

“Mas você veio com o desejo de receber alguma coisa. Apenas por causa desse gorro você quer uma criança como Baal Shem? Esqueça totalmente isso,” ele disse, “e não volte mais – nunca.”

Há muitas coisas que podem ser ditas apenas através de histórias. Baal Shem disse o fundamental: não peça e lhe será dado. Não peça – essa é a condição básica.

O hassidismo que surgiu a partir das histórias de Baal Shem é a mais bela floração que já ocorreu. Os judeus nunca fizeram nada comparável ao hassidismo. O hassidismo é uma corrente pequena, mas ainda está vivo, ainda flui.

Oitavo: Farid. Este é o homem que falei antes – mas não em inglês, em hindi. Farid, o místico sufi, um contemporâneo de Kabir, Nanak e outros. Eu o amo. Em suas canções ele chama a si próprio de Farida. Ele sempre fala consigo mesmo, nunca com outrem. Ele sempre começa, “Farida, você está ouvindo? Farida, esteja acordado! Farida, faça isso, faça aquilo!” Em hindi, quando vocês usam o nome Farid ele é respeitável. Quando vocês usam o nome

Farida ele não é respeitável; só é possível chamar os servos dessa forma. Farid chama a si próprio Farida, é claro, porque ele próprio é o mestre; o corpo é o servo.

O grande rei Akbar costumava ir até Farid para ouvir as suas canções. Akbar recebeu certa vez um presente, um presente muito precioso, um par de tesouras douradas cravejadas de diamantes. Gudia iria amá-las – qualquer mulher as amaria. Akbar também as amou, amou-as tanto que pensou que elas seriam um bom presente para Farid. Ele foi até Farid e deu-lhe as preciosas tesouras. Farid olhou para elas, virou-as de um lado e de outro, então devolveu o presente para Akbar dizendo, “Isso não tem utilidade para mim. Se você quer me dar algo como um presente, traga uma agulha.”

Akbar ficou intrigado. Ele disse, “Por que uma agulha?”

Farid disse, “Porque a função das tesouras é cortar as coisas em fragmentos e a função da agulha é juntar os fragmentos. A minha função não é a das tesouras, é a da agulha. Reúno as coisas, sintetizo.”

Farid não concordaria com Sigmund Freud, nem com a psicanálise, porque a psicanálise é uma tesoura dourada, cortando tudo em fragmentos. Ele concordaria com Assagioli e a psicossíntese. Unir, combinar as coisas em uma unidade. Vocês veem as minhas lágrimas? Elas são por Farid... Farida... sim, por Farida. Não pode haver homenagem para ele. Ele entenderá as lágrimas, não as tesouras douradas. Ai de mim, se Akbar tivesse caído aos pés de Farid e chorado, esse seria o presente real para o mestre.

Farid não escreveu um livro, mas as suas canções foram escritas pela sua gente. As suas canções são tremendamente belas, mas vocês têm que as ouvir cantadas por um punjabi. Ele vivia no Punjabi, e suas canções estão em punjabi, nem mesmo em hindi. O punjabi é muito diferente do hindi. O hindi é suave, a linguagem do empresário. O punjabi é como uma espada, a linguagem de um soldado. É tão penetrante. Quando ouvimos as canções de Farid cantadas em punjabi o coração começa a estilhaçar.

Quando eu costumava viajar ao Punjabi, eu pedia para as pessoas, “Você pode cantar Farid para mim?” – e uma vez ou outra eu encontrava um cantor que estava preparado, que sabia como cantar Farida. E todos aqueles belos cantores... todos aqueles belos momentos... o punjabi tem uma qualidade própria. Toda linguagem tem uma qualidade própria. Mas o punjabi é certamente uma espada, você não pode tornar nada mais afiado.

Nono. Estou com pressa porque a minha hora pode estar quase terminando, ou já terminou, porque vi Gudia entrando. Que coisa triste que a hora siga a mesma lei quer seja sua ou minha. Ela não deveria ser cronológica, deveria ser relativa. A minha hora não deveria seguir a mesma lei, ela não deveria pertencer ao mundo einsteiniano da relatividade. Ela deveria ser infinita. Mas sei que não poderia ser assim, por isso estou com pressa, e, vocês sabem, quando estou com pressa também estou relaxado.

Nono, outro poeta, cantor, dançarino, de uma qualidade totalmente diferente: Shiva, e seu livro *Vigyan Bhairav Tantra*. Falei sobre ele. É um livro muito pequeno, apenas cento e vinte sutras. Vocês podem facilmente escrevê-lo em uma página de um livro, ou, no máximo, em duas páginas. Falei sobre ele em cinco volumes, milhares de páginas – *O Livro dos Segredos*. Não posso dizer que exista qualquer outro livro tão condensado como o *Vigyan Bhairav Tantra* – o livro de Shiva. Cada sutra é um método por si só.

Devageet, por favor não interrompa. Deixe-me terminar o meu trabalho. Eles chamam o homem na cadeira de paciente; eles deveriam ensinar os doutores a serem pacientes. Ashu, você não é doutora, então não precisa se preocupar. Nenhuma mulher nunca se preocupa, ela faz os outros se preocuparem; essa é outra questão. Olhem, até Gudia está rindo, o que é raro para uma respeitável mulher inglesa!

Bom. O riso é sempre bom. Amo-o, mas tenho que continuar o meu trabalho quer vocês riam ou chorem; isso não importa para esse homem nessa cadeira. Sou tão duro quanto uma rocha e tão suave quanto um lótus, mas sou os dois juntos. Permita-me dizer-lhes por uma questão de clareza: primeiro sou uma rocha; com isso vou quebrar o crânio de vocês. Não posso ser um lótus para vocês, mas o que vocês estão fazendo é muito belo.

Décimo, eu sempre tive a ideia de falar sobre Uma Swati e seu livro. Uma Swati é um místico, mas um místico muito seco – assim como os meus lábios nesse momento, sem qualquer umidade. Ele escreveu uma descrição muito seca, mas verdadeira, do supremo. O seu livro é chamado *Tatva Sutra*. Tatva significa ‘a realidade suprema.’ Tat significa ‘aquilo’ – o supremo. ‘Este’ é o imediato, e ‘aqui’ é o supremo.

Devageet, pare de interromper. Sei que você sabe mais sobre o seu maquinário. Também sei mais sobre a sua consciência – e isso é o que importa.

O *Tatva Sutra* é belo e eu falaria dele, mas posterguei várias vezes. Ele é muito matemático, como o *Samayasara* de Kundkunda. É assim que todos os místicos jainas são – secos, totalmente secos.

Laxmi realmente escolheu um local - o Kutch! Mahavira, Kundkunda, Uma Swati, todos esses indivíduos amariam viver no Kutch. Mas, para mim, que infortúnio! Eu sempre quis viver nos Himalaias, porém, pelo bem do meu povo, tive que abandonar a ideia de viver nos Himalaias.

Não aconteceu com Buda, Bodidarma, Basho; não aconteceu com Omar Khayyam, com Khalil Gibran, com Mikhail Naimy, mas aconteceu comigo. Sei que deve haver um segredo nisso. Só pode ser o de eu ter que tornar o Kutch tão belo quanto os Himalaias. Uma coisa é certa: que, onde quer que eu esteja, vou criar o local mais belo do mundo, não importando o desafio.

Décimo primeiro e último para o pós-escrito... quero dizer por hoje. Ninguém sabe sobre o amanhã. A última é uma coisa tão bela que devo estar realmente são para esquecê-la. Note, não estou dizendo insano, estou dizendo são. Eu devia estar são por tê-la esquecido. Se eu estivesse insano o suficiente, então seria impossível esquecê-la. Então ela seria a primeira a ser lembrada, não a última. É a *Canção de Naropa*.

Nunca falei sobre ela porque nunca pensei que algo poderia ser dito sobre ela, mas ela esteve em meu coração. Apenas a menciono para que aqueles que me amam comecem a buscar por ela... a poesia, a música, a dança de Naropa. É minha também.

Om Mani Padme Hum

A joia no lótus.

Obrigado a ambos, com toda a minha alegria.

Sessão 7

Certo. Ouvi o seu caderno abrir-se. Agora é a minha hora e a minha hora não consiste de sessenta minutos. Ela pode ser tudo – sessenta, setenta, oitenta, noventa, cem... ou até mesmo além dos números. Se é a minha hora, então, é claro, ela tem que ser consistente comigo, não vice-versa.

O pós-escrito continua.

O primeiro nome de hoje não é nem ouvido no Ocidente: Maluka. Ele é um dos místicos mais significantes da Índia. O seu nome completo é Malukdas, mas ele chama a si mesmo apenas Maluka, como se fosse uma criança – e ele realmente era uma criança, não ‘como se’.

Falei dele em hindi, mas levará muito tempo para ele ser traduzido para outras línguas pela simples razão que Maluka é muito estranho, muito misterioso. Vocês ficarão surpresos que em um país como a Índia, que está cheio de comentadores, eruditos, pânditas, ninguém nem se preocupou em comentar Malukdas porque é muito difícil. Ele teve que esperar por mim. Sou o seu primeiro comentador, e, quem sabe, talvez o último também.

Somente um exemplo:

Ajgar karai na chakari panchhi karai na kam das maluka kahi gaye sab ke data ram.

Agora eu tentarei traduzi-lo. Não será exatamente igual, mas não sou responsável por isso. A pobre língua inglesa não pode conter tamanha riqueza. Maluka disse: A cobra nunca sai para trabalhar em um emprego, nem um pássaro nunca trabalha. E, diz Maluka, não há necessidade, de fato, porque a existência provê para todos. Ele era um homem que Zorba teria gostado. Ele era um homem com um pouco de loucura e muita meditação.

Ele era tão profundo na meditação que disse:

Mala japon na kar jibhya japon na ram, sumiran mera hari karain main payay bisram.

Ele disse: Não canto o nome de Deus, nem uso um rosário para venerar. Não venero de maneira alguma – quem liga para essas coisas estúpidas! Ele continua: De fato, Deus se lembra do meu nome, não há necessidade de me lembrar dele... Vocês veem? Um pouco de loucura e muita meditação. Malukdas é um dos homens que posso dizer sem qualquer hesitação que foi além da iluminação. Ele tornou-se a figura da décima carta dos Dez Touros do Zen.

Segundo, o livro dos Sikhs: *Guru Grantha Sahib*. Ele não foi escrito por um único homem então não posso dizer quem foi o seu autor. É uma compilação de geração em geração. Ele foi compilado de todas as fontes, como nenhum outro livro no mundo. *O Velho Testamento* é apenas judeu, *O Novo Testamento* é apenas cristão, o *Bhagavadgita* é apenas hindu, o *Dhammapada* é apenas budista, os *Jin Sutras* apenas jaina; mas *Guru Grantha Sahib* é o único livro do mundo retirado de todas as fontes possíveis. As suas fontes são hindus, islâmicas, jainas, budistas, cristãos. Tamanha abertura, nenhum fanatismo.

O título *Guru Grantha* significa ‘o livro dos mestres’, ou ‘o livro do mestre’. Nele vocês encontrarão Kabir, Nanak, Farid e um longa lista de místicos pertencentes a diferentes tradições, diferentes escolas, como se milhares de rios se encontrassem no oceano. *Guru Grantha* é como um oceano.

Traduzirei apenas uma sentença de Nanak. Ele é o fundador, então, é claro, as suas palavras foram compiladas no *Guru Grantha*. Ele foi o primeiro mestre dos sikhs; então seguiu-se uma linhagem de nove outros mestres. O siquismo foi produzido por dez mestres. É uma religião rara porque todas as outras religiões foram criadas apenas por um único mestre.

Nanak diz: A verdade, a verdade suprema é inefável, então, por favor, me perdoem, não vou falar sobre ela, apenas cantá-la. Se vocês podem entender a linguagem da música, então, talvez uma corda no coração de vocês possa ser tocada. A transmissão da fonte luminosa está além das palavras.

O *Guru Grantha Sahib*... os Sikhs o chamam Sahib por que respeitam tanto o livro, quase como se estivesse vivo, como se fosse o próprio espírito do mestre. Mas um livro é um livro, e no momento em que o mestre parte o livro está morto, a palavra está morta. Então eles estão carregando um belo corpo, assim como todas as outras religiões estão fazendo. Lembre-se, a propósito, que a religião está viva apenas de vez em quando, está viva apenas na presença de um mestre. Quando o mestre não está mais vivo ela torna-se um credo e um credo é uma coisa feia.

O parlamento holandês apontou uma comissão para investigar os ‘cultos e credos.’ Obviamente sou o primeiro da lista de investigação deles. Informei as minhas pessoas na Holanda para dizerem a comissão, “Nós não vamos cooperar com vocês porque, de fato, nós não somos nem um culto nem um credo; nós somos uma religião. Se vocês quiserem investigar cultos e credos, então existem vários: cristãos, judaicos, hindus, islâmicos e assim por diante *ad infinitum*.” De fato, eu ia dizer *ad nauseam*...

A comissão ficou muito preocupada. Eles escreveram uma carta para as pessoas laranjas da Holanda dizendo, “Por favor cooperem conosco.” Nossa gente novamente perguntou o que fazer. Instruí-os, “Eu já disse o que fazer. A menos que designem uma comissão para investigar o próprio espírito da religião, não cooperem.”

Veja o absurdo: o parlamento holandês é dominado pelo Partido Democrático Cristão, e as pessoas que são apontadas para servirem à comissão são todos Democráticos Cristãos. Ora, eles são o credo, eles são o culto. A minha gente não é um culto. Ainda estou vivo e saudável! Uma religião existe apenas quando um mestre está respirando. A religião é criada a partir da sua respiração.

O *Guru Grantha* compilou os dizeres de dez mestres vivos, dez seres iluminados. Nenhum outro livro pode ser comparado a ele. Ele é incomparável. Nanak diz, “Ek omkar satnam – apenas uma coisa é verdadeira, o nome do inexprimível.” No Oriente o chamamos *omkar*, *om* – apenas isso é verdade. O som sem som... o silêncio que permeia depois que o som acabou... *ek omkar satnam*.

Terceiro: O livro de Mabel Collins, *Luz no Caminho*. Qualquer um que queira viajar rumo às alturas tem que entender a *Luz no Caminho*. É um livro pequeno em relação à quantidade, apenas algumas poucas páginas, mas em relação à qualidade é um dos maiores, dos melhores. E, a maravilha das maravilhas, ele foi escrito na era moderna. Ninguém sabe

quem foi o autor Mabel Collins. O autor nunca nem mesmo escreveu o nome Mabel Collins todo, mas apenas M.C. Foi apenas por sorte que descobri o nome completo através de alguns amigos de M.C.

Por que M.C.? Posso entender a razão. O escritor é apenas um veículo e, ainda mais particularmente no caso de *Luz no Caminho*. Talvez o sufi khidr – eu falei com vocês sobre este: o espírito que conduz as pessoas, guia as pessoas, ajuda as pessoas – estava por trás da obra de M.C. também.

M.C. foi um teosofista. Ele ou ela – não sei se o autor é um homem ou uma mulher, não importa de qualquer forma – talvez gostasse, ou não, de ser guiado por khidr, a ideia sufi do guia supremo. Mas M.C. ficaria imensamente feliz se eu usar o nome teosófico paralelo: eles o chamam de K.H. Qualquer nome serve. A maneira como vocês o chamam não importa... Mestre K.H. ou o místico Khijra, é o mesmo. Mas o livro é imensamente útil. Seja quem for que o tenha escrito, seja quem for que tenha guiado o escritor, isso é irrelevante; o próprio livro permanece como uma torre dourada.

Quarto: Estou perfeitamente bem, não fique preocupado apenas porque estou numerando corretamente. Uma vez ou outra isso acontece somente por acidente. A quarta é a mulher da Caxemira, Lalla. Os habitantes da Caxemira amam tanto Lalla que falam, por respeito a ela, que eles têm apenas duas palavras: uma é Allah e a outra é Lalla. Os moradores da Caxemira são noventa e nove por cento islâmicos, então quando falam que conhecem apenas duas palavras, Allah e Lalla, isso é importante.

Lalla nunca escreveu um livro. Ela era analfabeta, mas muito corajosa... Ela permaneceu nua por toda a sua vida – e lembrem-se que isso foi há centenas de anos atrás no Oriente – e ela era uma bela mulher. Os habitantes da Caxemira são belos; na Índia, eles são as únicas pessoas realmente belas. Os caxemires são a tribo perdida que Moisés estava procurando. Eles são basicamente, originalmente judeus.

Quando Moisés estava conduzindo o seu povo a Israel... e alguém se pergunta o que aquele louco estava fazendo: por que Israel? Mas loucos são sobretudo loucos, não há explicação. Moisés estava procurando um local para a sua gente. Ele perambulou por quarenta anos no deserto, e então encontrou Israel. Nesse ínterim ele perdeu uma de suas tribos. Esta tribo alcançou a Caxemira.

Pelo menos às vezes é uma sorte estar perdido. Moisés não pôde os encontrar. Vocês sabiam que, na sua busca pela tribo perdida, Moisés finalmente alcançou a Caxemira... e ele morreu ali. O seu túmulo não está em Israel, ele está na Caxemira.

Estranho, Moisés morreu na Caxemira, Jesus morreu na Caxemira. Estive na Caxemira muitas vezes, e sei que ali está um lugar que se diz, “Ó, se eu pudesse morrer agora, aqui e agora...!” É tão belo que viver depois não valeria a pena.

As pessoas da Caxemira são belas – pobres, mas imensamente belas. Lalla foi uma mulher da Caxemira, analfabeta, mas ela podia cantar e dançar. Então algumas de suas músicas foram salvas. Ela, é claro, não pôde se salvar, mas suas canções puderam ser salvas. Eu as incluí no pós-escrito.

Quinto: Outro místico, Gorakh, um tântrico, tão versado, tão eficiente em todos os métodos do tantra, que todos na Índia que conhecem muitos trabalhos são conhecidos como praticantes de gorakh-dhandha. Gorakh-dhandha significa ‘nos negócios de Gorakh’. As pessoas pensam que cada um deve ater-se a seu próprio negócio. Gorakh moveu-se em todas as direções, em todas as dimensões.

O nome completo de Gorakh era Gorakh-nath. Deve ter sido dado por seus discípulos, porque nath significa lorde. Gorakh deu todas as chaves possíveis para entrar-se nos mistérios interiores. Ele falou tudo o que podia ser falado. Ele é, de certo modo, um ponto final.

Mas o mundo continua, e eu também. O mundo não conhece nenhum ponto final, nem eu. Morrerei somente no meio de uma sentença; então as pessoas perguntar-se-ão para sempre o que eu diria, como eu completaria a sentença. Respeito Gorakh-nath. Falei muito sobre ele. Um dia será traduzido, então não preciso gastar mais tempo com esse camarada.

Sexto: é muito raro que um homem, um único homem, produza duas obras-primas, mas este é o caso com Hubert Benoit. Não sei como os franceses pronunciam o seu nome... e eles são tão esnobes em relação à sua pronúncia, e eu sou tão desleixado! Mas não ligo – o que importa se uma palavra é pronunciada errada aqui e ali? Toda a minha vida estive pronunciando erradamente.

Este homem Hubert Benoit – mencionei o seu primeiro livro, *Deixe Ir*. De fato este foi o seu segundo livro. Antes de escrever *Deixe Ir* ele escreveu outro livro chamado *A Doutrina Suprema*. Eu gostaria de incluí-lo também; caso contrário sentirei-me realmente triste de não o ter mencionado. É um livro tremendamente belo, mas muito difícil de ser lido, e muito mais difícil de ser entendido. Mas Benoit dá o seu melhor para torná-lo o mais simples possível.

Sétimo. Um grande número esotérico, sete. Quero que ele seja atribuído a um camarada realmente esotérico, Shiva, o conceito hindu de Bondade Suprema. Muitos livros carregam o nome de Shiva; muitos deles não são verdadeiros, apenas carregam o nome para tornarem-se respeitáveis. Mas o *Shiva Sutra* é um dos mais autênticos. Falei dele em hindi; estou pensando em falar dele em inglês também. Já até decidi a data, mas vocês me conhecem...

Este livro *Shiva Sutra* contém as técnicas de todas as meditações. Não pode haver outra técnica que não esteja incluída neste livro. O *Shiva Sutra* é a própria bíblia dos meditadores.

Ashu, sei porque eles estão rindo. Deixe-os rir. Sei que estou falando muito, muito devagar, é por isso que eles estão rindo. Mas eu estou desfrutando e eles estão desfrutando. Está tudo bem, Ashu... apenas raramente é possível encontrar uma mulher tão boa. Há muitas mulheres belas no mundo, mas mulheres boas, meu Deus, é muito difícil encontrá-las. Deixe os tolos rirem. Eu falarei tão lentamente quanto eu quiser.

Eu estava falando sobre o *Shiva Sutra*. Este livro é como nenhum outro, é único, incomparável.

Oitavo: A obra mais imensamente bela de um místico indiano, Gaurang. A palavra *gaurang* ela própria significa ‘o branco’. Ele foi tão belo... Posso vê-lo em pé na minha frente,

branco, ou melhor, branco como a neve. Ele foi tão belo que todas as garotas da vila apaixonaram-se por ele. Ele permaneceu solteiro. Não é possível casar-se com milhões de garotas. Apenas uma é demais; milhões, meu Deus! – isso mataria qualquer um! Agora vocês sabem o segredo do porquê sou solteiro.

Gaurang costumava dançar e cantar a sua mensagem. A sua mensagem não estava nas palavras, mas muito além – em uma canção. Gaurang não escreveu um livro; os que o amavam – e houve muitos, de fato, muitíssimos – coletaram as suas canções. Estas canções são uma das mais belas coleções; nunca cruzei com algo como elas antes ou depois. O que dizer sobre elas... apenas que as amo.

Nono: Novamente outro místico indiano, vocês podem não ter ouvido sobre ele. Ele era chamado de Dadu, o que significa irmão. Ele era tão amável que as pessoas esqueceram o seu nome real e simplesmente lembram-se dele como Dadu, irmão. Existem milhares de canções que Dadu cantava, mas elas não foram escritas por ele, elas foram coletadas por outros, assim como um jardineiro coleta flores que caíram há muito tempo.

O que digo sobre Dadu é verdade em relação a todos os santos. Eles são avessos à escrita. Eles cantam, falam, dançam, indicam, mas não escrevem. Escrever algo é torná-lo muito limitado. Uma palavra é uma limitação; somente então ela pode ser uma palavra. Se é ilimitada ela será o céu, conterà todas as estrelas. Esta é a experiência do santo.

Até mesmo eu não escrevi nada... apenas algumas cartas para aqueles que são muito íntimos para mim, pensando, ou talvez acreditando, que eles entenderiam. Não sei se eles entenderam ou não. Então o meu livro *Uma Xícara de Chá* é o único livro que, pode-se dizer, foi escrito por mim. É uma compilação das minhas cartas. Do contrário não escrevi nada.

As canções de Dadu foram coletadas. Falei sobre ele. Ele alcança o auge da aspiração humana.

Décimo e último. O último de hoje é um dos homens mais estranhos que já andou sobre a Terra, Sarmad. Ele foi um sufi assassinado na mesquita por ordem de um rei islâmico. Ele foi assassinado simplesmente por causa de um sutra islâmico, uma de suas orações. A oração é “Allah la il allah – Allah, Deus, é o único Deus.” E isso não é suficiente para eles; eles querem algo a mais. Eles querem declarar ao mundo que Maomé é o único profeta de Deus: “Allah la il allah; mohammed bismillah. Deus é o único Deus, e Maomé é o único profeta de Deus.”

Os sufis rejeitam a segunda parte, que Maomé é o único profeta de Deus. Esse foi o pecado de Sarmad. Obviamente ninguém pode ser o único profeta; ninguém absolutamente pode ser o único – nem Maomé, nem Jesus, nem Moisés, nem Buda. Sarmad foi morto, assassinado, esquartejado pelo rei islâmico da Índia, em conspiração com os sacerdotes islâmicos. Mas ele riu e disse, “Mesmo depois da minha morte eu direi a mesma coisa: Allah la il allah – Deus é o único Deus.”

A grande mesquita de Delhi, Jama Masjid, onde Sarmad foi morto, ainda subsiste, um monumento para esse grande homem. Ele foi assassinado de uma maneira muito desumana: apenas sua cabeça foi cortada. Sua cabeça rolou abaixo sobre os degraus da mesquita Jama. Milhares de pessoas reunidas ali ouviram a cabeça rolando degraus abaixo gritando claramente, “Allah la il allah – Deus é o único Deus...”

Não sei se a história é verdadeira ou não, mas deve ser. Ela tem que ser. Até mesmo a verdade deve comprometer-se com um homem como Sarmad. Ele não escreveu nenhum livro, mas as suas declarações foram compiladas e a mais significativa é: Deus é o único Deus, e não há profeta, não há ninguém entre vocês e Deus. Não há mediador, Deus está imediatamente disponível. Somente o que é necessário é um pouco de loucura e muita meditação.

Eu ia falar algo, mas não falarei... é inefável. Nunca foi dito antes, e não devo dizê-lo também.

Ainda é belo

como um pôr do sol...

os pássaros estão voltando para casa,

as primeiras estrelas estão surgindo,

as suas cores estão no céu.

Vocês podem ver

o sorriso na minha face?

Sessão 8

Seja um Junnatha – um buscador. O PS. continua.

O primeiro livro é *Vontade de Poder* de Friedrich Nietzsche. Ele nunca o publicou em vida. Ele foi publicado postumamente, e, antes de ser publicado, muitos dos seus pretensos grandes homens já roubavam do manuscrito.

Alfred Adler foi um dos ‘maiores’ psicólogos. Ele é uma peça da trindade dos psicólogos: Freud, Jung e Adler. Ele é simplesmente um ladrão. Adler roubou toda a sua psicologia de Friedrich Nietzsche.

Adler diz: o instinto básico do ser humano é a ‘vontade de poder’. Ótimo! Quem ele estava tentando enganar? Entretanto, milhões de tolos foram enganados. Adler ainda é contado como um grande homem. Ele é somente um pigmeu, apenas a ser esquecido.

George Bernard Shaw roubou toda a sua filosofia básica de Nietzsche. Grande G.B.S. – ganhador do Prêmio Nobel, George Bernard Shaw. Qualquer coisa que ele diz está contida em apenas algumas sentenças da *Vontade de Poder* de Nietzsche.

Mesmo um suposto grande santo indiano não fica para trás de Adler e Shaw. O seu nome é Sri Aurobindo. Ele é venerado por milhões de pessoas em todo o mundo como o maior sábio da era. Ele roubou a sua ideia de super-homem do manuscrito de *Vontade de Poder*. Sri Aurobindo era apenas um erudito medíocre, nada para se gabar muito.

O livro de Nietzsche não foi publicado até muitos anos depois de sua morte. A sua irmã impediu. Ela era uma grande mulher de negócios. Ela estava vendendo outros livros que já tinham sido publicados, e esperando o momento certo quando *Vontade de Poder* poderia ser melhor vendido. Ela não estava preocupada com Nietzsche, sua filosofia, ou sua contribuição para a humanidade.

Por que o próprio Nietzsche não publicou o livro enquanto ainda estava vivo? Eu sei porque. Era demais até para ele. Ele não era um homem iluminado. Ele teve medo, medo do que aconteceria com ele se o publicasse. E o livro é dinamite pura! Ele sempre o manteve debaixo do seu travesseiro, mesmo enquanto dormia. Ele estava com medo que o livro caísse em mãos erradas. Ele não era um homem corajoso como as pessoas usualmente pensam, ele era um covarde. Mas estranhos são os caminhos da existência: às vezes mesmo um covarde é inundado de estrelas, e foi isso o que aconteceu com Nietzsche.

Adolf Hitler roubou toda a sua filosofia de Nietzsche. Hitler era incapaz de fazer qualquer coisa certa; ele era um idiota, ele realmente deveria estar na Índia, não na Alemanha, e se tornado um discípulo de Muktananda. Posso sugerir um belo nome para ele: Swami Idiotananda! É muito difícil entender Nietzsche; ele era tão sutil, intenso e profundo. Está além do alcance de qualquer idiotananda.

Friedrich Nietzsche manteve o seu melhor livro para ser publicado apenas depois de sua morte. Já contei um dos seus livros, *Assim Falou Zarathustra*, mas até mesmo este empalidece perante *Vontade de Poder*. Não é um tratado filosófico, escrito sistematicamente, são apenas máximas, parágrafos. Vocês têm que encontrar a conexão. Esta não está escrita ali para que vocês leiam-na. Por isso, embora esteja publicado, o livro não é muito lido. Quem

liga! Quem quer fazer qualquer esforço? – e é preciso um tremendo esforço para entender a *Vontade de Poder*. É a própria essência da alma de Friedrich Nietzsche. E ele era um louco! Entendê-lo é transcendê-lo também.

Esse é o primeiro livro que eu gostaria de mencionar hoje.

Segundo: Novamente vou mencionar P.D. Ouspensky. Já mencionei dois livros seus: um, o *Tertium Organum*, que ele escreveu antes de encontrar o seu mestre, Gurdjieff. *Tertium Organum* é bem conhecido, particularmente entre os matemáticos, porque Ouspensky era um matemático quando o escreveu. O segundo livro, *Em Busca do Miraculoso*, ele escreveu depois de ter vivido com Gurdjieff por muitos anos. Mas há um terceiro livro seu que foi escrito nesse ínterim – depois de *Tertium Organum* e antes dele encontrar George Gurdjieff. Esse livro é muito pouco conhecido, e o seu nome é *Um Novo Modelo do Universo*. É um livro estranho, muito estranho.

Ouspensky buscou por um mestre por todo o mundo, particularmente na Índia, porque as pessoas, em sua tolice, pensam que os mestres são encontrados na Índia. Ouspensky buscou na Índia e procurou por anos. Até mesmo em Bombaim ele procurou por um mestre. Naqueles dias ele escreveu esse livro tremendamente belo, *Um Novo Modelo do Universo*. Essa é a visão de um poeta, porque ele não sabia o que estava falando. Mas o que ele fala chega muito, muito próximo da verdade... mas apenas próximo, lembre-se, e mesmo a largura de um cabelo é suficiente para manter-te longe. Ele permaneceu distante. Ele buscou e buscou...

Nesse livro ele descreve a sua busca. O livro termina estranhamente, em uma cafeteria de Moscou, onde ele encontra Gurdjieff. Gurdjieff foi certamente o mestre mais estranho que já viveu. Ele costumava escrever em cafeterias. Que lugar para escrever! Ele sentava-se em uma cafeteria – as pessoas comendo, falando, as crianças correndo de lá para cá, o barulho da rua, as buzinas dos carros, e Gurdjieff sentado ao lado da janela cercado por todo esse disparate, escrevendo seu livro *Tudo e Todo*.

Ouspensky viu esse homem e se apaixonou. Quem resistiria? É totalmente impossível ver um mestre e não se apaixonar, a menos que você esteja totalmente morto, feito de pedra, ou de material sintético – um ser humano pré-fabricado! No momento em que ele olhou para Gurdjieff... estranho: ele viu que aqueles eram os olhos que ele estava buscando por toda a Terra, nas ruas empoeiradas e sujas da Índia, e essa cafeteria era do lado da sua casa em Moscou! Às vezes vocês podem encontrar o que procuram bem próximo.

Um Novo Modelo do Universo é poético, mas chega muito próximo da minha visão; é por isso que o incluo.

Terceiro: Sanai e suas belas declarações. As pessoas como Sanai não argumentam, elas apenas declaram. Elas não precisam argumentar, a sua própria existência é a prova; nenhum outro argumento é necessário. Venham, olhem nos meus olhos e vocês saberão que não existe um argumento, apenas uma declaração. Uma declaração é sempre verdadeira. Um argumento pode ser arguto, mas raramente é verdadeiro.

Sanai é um dos meus casos de amor. Não posso, mesmo se quisesse, exagerá-lo. É impossível. Sanai é a própria essência do sufismo.

Sufismo é uma palavra inglesa para tasawuf. Tasawuf significa ‘puro amor’. ‘Sufismo’ vem de suf, significando lã, e um sufi significa uma pessoa que usa uma túnica de lã. Sanai costumava usar um boné preto – uma túnica branca e um boné preto. Nenhuma lógica, nenhuma razão, apenas uma pessoa louca como eu. Mas o que vocês podem fazer, essas pessoas têm que ser aceitas como elas são. Ou vocês as amam ou as odeiam. Amor ou ódio, elas não lhes dão alternativa. Vocês podem ser a favor ou contra elas, mas não podem ser indiferentes a elas. Esse é o milagre dos místicos. Estando próximos de mim vocês sabem perfeitamente bem que aqueles que vêm até mim tornam-se amigos ou inimigos. Ninguém pode vir até mim e ir sem tornar-se um amigo ou um inimigo. Vejam! Também posso compor poesia às vezes. Um louco é capaz de fazer tudo.

Sanai apenas declara sem argumentar sobre. Ele simplesmente diz ‘é assim’. Vocês não podem perguntar por que; ele dirá, “Cale a boca! Não há por quê!”

Vocês não perguntam para uma rosa, “Por quê?”

Vocês não perguntam para a neve, “Por quê?”

Vocês não perguntam para as estrelas, “Por quê?”

Então por que vocês perguntam para as pessoas como Sanai?

Elas são do mundo das estrelas, das flores, da neve.

Elas não argumentam.

Amo Sanai. Não me esqueci dele; Eu não o mencionaria somente porque queria mantê-lo apenas para mim, no meu coração. Mas em um pós-escrito você pode até mesmo verter o seu coração.

Era assim que meu pai costumava escrever-me cartas. A carta era muito curta – não havia muito para escrever – então ele escrevia um PS. Novamente eu me perguntava o que ele tinha deixado de fora da carta, e ele dizia algo realmente significante. Então o PS. não era o suficiente. Haveria outro PPS. “Meu Deus,” eu pensava, “o que ele esqueceu?” Novamente havia algo realmente belo que não poderia ser escrito na carta. Um PS. é um fenômeno mais íntimo, e um PPS. ainda mais.

O meu pai faleceu, mas lembro-me dele nesses momentos, quando de repente vejo-me comportando-me como ele. Quando vejo sua imagem sei que quando eu próprio tiver setenta e cinco, se Deus quiser, então parecerei exatamente como ele. E é tão bom sentir que não o trairei, que vou representá-lo até mesmo no meu último suspiro.

Devaraj – não estou tomando por engano Devaraj por Devageet; eu quis dizer Devaraj – você deve lembrar-se disso. O meu corpo funciona exatamente como o do meu pai, até mesmo em suas doenças. Eu sou orgulhoso disso. O meu pai sofria de asma, então quando sofro de asma eu sei que esse corpo vem do meu pai, com todas as suas faltas, defeitos e erros. Ele era diabético, eu também sou. Ele amava falar, e eu não fiz mais nada na minha vida do que falar. De todas as formas fui seu filho.

Ele foi um ótimo pai – não porque ele foi meu pai, mas porque mesmo ele sendo um pai, ele tocou os pés do seu filho e tornou-se seu discípulo. Essa foi a sua grandeza. Nenhum pai fez isso antes, e não acho que acontecerá novamente nessa Terra podre. Parece impossível.

O pai tornar-se discípulo do filho? O pai de Buda hesitou; o meu pai não hesitou nem por um momento.

Agora seria muito fácil para o pai de Buda tornar-se seu discípulo, porque Buda foi o que as supostas religiões esperam, um santo. É muito difícil para um pai tornar-se discípulo de um homem como eu. Não sou um santo de acordo com nenhum critério aceito e estou feliz porque odeio ser categorizado. Virarei as costas para o próprio paraíso se eu ver os pretensos santos lá. Vi o suficiente deles na própria Terra. Não sou um santo. Eu sou um tipo totalmente diferente de homem – o que chamo de Zorba o Buda.

Entretanto, conhecendo a minha notoriedade, conhecendo perfeitamente bem toda a condenação lançada contra mim por todos os locais respeitáveis, ele tornou-se meu discípulo. Isso é coragem, imensa coragem. Até mesmo eu fiquei surpreso quando ele tocou os meus pés pela primeira vez. Eu chorei – no meu quarto é claro, para que ninguém pudesse ver. Eu ainda sinto essas lágrimas nos meus olhos. Quando ele pediu para ser iniciado eu não pude acreditar. Naquele momento fiquei apenas em silêncio. Eu não podia dizer sim ou não, fiquei somente em silêncio, chocado, surpreso. Sim, vocês têm a expressão correta em sua língua: ‘tomado pela surpresa*’ [NdT. *taken by surprise*] – e tomado tão poderosamente.

Qual era o número? Não você Ashu; você vai além dos números. Permita-me demorar-me um pouco mais nos números.

“O próximo é o número quatro, Osho.”

O próximo é o número quatro – bom. Você é esperto. Você não disse terceiro, você disse, “O próximo é o número quatro.” Você sabe que não pode me enganar. Você entende perfeitamente que se você dissesse terceiro então eu continuaria com o terceiro no próximo. Tudo bem, às vezes permito que meus discípulos trilhem o seu próprio caminho.

Quarto: O quarto nome é Dionísio. Falei sobre suas declarações, que são apenas fragmentos anotados pelos seus discípulos, mas falei sobre ele apenas para que o mundo saiba que as pessoas como Dionísio não devem ser esquecidas. Elas são as pessoas reais.

As pessoas reais podem ser contadas em seus dedos. A pessoa real é aquela que encontrou o real, não apenas de fora como um objeto, mas como a sua própria subjetividade. Dionísio pertence ao grandioso mundo dos budas. Refiro-me novamente a suas poucas declarações – não posso as chamar de livro; um livro precisa ser um pouco mais do que apenas fragmentos.

Quinto... cheguei no momento mais estranho dessa série. Existe um livro chamado *Aos Pés do Mestre*. O nome do autor fornecido é Jiddhu Krishnamurti, mas Krishnamurti diz que não se lembra de o ter escrito. Ele foi escrito há muito, muito tempo, quando Krishnamurti tinha em torno de nove ou dez anos de idade. Como ele poderia lembrar-se de um evento tão longínquo? Mas é uma excelente obra.

Eu gostaria de divulgar pela primeira vez ao mundo que o autor real é: Annie Besant! Annie Besant escreveu o livro, não Krishnamurti. Então por que ela não assumiu que o trabalho era seu? Havia uma razão por trás disso. Ela queria que Krishnamurti fosse conhecido no mundo como um mestre. Era apenas a ambição de uma mãe. Ela criou Krishnamurti, e ela o

amava assim como qualquer mãe ama o seu próprio filho. O único desejo seu na velhice era que Krishnamurti se tornasse um professor mundial, jagatguru. Ora, como Krishnamurti podia ser declarado um professor mundial se ele não tinha nada para dizer ao mundo? Nesse livro, *Aos Pés do Mestre*, ela tentou satisfazer a essa demanda.

Krishnamurti não é o autor do livro. Ele próprio disse que não se lembra de o ter escrito. Ele é um homem sincero, verdadeiro e honesto, mas o livro continua sendo vendido em seu nome. Ele deveria impedir isso. Ele deveria deixar claro aos editores do livro que não é o seu autor. Se eles quisessem publicá-lo, então que o publicassem anonimamente. Mas ele não fez isso. É por isso que digo que ele ainda está na nona figura das dez cartas do zen, os Dez Touros do Zen. Ele não pode o negar, ele simplesmente diz que não pode se lembrar. Negue-o! Diga que a obra não é sua.

Mas o livro é belo. De fato, qualquer um ficaria orgulhoso de tê-lo escrito. Aqueles que querem viajar o caminho e ficar em harmonia com um mestre devem estudar *Aos Pés do Mestre*. Digo estudar, não ler, porque alguém lê ficção, ou ficções espirituais como Lobsang Rampa e sua dúzia de livros, ou os livros de muitas pessoas fictícias. Há muitas dessas pessoas hoje em dia, porque há uma necessidade, um mercado. Qualquer um pode ser um mestre agora...

Baba Freejohn... eu gargalho. Que degradação! Mesmo Freejohn, que agora mudou não a si próprio, apenas seu nome. Ele não se chama mais baba. Ele costumava chamar-se baba porque ele era um discípulo de Baba Muktananda. Na Índia, por amor um mestre é chamado de baba, então ele começou a chamar-se de baba. Mas então, percebendo que era uma imitação, ele o abandonou. Ele agora chama a si próprio Dada Freejohn. É o mesmo; dada ou baba, é tudo um disparate. Mas essas pessoas estão por todo lado. Cuidado com elas. A menos que vocês sejam totalmente límpidos, há muita possibilidade de ficarem presos na teia de alguém.

Sexto, outro místico sufi, Junnaid, o mestre de Al-Hillaj Mansoor... Al-Hillaj tornou-se mundialmente famoso porque foi assassinado; por isso Junnaid recaiu à sombra. Mas as poucas sentenças, os fragmentos que sobreviveram de Junnaid são realmente excelentes. Caso contrário como ele produziria um discípulo como Al-Hillaj Mansoor? Apenas algumas poucas histórias, versos e declarações permanecem, todas fragmentárias. Esta é a maneira do místico: ele nem se preocupa em conectá-las em um todo. Ele não faz uma guirlanda de flores, mas apenas as amontoa. A escolha é sua.

Junnaid disse a Al-Hillaj Mansoor, “O que você descobriu, mantenha-o para você. Não grite “ana’l haq!” muito alto. Se você for dizê-lo, diga-o de uma forma que ninguém possa o escutar.”

Todo mundo foi injusto com Junnaid. Eles pensaram que ele estava com medo. Não é assim. É fácil conhecer a verdade, é fácil declará-la; é imensamente difícil mantê-la em seu coração sem ser declarada, sem ser pronunciada. Deixe que aqueles que querem venham até o poço do seu ser, ao seu silêncio.

O sétimo é um livro de um homem que Junnaid teria amado: Meher Baba. Ele ficou em silêncio por trinta anos. Ninguém fica em silêncio por tanto tempo. Mahavira ficou em silêncio por apenas doze anos, esse era o recorde. Meher Baba quebrou todos os recordes. Trinta anos de silêncio! Ele costumava fazer gestos com suas mãos, da mesma forma que eu faço quando

falo, porque há algumas coisas que só podem ser ditas por gestos. Meher Baba abandonou as palavras, mas não pôde abandonar os gestos. Somos afortunados que ele não abandonou os gestos também. Os íntimos que viviam com ele começaram a anotar a partir dos seus gestos, e o livro que foi publicado depois de trinta anos de silêncio de Meher Baba tem um título estranho, como deveria ter. O título do livro é *Deus Fala*.

Meher Baba viveu em silêncio e morreu em silêncio. Ele nunca falou, mas o seu silêncio foi, por si só, a sua expressão, a sua canção. Então não é realmente estranho que o título do livro seja *Deus Fala*.

Há um livro zen que diz: A flor não fala. Está errado, absolutamente errado. A flor fala também. É claro que não fala em inglês, japonês ou sânscrito; ela fala na linguagem das flores. Ela fala através do seu perfume. Sei bem porque sou alérgico a perfume. Posso ouvir uma flor falar a milhas de distância, então estou falando a partir da minha experiência. Não é uma metáfora. Digo novamente, uma flor também fala, mas a sua linguagem é a das flores. *Deus Fala*, não importa como soa, é verdade em relação a Meher Baba. Ele falou sem falar de maneira alguma.

Número por favor, Devageet?

“Número oito, Osho.”

Viajamos para longe; só um pouco mais de paciência.

O oitavo é um livro muito desconhecido. Ele não deveria ser desconhecido porque foi escrito por George Bernard Shaw. O livro chama-se *Máximas para um Revolucionário*. Todos os seus outros livros são bem conhecidos exceto *Máximas para um Revolucionário*. Apenas um homem insano como eu pode escolhê-lo. Esqueci todo o resto que ele escreveu – é tudo entulho, só lixo.

A propósito, um dos meus sannyasins aqui é chamado Bodhigarbha. Garbha significa grávido; o nome significa ‘grávido de um buda, pronto para nascer como um buda.’ Algumas pessoas o chamam de Bodhi Garbage* [NdT. garbage = lixo, em inglês] – eu amo. É muito mais verdadeiro. Bodhi Garbage – sim, se vocês podem alcançar a budidade, bodhi, até mesmo o lixo tornar-se-á divino; caso contrário tudo já é lixo.

Amo o pequeno livro de George Bernard Shaw *Máximas para um Revolucionário* – esquecido por todos, não por mim. Escolho coisas estranhas, pessoas estranhas, locais estranhos. *Máximas para um Revolucionário* parece ter descido sobre George Bernard Shaw... pois, de outra maneira, ele era apenas um cético. Ele não foi nem mesmo um santo, nem iluminado, nem mesmo pensava sobre a iluminação. Ele pode nunca ter ouvido a palavra; ele pertencia a um mundo totalmente diferente.

A propósito, posso dizer-lhes que ele amava uma garota. Ele apaixonou-se e queria casar-se com ela, mas a garota queria tornar-se iluminada. Ela queria buscar a verdade, então ela foi para a Índia. Aquela mulher não era ninguém mais que Annie Besant. Obrigado Deus que G.B.S. não pôde a persuadir a se tornar sua esposa; caso contrário nós teríamos perdido uma mulher tremendamente poderosa. O seu discernimento, o seu amor, a sua sabedoria... sim, ela era uma bruxa. Realmente quero dizer que ela era uma bruxa. Não quero dizer prostituta, quero dizer bruxa* [NdT. Trocadilho *bitch/witch*] ‘Bruxa’ é uma palavra realmente bela; quer dizer sábia.

Esse mundo é dos homens. Quando um homem se torna sábio ele é chamado de um buda, um cristo, um profeta; quando uma mulher se torna sábia ela é chamada de bruxa. Veja a injustiça disso. Mas o significado original da palavra é belo.

Máximas para um Revolucionário começa... a primeira máxima é: Não há regras de ouro, essa é a primeira regra. Ora, mesmo essa pequena declaração é tremendamente bela. Não há regras de ouro... Sim, não existe nenhuma; esta é a única regra de ouro. Para as restantes vocês terão que ler o livro. Lembre-se, sempre que digo estude, quero dizer medite a respeito. Sempre que eu disser leia, a meditação não é necessária. Apenas familiaridade com a linguagem será o suficiente.

Nono... estou certo, Devageet?

“Sim, Osho.”

Tão bom ouvir de vez em quando que estou certo. Não ouvi isso por pelo menos quarenta anos. Ninguém na minha família alguma vez disse isso. Eu estava sempre errado. E agradeço a Deus que eu estava errado, não ‘certo’ de acordo com eles, mas errado de acordo comigo mesmo. Nenhum dos meus professores alguma vez me disse que eu estava certo. Eu estava sempre errado.

Era uma rotina diária, quase uma prática usual, que eu era enviado ao diretor para ser punido. O capitão da sala me levava ao diretor, que então me perguntava o que eu tinha feito naquele dia. Mas aos poucos o diretor parou de perguntar. Eu ia até lá e ele me punia, dava um tapa na minha cara, e isso era tudo. Ele nem perguntava que mal eu tinha feito.

Uma vez ocorreu – e eu ainda dou risada do incidente – que o capitão da sala fez algo errado. O meu professor mandou o capitão da sala ao diretor comigo. Eu tive que levar o capitão da sala para o diretor para ele ser punido, mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa ele já tinha me punido! Eu ri e ele disse, “O que está acontecendo?”

Eu disse, “Hoje você deveria punir o outro sujeito. Eu vim com ele. Ele não me trouxe, eu o trouxe e você já esbofeteou a minha face!”

O diretor disse, “Desculpe-me.”

Eu disse, “Não acredito em palavras. Deixe-me esbofetear-lhe!” – e eu realmente dei-lhe um tapa.

Agora o velho homem está em seu túmulo. Sinto remorso por tê-lo esbofeteado, mas não bati muito forte... muito sutilmente, assim como uma brisa passando através dos pinheiros.

É tão bom ouvir apenas uma vez que estou certo. Somente para ouvi-lo novamente... É o oitavo número? Agora vocês estão em dificuldade. Não, eu sei que já é o nono. Certo.

Nono. A minha escolha para o nono é Hui Neng, o sucessor chinês de Bodidarma. *Os Ensinos de Hui Neng* ainda é desconhecido, e ainda não foi traduzido fora do Japão.

Hui Neng é um dos pináculos, o próprio máximo que um ser humano pode elevar-se. Hui Neng não diz muito; ele só insinua, apenas algumas dicas. Mas elas são o suficiente. Como pegadas, se vocês as seguirem vocês alcançarão. O que ele diz não é essencialmente diferente

de Buda ou Jesus, mas a maneira como ele diz é própria, autenticamente original. Ele diz da sua própria forma, e isso prova que ele não é um papagaio, não é um papa ou um sacerdote.

Hui Neng pode ser facilmente resumido, mas só pode ser realizado por aqueles que podem arriscar tudo. Ele pode ser resumido muito facilmente porque tudo o que ele diz é: Não pense; seja. Mas para realizar isso são necessárias muitas vidas, a menos que uma pessoa seja totalmente inteligente; então, neste exato momento, aqui e agora, pode tornar-se uma realidade para vocês. Já é uma realidade em mim, por que não poderia tornar-se uma realidade para vocês? Exceto por vocês, ninguém está impedindo.

Décimo e finalmente o último. Estou com medo – é por isso que fiquei um pouco hesitante, dizê-lo ou não o dizer – Mulla Nasruddin! Ele não é uma figura fictícia, ele foi um sufi e seu túmulo ainda existe. Mas ele era um homem tal que não podia resistir em fazer piadas até mesmo do seu túmulo. Ele fez um testamento que seu túmulo não teria nada além de uma porta, trancada, e as chaves jogadas no oceano.

Ora, isso é estranho! As pessoas vão ver o seu túmulo: elas podem dar a volta na porta porque não há paredes, há apenas uma porta ali, sem nenhuma parede! – e a porta está trancada. O homem Mulla Nasruddin deve estar rindo em seu túmulo.

Não amei ninguém como amei Nasruddin. Ele é um dos homens que uniu a religião e o riso; caso contrário religião e riso sempre ficariam de costas um para o outro. Nasruddin os forçou a abandonar a sua velha inimizade e tornarem-se amigos, e quando a religião e o riso se encontram, quando a meditação sorri e o riso medita, o milagre acontece... o milagre dos milagres.

Apenas dois minutos para mim.

Sempre amo parar quando as coisas estão em seu clímax.

Sessão 9

Agora é o meu momento. Não acho que alguém já falou em uma cadeira de dentista. Sinto-me privilegiado. Vejo que os budas invejam-me.

O PS. continua...

O primeiro livro hoje: *O Destino da Mente* de Haas. Não sei como seu nome é pronunciado: h-a-a-s – eu o pronuncio Haas. O livro não é muito conhecido pela simples razão que ele é muito profundo. Acho que esse sujeito Haas deve ser alemão; mesmo assim ele criou um livro de imensa significância. Ele não é um poeta, ele escreve como um matemático. Ele foi o homem que me deu a palavra filosofia.

Filosofia quer dizer ‘amor à sabedoria’; philo é amor e sophia é sabedoria, mas não pode ser aplicada a darshan, a forma Oriental de olhar para o todo. A filosofia é ríspida.

Em seu livro *O Destino da Mente*, Haas utiliza para darshan não a palavra filosofia, mas filosofia. Philo ainda quer dizer amor, mas osia significa verdade, o real, o supremamente real – não o amor por conhecimento ou sabedoria, mas o amor pela verdade, palatável ou impalatável, não importa.

Este é um daqueles livros que aproximou o Oriente e o Ocidente – mas apenas aproximou, os livros não podem fazer mais nada. Para o encontro ocorrer um ser humano é necessário, não um livro, e Haas não foi esse ser humano. O seu livro é belo, mas ele próprio é apenas ordinário. Para um encontro real um Buda, um Bodidarma, um Jesus, um Maomé ou um Baal Shem são necessários. Em suma, a meditação é necessária e não acho que esse homem Haas alguma vez meditou. Ele pode ter concentrado – os alemães sabem muito de concentração, campos de concentração... ótimo! Tenho mantido campos de meditação e eles têm mantido campos de concentração! A concentração é alemã, a meditação não. Sim, vez por outra até mesmo na Alemanha um meditador acontece, mas essa não é a regra, apenas a exceção, e a exceção sempre prova a regra. Conheço Eckhart, Boehme...

O meu segundo nome de hoje é Eckhart. Eu amaria se ele tivesse nascido no Oriente. Nascer entre alemães e então escrever ou falar sobre o supremo é uma tarefa difícil. Mas o pobre homem o fez, e o fez perfeitamente. Alemães são alemães; quaisquer coisas que fizerem eles fazem perfeitamente. Ainda hoje parece que um sannyasin alemão continua a bater. Perfeição! Ouvindo às suas batidas, quão belas elas soam no meio de todo esse silêncio.

Eckhart era iletrado. É estranho o fato de muitos místicos serem iletrados. Deve haver algo errado com a educação. Por que não existem muitos místicos educados? A educação deve estar destruindo algo, e isso previne as pessoas de tornarem-se místicas. Sim, a educação destrói. Vinte e cinco anos continuamente, do jardim da infância aos cursos de pós-graduação na universidade, ela segue destruindo qualquer coisa que seja bela e estética. O lótus é esmagado pela educação, a rosa é assassinada pelos seus supostos professores, vice-reitores, reitores. Que belos nomes eles escolheram para si próprios.

A educação real ainda não começou. Ela tem que começar. Será a educação do coração, não da cabeça; do feminino em vocês, não do masculino.

É surpreendente que Eckhart, entre os alemães, a raça mais machista do mundo, tenha permanecido em seu coração e falado a partir dele. Ilétrado, pobre, sem nenhum status político, sem nenhum status econômico, nenhum status – apenas um mendigo, mas tão rico. Pouquíssimas pessoas foram tão ricas. Rico em seu ser – seu SER.

Escreva SER com letras maiúsculas.

Essas duas palavras, ser e tornar-se, devem ser entendidas. Tornar-se é um processo sem começo nem fim, um contínuo. Mas ser não é um processo de maneira alguma, ele simplesmente é. Chamem-no talidade e vocês estarão muito próximos dele.

Ser não é nem do tempo nem do espaço, é uma transcendência. Transcendência – novamente, escreva TRANSCENDÊNCIA com letras maiúsculas. Quem dera vocês pudessem escrevê-la com letras douradas. É uma palavra que deve ser escrita a ouro, puro ouro – nem dezoito nem vinte e quatro quilates, cem por cento ouro.

Eckhart diz apenas algumas poucas coisas, mas até mesmo isso foi suficiente para irritar o feio sacerdócio, o papa e os demônios que o cercam. Eles imediatamente proibiram Eckhart. Eles falaram para ele o que dizer e o que não dizer. É necessário um louco como eu para não ouvir a esses tolos. Mas Eckhart era um homem simples; ele ouviu, ouviu a autoridade. Um alemão é, sobretudo, um alemão. Quando você diz “Vire à esquerda” ele vira à esquerda; quando você diz “Vire à direita” ele vira à direita.

Fui expulso do treinamento do exército na universidade porque quando eles diziam “Vire à direita” eu apenas pensava. Todo mundo imediatamente virava, exceto eu. O oficial ficou intrigado. Ele disse, “Qual o seu problema? Você não ouve? Algo está errado com seus ouvidos?”

Eu disse, “Não, algo está errado comigo. Não vejo sentido. Por que eu deveria virar à direita ou à esquerda? Não há necessidade, nenhuma razão. E esses pobres tolos que viraram à direita e então à esquerda vão voltar para a mesma posição que já estou.”

Naturalmente fui expulso – e fiquei imensamente feliz. Todo mundo pensou ser má sorte, eu pensei ser boa sorte. As pessoas sussurravam que algo deveria estar errado comigo: “Ele foi expulso e entretanto está desfrutando...” Dei uma festa com vinho e tudo.

Eckhart ouviu. Um alemão não pode ser realmente iluminado, seria muito difícil. Vimalkirti pode ser o primeiro alemão a tornar-se iluminado. Mas Eckhart estava muito perto; apenas mais um passo e o mundo acabaria... e a abertura, a abertura das portas, a abertura para o além. Mas ele disse – mesmo sendo alemão e mesmo sob pressão do papa – ele disse coisas bonitas. Somente um pouco de verdade entrou em seus dizeres, por isso incluo-o.

Terceiro, outro alemão: Boehme. Não sei como pronunciar o seu nome, mas quem se importa! Escreve-se assim: B-o-e-h-m-e. Os alemães devem pronunciar-lo diferentemente, disso estou certo. Mas não sou alemão. Não tenho que me comprometer com ninguém de forma alguma. Sempre o chamei “Boomay.” Mesmo se ele vier até mim e dizer, “Isso não é exatamente o meu nome,” eu direi, “Sai fora! Para mim esse é o seu nome, e esse será o seu nome, Boomay.”

Estranhamente, sempre que Arpita vem até o meu quarto eu sinto cheiro de Boehme, repentinamente lembro de Boehme. Talvez seja apenas uma associação, porque ele era um

sapateiro e Arpita é minha sapateira. Mas Arpita, você é abençoada por fazer-me lembrar de Boehme, um dos mais belos alemães de todos os tempos. Novamente, ele era totalmente pobre. Parece que é necessário ser pobre para ser sábio; isso sempre ocorreu até agora. Mas não depois de mim. Depois de mim vocês terão que ser ricos para serem iluminados.

Jesus diz que os ricos não entrarão em seu reino de Deus. Ele estava falando da maneira antiga. Eu digo enfaticamente que apenas os mais ricos entrarão no reino de Deus. E lembre-se, o que estou falando é o mesmo que Jesus estava falando, não é contraditório. O ‘pobre’ na terminologia de Jesus e o ‘rico’ na minha terminologia significam exatamente o mesmo. Ele chama de pobre o ser humano que perdeu a si mesmo, seu ego, e esse é o ser humano que chamo de rico. Quanto mais sem ego vocês são, mais ricos vocês são. Mas no passado muito raramente um homem como Boehme nascia em uma família rica, particularmente no Ocidente.

Não é assim no Oriente. Buda era um príncipe, Mahavira era um príncipe; os vinte e quatro tirthankaras dos jainas eram todos reis. Krishna era rei. Rama era rei. Todos eram ricos, imensamente ricos. Isso significa algo; significa a riqueza que estou falando. Um ser humano é rico quando o seu ego é perdido. Quando em ser humano não existe mais, ele existe.

Boehme diz poucas coisas, pouquíssimas. Ele não podia falar muitas coisas, então não tenham medo. A única coisa que eu gostaria de mencionar é: O coração é o templo de Deus. Sim, Boehme, é o coração não a cabeça.

Quarto: Um homem, Idries Shah. Não mencionarei nenhum dos seus livros porque todos são belos. Recomendo todos os livros desse homem.

Não tenham medo, ainda sou insano. Nada pode tornar-me são. Mas um livro de Idries Shah se sobressai em relação a todos os outros. Todos são belos, eu gostaria de mencioná-los todos, mas o livro *Os Sufis* é um diamante puro. O valor do que ele fez em *Os Sufis* é imensurável.

Não interrompa, isso está lindo.

Falar, para mim, é tão fácil. Posso falar até mesmo dormindo, e muito racionalmente também. Bom.

Sempre que reconheço algo como *Os Sufis* eu sempre aprecio. E isso é belo – isso é o que vocês entenderão se puderem entender o livro *Os Sufis* de Idries Shah. Ele é o homem que introduziu Mulla Nasruddin ao Ocidente, e ele fez um serviço incrível. Ele não pode ser recompensado. O Ocidente permanecerá grato a ele para sempre. Idries Shah tornou as pequenas anedotas de Nasruddin ainda mais belas. Esse homem não tem apenas a capacidade de traduzir exatamente as parábolas, mas até mesmo de embelezá-las, para torná-las mais pungentes, mais afiadas. Incluo todos os seus livros.

O meu número está certo?

“Sim, Osho.”

Quinto, incluirei outro homem, Alan Watts, com todos os seus livros. Amei esse homem imensamente. Amei Buda por diferentes razões; amei Salomão por uma razão diferente. Eles são iluminados, Alan Watts não é. Ele é americano... não nascido americano, essa é a sua única

esperança; ele apenas emigrou para lá. Mas ele escreveu livros tremendamente valiosos. *O Caminho Zen* deve ser contado como um dos mais importantes; *É Isso* é uma tremenda obra de beleza e entendimento – e de um homem que ainda é não-iluminado; por isso é ainda mais apreciável.

Quando você é iluminado, qualquer coisa que você diz é bela; ela deve ser. Mas quando você não é iluminado e tateia no escuro e mesmo assim encontra uma pequena janela de luz, isso é formidável, fantástico. Alan Watts era um bêbado, mas ainda assim ele estava muito próximo.

Ele foi certa vez um padre cristão ordenado – que azar! – mas renunciou. Pouquíssimas pessoas têm a coragem de renunciar ao sacerdócio, porque ele provê tantas coisas do mundo. Ele renunciou a tudo e tornou-se quase um *hobo** [NdT. um vagabundo]. Mas que hobo! – relembrando Bodidarma, Basho ou Rinzai. Alan Watts não pode permanecer muito tempo sem tornar-se um buda. Ele morreu há muito; nessa altura ele deve estar deixando a escola... deve estar pronto para vir a mim! Estou esperando por todas essas pessoas. Alan Watts é uma delas – estou esperando-o.

Sexto... Agora há pouco, incidentalmente, mencionei o nome Rinzai. O seu *Provérbios* é o meu sexto, a coleção dos seus ditados. O meu número está correto?

“Sim, Osho.”

Isso é bom. Você sussurrou algo para Ashu, então me perguntei. Desculpe-me por interrompê-lo. Você está muito concentrado em suas notas.

Rinzai... o seu nome chinês é Lin Chi; em japonês é Rinzai. Escolhi o japonês, Rinzai. Rinzai parece mais belo, mais estético.

Os *Provérbios* de Rinzai são dinamite pura. Por exemplo, ele diz: Vocês tolos, vocês seguidores de Buda, renunciem a ele! A menos que renunciem a ele vocês não o encontrarão. Rinzai amava Buda, por isso dizia isso. Ele também disse: Antes de vocês usarem o nome Gautama o Buda, lembrem-se que este nome não é a realidade. O buda fora do pagode não é o buda real. Ele está dentro de vocês... e vocês estão completamente inconscientes, vocês nunca ouviram falar dele. Este é o buda real. Abandone o buda externo para que vocês possam alcançar o interno. Rinzai diz: Não há doutrina, nenhum ensinamento, nenhum Buda. E lembre-se, ele não era um inimigo de Buda, mas um seguidor, um discípulo.

Foi Rinzai que levou a flor do zen da China para o Japão. Ele transmitiu o espírito do zen para a língua japonesa, e não apenas para a língua, mas para a própria cultura, o arranjo das flores, a cerâmica, a jardinagem etc. Um homem, um único homem, transformou toda a vida de uma nação.

Sétimo: O sétimo não é um homem iluminado como Rinzai, mas muito próximo. Hazrat Inayat Khan, o homem que introduziu o sufismo no Ocidente. Ele não escreveu um livro, mas todas as suas palestras foram coletadas em doze volumes. Aqui e ali elas são belas. Desculpe-me, não posso dizer que todas elas são belas, mas aqui e ali, às vezes, particularmente quando ele está falando sobre uma história sufi, elas são belas.

Ele também era um músico; nisso ele era realmente um maestro. Ele não era um mestre no mundo espiritual, mas no mundo da música ele certamente o foi. Mas às vezes ele voava ao espiritual, elevava-se para além das nuvens... para cair novamente com um baque, é claro. Ele deve ter sofrido de... Devaraj, como você o chama? Multi-fraturas? Múltiplas fraturas, talvez essa seja a palavra correta.

Oitavo: O filho de Hazrat Inayat Khan. O seu nome é bem conhecido entre os buscadores do Oriente: Hazrat Vilayat Ali Khan. Ele é um belo homem. Ele ainda vive. O pai está morto, Vilayat está vivo, e quando digo vivo realmente quero dizer vivo – não apenas respirando... respirando é óbvio, mas não apenas respirando. Todos os seus livros são incluídos aqui. Vilayat Ali Khan também é um músico, assim como seu pai, de uma qualidade superior, de uma profundidade maior. Ele é mais profundo... e – ouça a essa pausa – mais silencioso também.

Nono: Novamente quero incluir outro livro de Khalil Gibran, *Jesus, O Filho do Homem*. É um daqueles livros que é quase ignorado. Os cristãos o ignoram porque ele chama Jesus de filho do homem. Eles não apenas o ignoram, eles o condenam. E, é claro, quem mais se preocupa com Jesus? Se os cristãos eles próprios estão condenando o livro, então ninguém mais se preocupa com ele.

Khalil Gibran é um sírio de um local muito próximo a Jerusalém. De fato, nas colinas da Síria as pessoas – umas poucas pessoas pelo menos – ainda falam aramaico, o idioma de Jesus. Entre aqueles cedros gigantes, qualquer um, mesmo um tolo, necessariamente ficará admirado, mistificado. Khalil Gibran nasceu na Síria, debaixo dos cedros que tocam as estrelas. Ele chegou muito próximo de representar Jesus o homem real – mais próximo do que os quatro supostos discípulos que escreveram os evangelhos. Eles são mais fofocas do que evangelhos* [NdT. trocadilho *gossips/gospels*]. Khalil Gibran está mais próximo, mas os cristãos ficaram bravos porque ele chama Jesus de filho do homem. Amo o livro.

O livro relaciona as histórias de diferentes pessoas sobre Jesus: um operário, um agricultor, um pescador, um cobrador de impostos – sim, até mesmo um cobrador de impostos – um homem, uma mulher, todas as possibilidades. É como se Khalil Gibran perguntasse para várias pessoas sobre Jesus – o Jesus real, não o Jesus cristão; o Jesus real, feito de carne... e as histórias são tão belas. Cada história precisa ser meditada. *Jesus, o Filho do Homem* é a minha nona seleção de hoje.

Décimo: Outro livro de Khalil Gibran, *O Louco*. Não posso o deixar de fora, embora confesso que gostaria. Eu gostaria de deixá-lo fora porque eu sou aquele louco que ele está falando. Mas não posso o deixar de fora. Ele fala tão significativamente, tão autenticamente sobre o núcleo mais profundo do louco. E esse louco não é um louco ordinário, mas um Buda, um Rinzai, um Kabir. Pergunto-me – sempre me perguntei – como Khalil Gibran conseguiu. Ele próprio não era um louco, ele próprio não era iluminado. Ele nasceu na Síria, mas infelizmente viveu na América.

Mas há surpresas e surpresas, questões sem respostas. Como ele conseguiu? Talvez ele próprio não tenha conseguido... talvez algo, alguém – o que os sufis chamam de khidr, e os teosofistas chamam K.H., koothumi – deve ter tomado posse dele. Ele estava possuído, mas

nem sempre. Quando não estava escrevendo ele era um homem muito ordinário, de fato, mais ordinário do que os supostos homens ordinários: cheio de inveja, raiva, paixões de todos os tipos. Mas de vez em quando ele ficava possuído, possuído do além, e então algo começava a verter dele... pinturas, poesias, parábolas.

Sessão 10

Certo, quantos livros eu comentei no pós-escrito – quarenta?

“Trinta, eu acho, Osho.”

Trinta? Bom. É um alívio porque muitos livros ainda estão esperando. Vocês podem entender o meu alívio apenas se tivessem que escolher um livro a cada mil, e é exatamente isso o que estou fazendo. O pós-escrito continua.

O primeiro livro, *O Ser e o Nada* de Jean-Paul Sartre. Primeiro devo mencionar que não gosto do homem. Não gosto porque ele é um esnobe. Ele é uma das pessoas mais esnobes deste século. Eu o chamo de esnobe porque ele tornou-se o líder do existencialismo sem saber nada o que significa ser existencial. Mas o livro é bom – não para os meus discípulos, mas para aqueles que ficaram um pouco loucos, apenas um pouco. O livro é ilegível.

Se vocês estiverem um pouco loucos ele lhes trará aos seus sentidos. É uma grande obra nesse sentido – medicinal. Devaraj, anote isso: medicinal. Ele deve ser prescrito em todos os hospícios. Todo louco deve ser forçado a lê-lo, estudá-lo. Se ele não puder trazer-lhe à sanidade, nada pode. Mas apenas para a loucura de primeiro grau, como os filósofos, professores, matemáticos, cientistas – porém apenas o primeiro grau, não aqueles muito avançados na loucura.

O existencialismo que Jean-Paul Sartre representa é ridículo. Sem saber nada de meditação ele fala sobre ‘ser’, e ele fala sobre ‘nada’. Ai de mim, eles não são dois: ser é não-coisidade* [NdT. *nothingness*]; é por isso que Buda chamou o ser de anatta – não-eu. Gautama o Buda é o único homem na história a chamar o eu de ‘não-eu’. Amo Buda por mil e uma razões; essa é apenas uma das razões. As milhares não posso as contar por causa da falta de tempo. Talvez um dia eu comece a falar dessas mil razões também...

Mas Jean-Paul Sartre eu não gosto – apenas não gosto, nem mesmo odeio, porque ódio é uma palavra forte; eu a guardo para o segundo livro. Jean-Paul Sartre não sabe nada da existência, mas ele criou um jargão, um jargão filosófico, ginástica intelectual. E é realmente ginástica. Se vocês lerem dez páginas do *Ser e o Nada*, ou vocês ficarão sãos ou insanos. Mas ler dez páginas é uma tarefa difícil. Quando eu era professor entreguei-as para vários estudantes meus, mas ninguém nunca as completavam. Ninguém podia ler nem dez páginas – uma página era demais; de fato um parágrafo é demais. Não há pé nem cabeça. E são mil páginas ou mais. É um livro grande.

Relembro-o no pós-escrito pois embora eu não goste do homem, posso desgostar da sua filosofia... sim, vou chamá-la filosofia, apesar de ele querer que ela fosse chamada de anti-filosofia. Não posso a chamar de anti-filosofia pela simples razão que toda anti-filosofia, no limite, prova-se apenas outra filosofia. A existência não é nem filosófica nem anti-filosófica. Ela é.

Incluo o livro porque ele fez uma tremenda tarefa. É um dos livros mais monumentais já escritos, com tanta habilidade, tamanha lógica. E, entretanto, o homem era apenas ordinário, um comunista – esta é outra razão para eu desgostar dele. Um homem que conhece a existência não pode ser comunista, porque ele saberá que a igualdade é impossível. As coisas são

desiguais. Nada é igual e nada nunca poderá ser igual. A igualdade é apenas um sonho, um sonho de pessoas estúpidas. A existência é uma desigualdade multidimensional.

Segundo: Eu esperarei... a tinta de Devageet acabou. Que caneta tinteiro você tem! Meu Deus, ela deve ter pertencido a Adão e Eva! Que barulho ela faz! Mas ninguém pode esperar mais nada nessa Arca de Noé.

O segundo – porque o barulho parou – o segundo é o *Ser e Tempo* de Martin Heidegger. Odeio este homem. Ele não era apenas um comunista, mas um fascista também, um seguidor de Adolf Hitler. Não posso acreditar no que os alemães podem fazer! Ele era um homem tão talentoso, um gênio, e, entretanto, um apoiador daquele imbecil retardado Adolf Hitler. Fico simplesmente espantado. Mas o livro é bom – novamente, não para os meus discípulos, mas para aqueles que estão muito avançados em sua loucura. Se vocês estiverem realmente avançados na loucura, leia o *Ser e Tempo*. Ele é absolutamente incognoscível. Ele vai acertá-los como um martelo na cabeça. Mas há alguns belos vislumbres nele. Sim, quando alguém bate em vocês na cabeça com um martelo, mesmo durante o dia vocês começam a ver estrelas. Esse livro é exatamente assim: há algumas poucas estrelas nele.

O livro não está completo. Martin Heidegger prometeu escrever uma segunda parte. Ele continuou prometendo ao longo de toda a sua vida, mas ele nunca produziu a segunda parte, obrigado Deus! Acho que ele próprio não podia entender o que tinha escrito, então por que continuá-lo? Como produzir a segunda parte? E a segunda parte seria a culminação da sua filosofia. Foi melhor não a produzir e não se tornar motivo de riso. Ele morreu sem produzir a segunda parte. Mas a primeira parte é boa para pessoas avançadas na insanidade – e existem muitas; é por isso que estou falando desses livros e incluindo-os na minha lista.

Terceiro: Esse é para os reais especialistas na loucura, que foram além de toda psiquiatria, psicanálise, que não podem ser ajudados. Esse terceiro livro é novamente a obra de um alemão, Ludwig Wittgenstein. Apenas ouça o seu título: *Tractatus Logico Philosophicus*. Chamemo-lo apenas de *Tractatus*. É um dos livros mais difíceis que existem. Mesmo um homem como G.E. Moore, um grande filósofo inglês, e Bertrand Russell, outro grande filósofo – não apenas inglês, mas um filósofo do mundo todo – ambos concordaram que esse homem Wittgenstein era muito superior a eles.

Ludwig Wittgenstein era um homem realmente amável. Não o odeio, mas não o desgosto. Gosto dele e o amo, mas não de seu livro. O seu livro é apenas ginástica. Apenas de vez em quando, depois de páginas e páginas vocês cruzam com uma sentença luminosa. Por exemplo: Aquilo que não deve ser falado não deve ser falado; é preciso ficar em silêncio sobre isso. Ora, essa é uma declaração bela. Até mesmo os santos, místicos e poetas podem aprender muito a partir dessa sentença. Aquilo que não pode ser falado não deve ser falado.

Wittgenstein escreve de uma maneira matemática, pequenas sentenças, nem mesmo parágrafos – sutras. Mas para os seres humanos muito avançados na insanidade esse livro pode ser de imensa ajuda. Ele pode golpeá-los exatamente na alma, não apenas na cabeça. Assim como um prego ele pode penetrar em seus próprios seres. Isso pode acordá-los de seus pesadelos.

Ludwig Wittgenstein foi um homem amável. Foi-lhe oferecido uma das cadeiras mais estimadas de filosofia em Oxford. Ele recusou. É isso o que amo nele. Ele foi tornar-se um

lavrador e pescador. Isso é amável no homem. Isso é mais existencial que Jean-Paul Sartre, embora Wittgenstein nunca tenha falado de existencialismo. O existencialismo, a propósito, não pode ser falado; vocês têm que vivê-lo, não há outro caminho.

Esse livro foi escrito quando Wittgenstein estava estudando com G.E. Moore e Bertrand Russell. Dois grandes filósofos da Inglaterra, e um alemão... foram o suficiente para criar o *Tractatus Logico Philosophicus*. Traduzido ele significa Wittgenstein, Moore e Russell. Em relação a mim, eu preferiria ter visto Wittgenstein sentado aos pés de Gurdjieff do que estudando com Moore e Russell. Ali seria o lugar certo para ele, mas ele deixou escapar. Talvez na próxima vez, quero dizer, na próxima vida... para ele, não para mim. Para mim essa é suficiente, essa é a última. Mas para ele, pelo menos uma vez ele precisará estar na companhia de um homem como Gurdjieff ou Chuang Tzu, Bodidarma – mas não Moore, Russell, não Whitehead. Ele associou-se com essas pessoas, as pessoas erradas. Um homem certo na companhia das pessoas erradas, foi isso que o destruiu.

A minha experiência é, na companhia certa até uma pessoa errada torna-se certa, e vice-versa: na companhia errada, mesmo uma pessoa certa torna-se errada. Mas isso somente aplica-se para um ser humano não-iluminado, certo ou errado, ou ambos. Uma pessoa iluminada não pode ser influenciada. Ela pode associar-se com qualquer um – Jesus com Madalena, uma prostituta; Buda com um assassino, um assassino que matou novecentas e noventa e nove pessoas. Ele tinha jurado matar mil pessoas e ele mataria Buda também; foi assim que encontrou Buda.

O nome do assassino não é conhecido. O nome que as pessoas deram a ele foi Angulimala, que significa ‘o homem que veste uma guirlanda de dedos’. Era assim que ele fazia. Ele matava um homem, cortava seus dedos e colocava-os em uma guirlanda, apenas para não perder a contagem do número de pessoas que havia matado. Apenas dez dedos faltavam para completar mil; em outras palavras apenas mais um homem... Então Buda apareceu. Ele estava apenas se movendo por aquela rua de uma vila para a outra. Angulimala gritou, “Pare!”

Buda disse, “Ótimo. É isso o que tenho falado para as pessoas: Pare! Mas, meu amigo, quem ouve?”

Angulimala olhou assustado: Esse homem está insano? E Buda continuou andando na direção de Angulimala. Angulimala novamente gritou, “Pare! Parece que você não sabe que sou um assassino e jurei matar mil pessoas. Até mesmo a minha mãe deixou de ver-me, porque falta apenas uma pessoa... eu vou matar-te... mas você parece tão belo que se você parar e voltar não vou te matar.”

Buda disse, “Esqueça isso. Eu nunca voltei em minha vida, e, no que diz respeito ao parar, parei há quarenta anos atrás; desde então não sobrou ninguém para mover-se. E, no que diz respeito a matar-me, você pode fazê-lo de qualquer maneira. Tudo o que nasce morrerá.”

Angulimala viu o homem, caiu aos seus pés e foi transformado. Angulimala não podia mudar Buda, Buda mudou Angulimala. Madalena a prostituta não podia mudar Jesus, mas Jesus mudou a mulher.

Então o que digo é aplicável somente a assim chamada humanidade ordinária, não é aplicável àqueles que estão despertos. Wittgenstein pode tornar-se iluminado; ele poderia ter-se tornado iluminado até mesmo nessa vida. Infelizmente ele associou-se com a companhia errada. Mas o seu livro pode ser de grande ajuda para aqueles que estão realmente no terceiro

grau da insanidade. Se eles puderem compreender qualquer coisa do livro eles voltarão à sanidade.

Quarto: Antes de eu declarar o nome do quarto, sinto-me tremendamente agradecido à existência... Agora vou falar sobre um homem que estava além dos números, Vimalkirti. O nome do seu livro é *Nirdesh Sutra*. O nosso Vimalkirti não é o único Vimalkirti; de fato, eu lhe dei esse nome por causa desse Vimalkirti que vou falar para vocês. As suas declarações são chamadas *Vimalkirti Nirdesh Sutra*. *Nirdesh Sutra* significa ‘diretrizes’.

Vimalkirti foi um dos homens mais maravilhosos; até mesmo um Buda pode ter ciúmes desse homem. Ele foi um discípulo de Buda, mas nunca se tornou um discípulo formalmente, ele nunca foi iniciado por Buda externamente. E ele era um homem tão terrível que todos os discípulos de Buda tinham medo dele. Eles nunca quiseram que Vimalkirti se tornasse um discípulo. Apenas vê-lo de passagem ou cumprimentá-lo era suficiente para que ele dissesse algo chocante. Chocar era o seu método. Gurdjieff o teria amado – ou, quem sabe, até mesmo Gurdjieff ficaria chocado. O homem era realmente terrível, um homem real.

Diz-se que ele estava doente e Buda pediu para Sariputta ir ver o velho homem e perguntá-lo sobre sua saúde. Sariputta disse, “Eu nunca disse não para você, mas dessa vez eu digo, e digo enfaticamente: Não! Não quero ir. Mande outra pessoa. Aquele homem é realmente terrível. Mesmo em seu leito de morte ele criará problemas para mim. Não quero ir.”

Buda pediu a todos e ninguém estava pronto para ir exceto um homem, Manjusri, o primeiro discípulo de Buda a tornar-se iluminado. Ele foi, é daí que surge esse livro. É um diálogo. Nosso Vimalkirti ganhou o nome por causa desse homem. O Vimalkirti original estava morrendo em sua cama e Manjusri estava fazendo-lhe questões, ou melhor, respondendo às suas questões. É assim que o *Vimalkirti Nirdesh Sutra* nasceu – uma obra realmente excelente.

Ninguém se preocupa com ele porque não é um livro de qualquer religião em particular. Não é nem mesmo um livro dos budistas, porque ele nunca foi um discípulo formal de Buda. As pessoas respeitam tanto a forma que elas esquecem o espírito. Eu recomendo o livro para todos os buscadores reais. Eles encontrarão uma mina de diamantes.

Quinto, quero falar novamente de J. Krishnamurti para vocês. O nome do livro é *Comentários sobre o Viver*. Existem muitos volumes desse livro. Ele foi feito da mesma matéria que as estrelas foram feitas.

O *Comentários sobre o Viver* é seu diário. De vez em quando ele escrevia algo em seu diário... um belo pôr do sol, uma árvore antiga, ou mesmo a noite... os pássaros voltando para casa... qualquer coisa... um rio correndo para o oceano... qualquer coisa que sentia ele anotava, às vezes. É assim que esse livro nasceu. Ele não foi escrito sistematicamente, é um diário. Entretanto, lê-lo é o suficiente para transportá-los para outro mundo – o mundo da beleza, ou, muito melhor, da beatitude. Vocês podem ver as minhas lágrimas?

Faz tempo que não o leio, mas somente mencionar esse livro é suficiente para trazer lágrimas aos meus olhos. Amo o livro. É um dos maiores livros já escritos. Eu disse anteriormente que *Primeira e Última Liberdade* de Krishnamurti era seu melhor livro, que ele não foi capaz de o transcender – é óbvio que não com um livro, porque o *Comentários* é apenas um diário, não é um livro no sentido real, mas de qualquer forma o incluo.

Sexto... meu número está correto?

“Sim, Osho.”

Tão bom ouvir “Sim, Osho.” Apenas ouvir sim é tão bom, tão nutritivo, tão vitalizante. Não posso ser grato o suficiente por isso. E tenho milhares de sannyasins por todo o mundo cantando “Sim, Osho, sim!” Devo considerar-me o homem mais afortunado que já estive na Terra, ou em qualquer outro planeta.

Sexto... o sexto livro é novamente chamado *Comentários*, uma obra imensa em cinco volumes de Maurice Nicoll. Lembre-se, eu sempre pronunciei o seu nome Morris Nickoal. Na noite passada perguntei para Gudia qual era a pronúncia real, exata, adequada – porque ele era inglês. Ela disse, “Nickle”.

Eu disse, “Meu Deus! Toda a minha vida o chamei de Nickoal, por causa da grafia: N-i-c-o-l-l. Pergunto-me como pode ser pronunciado Nickle. Nickoal parece ser a pronúncia correta. Mas certo ou errado, se Gudia o diz – ela é propriamente inglesa – então tudo bem. Eu o chamarei Morris Nickle... e seu *Comentários*.”

Nicoll era um discípulo de Gurdjieff e, ao contrário de Ouspensky, ele nunca traiu, não foi um Judas. Um verdadeiro discípulo até o último suspiro e além deste também. Os comentários de Nicoll são vastos – não acho que ninguém os lê – vários milhares de páginas. Mas se alguém se lançar ao trabalho, esta pessoa será imensamente beneficiada. Na minha opinião o *Comentários* de Nicoll deve ser considerado um dos melhores livros do mundo.

Sétimo: Novamente um livro de outro discípulo de Gurdjieff, Hartmann. O livro é *Nossa Vida com Gurdjieff*, Hartmann – não sei a pronúncia exata... porque posso ouvir uma pequena risadinha em algum lugar. Mas não se preocupe com a pronúncia. Hartmann e sua esposa eram ambos discípulos de Gurdjieff. Hartmann era um músico e tocava nas danças de Gurdjieff. Gurdjieff utilizava dança como meditações, não apenas para os discípulos, mas também para as pessoas que viam os discípulos dançando.

Em Nova Iorque, quando Gurdjieff se apresentou pela primeira vez, Hartmann estava tocando piano, os discípulos dançavam e, no momento em que Gurdjieff gritava “Pare!” – era um exercício de parar. Não você Devageet, você continua escrevendo. Quando Gurdjieff gritava “Pare!” os dançarinos realmente paravam, no meio da dança! Eles estavam no limiar do palco. Todos caíam uns sobre os outros no chão, mas, ainda assim, ninguém se movia! A audiência ficava estupefata. A audiência não acreditava que as pessoas podiam ser tão obedientes. Hartmann escreveu o livro *Nossa Vida com Gurdjieff* e é uma bela descrição de um discípulo. Ele será útil para qualquer pessoa que esteja no caminho.

Qual é o número?

“O último foi o número sete, Osho.”

Bom, você está ouvindo.

Oitavo... você vê a minha forma de ensinar? E você vê que mesmo quando tento perturbar-te é apenas para ensinar-te algo que você poderia não estar consciente? Mas um dia você sentir-se-á agradecido.

Sétimo... está certo?

“É o número oito, Osho.”

Tão bom ser corrigido por um discípulo, imensamente bom. Um mestre sempre se sente abençoado se um discípulo o corrige. E é apenas uma questão de números. Quando estou tentando corrigi-los, pelo menos posso permitir que vocês tenham um pouco de prazer no que diz respeito aos números. Então, qual é o número agora?

“É o número oito, Osho.”

Bom. Às vezes quero rir... Oito? Bom.

O oitavo livro que vou falar foi escrito por Ramanuja, um místico hindu. Ele é chamado *Shree Pasha*. É um comentário sobre o *Brahman Sutras*. Existem muitos comentários sobre o *Brahman Sutras* – eu já falei sobre o *Brahman Sutras* de Badrayana. A forma do comentário de Ramanuja sobre ele é única.

O livro original é muito seco, absolutamente desértico. É claro que o deserto também tem a sua beleza e a sua verdade, mas Ramanuja em seu *Shree Pasha* o torna um jardim, um oásis. Ele o deixa suculento. Amo o livro que Ramanuja escreveu. Não gosto de Ramanuja porque ele era um tradicionalista. Odeio profundamente os tradicionalistas, os ortodoxos. Considero-os fanáticos – mas o que se pode fazer, o livro é belo; de vez em quando até mesmo um fanático pode fazer algo belo. Então perdoem-me por incluí-lo.

Nono. Sempre amei os livros de P.D. Ouspensky apesar de nunca ter amado o homem. Ele parecia um professor de escola, não um mestre, e vocês podem amar um professor de escola? Tentei enquanto estava na escola e falhei; no colégio, falhei; na universidade, falhei. Eu não conseguia; e não acho que alguém possa amar um professor de escola – particularmente se a professora for uma mulher; então é impossível! Há alguns tolos que até mesmo casam-se com mulheres que são professoras! Eles devem estar sofrendo de uma doença que os psicólogos chamam de ‘masoquismo’; eles devem estar procurando alguém para torturá-los.

Não gosto de Ouspensky. Ele era exatamente o professor de escola, até mesmo quando palestrava sobre os ensinamentos de Gurdjieff. Ele ficava na frente de um quadro negro, com um giz em suas mãos, com uma mesa e uma cadeira, exatamente como um professor de escola, com óculos e tudo, nada faltava. E a maneira que ensinava! – Posso ver porque ele atraiu tão poucas pessoas, embora trouxesse uma mensagem dourada.

Segundo, o odeio porque ele foi um Judas. Não posso amar ninguém que trai. Trair é cometer suicídio, suicídio espiritual. Até mesmo Judas teve que cometer suicídio dentro de apenas vinte e quatro horas depois da crucificação de Jesus. Ouspensky não é um caso de amor, mas o que posso fazer? Ele era um escritor capaz, talentoso, um gênio. Esse livro que mencionarei foi uma publicação póstuma. Ele nunca quis que ele fosse publicado durante a sua vida. Talvez tivesse medo. Talvez ele pensou que o livro não corresponderia às suas expectativas.

É um livro pequeno e o seu nome é *O Futuro da Psicologia do Homem*. Ele escreveu em seu testamento que o livro deveria ser publicado apenas quando ele estivesse morto. Não gosto do homem, mas devo dizer, a despeito de mim, que nesse livro ele quase previu a mim e meus sannyasins. Ele previu a psicologia futura, e é isso o que estou fazendo aqui – o ser humano futuro, o Novo Ser Humano. Esse pequeno livro deve ser um estudo necessário para todos os sannyasins.

Décimo... ainda estou certo?

“Sim, Osho.”

Bom.

O livro que falarei é sufi. *O Livro de Bahauddin*. O místico sufi original, Bahauddin, criou a tradição do sufismo. Neste pequeno livro tudo está contido. É como uma semente. Amor, meditação, vida, morte... ele não deixou absolutamente nada de fora. Medite sobre ele.

Por hoje é só.

Sessão 11

Certo. Mencionei quantos livros no PS. até agora?

“Foram quarenta livros no PS., Osho.”

Bom. Sou um homem teimoso.

Primeiro, *O Outsider*, de Colin Wilson. É um dos livros mais influentes desse século – mas o homem é ordinário. Ele é um erudito de tremenda capacidade, e sim, existem algumas poucas percepções profundas aqui e ali – mas o livro é belo.

Em relação a Colin Wilson, ele próprio não era um ‘outsider’; ele era um homem mundano. Eu sou um outsider, por isso amo o livro. Amo-o porque embora ele não faça parte da dimensão que fala, ele escreve muito, muito próximo da verdade. Mas lembre-se, mesmo se vocês estão próximos da verdade vocês ainda são falsos. Vocês são ou verdadeiros ou falsos, não há nada entre um e outro.

O livro *O Outsider* representa um grande esforço da parte de Wilson em entender de fora o mundo de um outsider; de fora olhar para um outsider, como se alguém estivesse olhando pela fechadura da sua porta. Ele pode ver um pouco – e Colin Wilson *viu*. Vale a pena ler o livro – apenas ler, não estudar. Leia-o e jogue-o na lixeira, porque a menos que um livro venha de um real outsider ele será um eco distante, muito distante... eco do eco, reflexão da reflexão.

O segundo, *Os Analectos* de Confúcio. Não gosto de Confúcio de maneira alguma, e não sinto qualquer culpa em não gostar dele. Sinto-me realmente aliviado que isso está registrado agora. Confúcio e Lao Tsé foram contemporâneos. Lao Tsé era um pouco mais velho; Confúcio foi ver Lao Tsé e voltou tremendo, profundamente abalado, perspirando. Os seus discípulos perguntaram, “O que aconteceu na caverna? ...Porque só estavam vocês dois lá e ninguém mais.”

Confúcio disse, “Foi bom que ninguém testemunhou. Aquele homem, meu Deus, ele é um dragão! Ele poderia ter me matado, mas escapei. Ele é realmente perigoso.”

Confúcio relatou sinceramente. Um homem como Lao Tsé pode matar-lhes apenas para ressuscitá-los; e, a não ser que alguém esteja pronto para morrer ele não poderá renascer. Confúcio escapou do seu próprio renascimento.

Já escolhi Lao Tsé e para sempre. Confúcio pertencia ao mundo muito ordinário, mundano. Mas deixe anotado que não gosto dele; ele era um esnobe. É estranho que ele não tenha nascido na Inglaterra. Mas, de qualquer forma, a China daqueles dias era a Inglaterra. Naqueles dias a Inglaterra era apenas bárbara, não havia nada de valor lá.

Confúcio era um político, sagaz, esperto, mas não muito inteligente na verdade; caso contrário ele teria caído aos pés de Lao Tsé, ele não teria escapado. Ele não estava apenas com medo de Lao Tsé, ele teve medo do silêncio... porque Lao Tsé e o silêncio são os mesmos.

Mas eu quis incluir um dos mais famosos livros de Confúcio, apenas para ser justo. *Os Analectos* é o seu livro mais importante. Para mim é como as raízes de uma árvore, feias mas muito essenciais – o que vocês chamam de um mal necessário. *Os Analectos* é um mal necessário. Nele ele fala sobre o mundo e as questões mundanas, política e tudo. Um discípulo lhe perguntou, “Mestre, e o silêncio?”

Confúcio ficou irritado, perturbado. Ele gritou com o discípulo e falou, “Cale a boca! Silêncio? – o silêncio você o terá em seu túmulo. Na vida ele não é necessário, há muitas outras coisas mais importantes para fazer.”

Essa era a sua atitude. Vocês podem entender porque não gosto dele. Tenho dó dele. Ele era um homem bom. Infelizmente ele chegou tão perto de um dos maiores, Lao Tsé, e ainda assim deixou escapar! Posso apenas deixar cair uma lágrima por ele.

Terceiro: Khalil Gibran escreveu muitos livros em sua língua materna. Aqueles que ele escreveu em inglês são bem conhecidos: os mais famosos, *O Profeta* e *O Louco...* e existem muitos outros. Mas ele escreveu muitos em sua língua materna, poucos deles estão traduzidos. É claro que traduções não podem ser iguais, mas Khalil Gibran é tão excelente que mesmo nas traduções vocês podem encontrar algo valioso. Farei referência a algumas traduções hoje. O terceiro é *O Jardim do Profeta*, de Khalil Gibran. É uma tradução, mas ela faz-me lembrar do grande Epicuro.

Não conheço ninguém exceto eu que chamou Epicuro de grande. Ele foi condenado ao longo das eras. Mas sei que quando as massas condenam um homem necessariamente deve ter algo de grande nele. O livro de Khalil Gibran, *O Jardim do Profeta* faz-me lembrar de Epicuro porque ele costumava chamar a sua comuna de O Jardim. Tudo o que uma pessoa faz a representa. Platão chamou a sua comuna de A Academia – naturalmente; ele era um acadêmico, um grande filósofo intelectual.

Epicuro chamava a sua comuna de O Jardim. Eles viviam sob as árvores, sob as estrelas. Certa vez o rei foi ver Epicuro porque ouviu que essas pessoas eram imensamente felizes. Ele queria saber, ficou curioso, qual seria o motivo dessas pessoas serem tão felizes: Qual seria a causa? – porque elas não tinham nada. Ele ficou intrigado, porque elas eram realmente felizes, elas estavam cantando e dançando.

O rei disse, “Sinto-me muito contente com você e sua gente, Epicuro. Você gostaria de um presente meu?”

Epicuro disse ao rei, “Se você vier novamente, você poderia trazer um pouco de manteiga, porque por muitos anos a minha gente não viu manteiga. Todos estão comendo apenas pão, sem manteiga. E uma coisa mais: se você vier novamente por favor não permaneça como um forasteiro; pelo menos enquanto estiver aqui torne-se parte de nós. Participe, seja um de nós. Dance, cante. Nós não temos nada mais para o oferecer.”

O livro de Khalil Gibran faz-me lembrar de Epicuro. Sinto muito não ter mencionado Epicuro, mas não sou responsável por isso. O seu livro foi queimado, destruído pelos cristãos. Todas as cópias que estavam disponíveis foram destruídas há centenas de anos atrás. Então não posso mencionar o seu livro, mas eu o trouxe através de Khalil Gibran e seu *O Jardim do Profeta*.

Quarto... bom... outra tradução de Khalil Gibran, *A Voz do Mestre*. Deve ter sido um livro muito belo no original, porque mesmo na tradução aqui e ali há traços de beleza, pegadas. Mas isso está fadado a ser assim. O idioma que Khalil Gibran falava era muito próximo do idioma de Jesus. Eles são vizinhos, a casa de Khalil Gibran é o Líbano. Ele nasceu nas colinas do Líbano, sob os cedros, as maiores árvores do mundo. Olhando para um cedro do Líbano vocês podem acreditar em Van Gogh, que as árvores são o desejo da Terra de alcançar as estrelas. Elas têm centenas de pés de altura e milhares de anos.

Khalil Gibran representa Jesus de alguma forma; ele pertence à mesma dimensão, embora não seja um cristo. Ele poderia ter sido. Assim como Confúcio, ele também deixou escapar. Existiam pessoas vivas durante a vida de Gibran que ele poderia ter procurado, mas o pobre sujeito estava perambulando nas ruas sujas de Nova Iorque. Ele deveria ter ido a Maharshi Ramana, que ainda estava vivo, que era um cristo, um buda.

Quinto é o livro de Maharshi Ramana. Não é bem um livro, apenas um pequeno panfleto intitulado *Quem Sou Eu?*

Ramana não era nem um erudito nem muito educado. Ele deixou a sua casa quando tinha apenas dezessete anos e nunca retornou. Quem retorna à casa ordinária quando encontra a casa real? O seu método é uma investigação simples em seu núcleo mais profundo ao perguntar, “Quem sou eu?” Ele é realmente o fundador da iluminação intensiva, não algum sujeito americano – ou camarada – que finge ser o seu inventor.

Eu disse que não é um livro grande, mas o homem é grande. Às vezes menciono livros que são grandes, escritos por homens pequenos, muito medíocres. Agora estou mencionando um homem realmente grande que escreveu um livro muito pequeno, apenas algumas páginas, um panfleto. Caso contrário ele estava sempre em silêncio; ele falou muito pouco, apenas de vez em quando. Khalil Gibran seria imensamente beneficiado se tivesse ido até Maharshi Ramana. Então ele teria ouvido *A Voz do Mestre*. Maharshi Ramana também beneficiar-se-ia com Khalil Gibran, porque este podia escrever como ninguém. Ramana foi um escritor pobre; Khalil Gibran foi um homem pobre, mas um grande escritor. Os dois juntos seriam uma bênção ao mundo.

Sexto, *A Mente da Índia*, de Moorehead e Radhakrishnan. Moorehead não sabia nada da Índia, nem Radhakrishnan, mas estranhamente eles escreveram um belo livro, muito representativo de toda a herança indiana. Só faltam os picos, como se uma escavadeira trabalhasse destruindo todos os picos do Himalaia e o tornasse plano. Sim, esses dois sujeitos fizeram o trabalho de uma escavadeira. Se alguém conhecesse o espírito da Índia – não posso chamá-lo de mente – então o título do livro seria *A Não-Mente da Índia*.

Mas embora o livro não represente o mais elevado, ele ainda assim representa o mais baixo, e o mais baixo é a maioria, noventa e nove vírgula nove por cento. Então ele realmente representa quase toda a Índia. É lindamente escrito, mas é apenas uma suposição. Um era inglês e o outro um político indiano – uma grande combinação. Juntos eles escreveram esse livro *A Mente da Índia*.

Sétimo. Agora, no fim da nossa longa lista, introduzo-lhes dois livros que acho que vocês já experimentaram: *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll e o oitavo é *Alice Através do Espelho*. Ambos são não-sérios, é por isso que os amo. Ambos são escritos para crianças, é por isso que os respeito imensamente. Ambos estão cheios de beleza, grandeza, mistério e pequenas parábolas que podem ser entendidas em muitos níveis. Sempre amei uma parábola, por exemplo...

Alice chega até o rei – ou talvez era a rainha, não importa – e o rei pergunta a Alice, “Você encontrou com o meu mensageiro no caminho vindo até mim?”

Alice diz, “Eu encontrei ninguém, senhor.”

O rei então diz, “Então ele já deveria ter chego.”

Alice não podia acreditar, mas apenas por respeito, surpresa, Alice permaneceu em silêncio, totalmente uma dama inglesa.

Gudia, você está aí? Há poucos dias você perguntou-me, “Ainda há uma dama inglesa em mim, Osho?” Apenas um pouquinho, não muito – nada com que se preocupar. E um pouco é bom.

Alice deve ter sido uma dama inglesa perfeita. Por formalidade ela nem mesmo deu risinhos. Ela disse que tinha encontrado ninguém, e o Rei pensou que ela tinha encontrado com alguém chamado Ninguém. Meu Deus, ele pensou que Ninguém é um homem, que Ninguém é alguém...! Novamente Alice diz, “Senhor, eu não te disse que encontrei ninguém? Ninguém é ninguém!”

O rei riu e disse, “Sim, é claro que ninguém é ninguém, mas por que ele não chegou ainda?”

Tantas parábolas belas em ambos os livros, *Alice no País das Maravilhas* e *Alice Através do Espelho*. E o fato mais estranho a ser lembrado é que Lewis Carroll não era o nome real... porque ele era um matemático e professor de escola; por isso ele utilizou um nome falso. Mas que calamidade, o pseudônimo tornar-se realidade para todo o mundo e o homem real ser completamente esquecido. É estranho que um matemático e professor de escola pudesse escrever livros tão belos.

Vocês perguntar-se-ão por que estou incluindo-os. Estou incluindo-os porque quero dizer ao mundo que para mim, o *Ser e o Nada* de Jean Paul Sartre e *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll são iguais. Não importa. De fato, se eu fosse escolher entre os dois eu escolheria *Alice no País das Maravilhas* e jogaria o *Ser e o Nada* no oceano, tão longe no Pacífico que ninguém o encontraria. Para mim esses dois pequenos livros têm grande valor espiritual. Sim, não estou brincando... é sério.

Nono... repetidas vezes volto-me para Khalil Gibran. Amei-o e adoraria ajudá-lo. Eu até mesmo esperei por ele, mas ele ainda não nasceu. Ele terá que buscar outro mestre no futuro. *O Errante* é a minha escolha para esse número.

O Errante de Khalil Gibran é uma coleção de parábolas. A parábola é o método mais antigo de dizer o que é profundo; aquilo que não pode ser dito pode sempre ser dito em uma parábola. É uma bela coleção de pequenas histórias.

Que vigarista eu sou! Mesmo com os olhos fechados estou observando Devageet não apenas tentando dizer coisas – ele está até mesmo usando suas pernas, o que não é muito cavalheiresco, e nas costas do mestre...! O que fazer, o mundo é assim.

Isso é belo, Ashu. Apenas lembre-me do número.

“Nós estávamos falando sobre o número nove, Osho.”

Décimo: Outro livro de Khalil Gibran, *Os Provérbios Espirituais*. Agora devo objetar, apesar da objeção ser contra Khalil Gibran, que amo. Ele não pode escrever ‘provérbios espirituais’. Espirituais? – Embora o livro seja belo seria melhor chamá-lo de *Belos Provérbios*. Belo, não espiritual. Chamá-lo de espiritual é um absurdo. Mas ainda assim amo o livro, assim como amo todas as absurdidades.

Eu lembro de Tertuliano, cujo livro – desculpem-me – não incluí. Era impossível para mim incluir todos, mas pelo menos posso mencionar o seu nome. O mais famoso provérbio de Tertuliano é: *credo quia absurdum* – creio porque é absurdo. Não acho que exista outro provérbio em todos os idiomas do mundo que seja mais fértil do que esse. E Tertuliano é um santo cristão. Sim, quando vejo a beleza a aprecio – até mesmo em um santo cristão.

Credo quia absurdum – isso deveria ser escrito em diamantes, nem mesmo em letras douradas. O ouro é muito barato. Este provérbio: creio porque é absurdo, é tão valioso. Tertuliano poderia escrever um livro chamado *Provérbios Espirituais* mas Khalil Gibran não.

Khalil Gibran deveria meditar. É a hora dele começar a meditar, assim como é a minha hora de parar de falar... mas não posso pela simples razão que eu tenho que completar cinquenta.

Décimo... estou certo, Devageet?

“De fato já chegamos até cinquenta. Aquele foi o número dez, Osho.”

Então farei cinquenta e um, porque não posso deixar esse de fora. É impossível, com número ou sem número. Você pode fazer o mesmo que eu: erre os números em algum lugar e chegue ao mesmo número que estou chegando.

Décimo primeiro, *Esperando Godot* de Samuel Beckett. Ora, ninguém sabe o que ‘Godot’ significa, assim como ninguém sabe o que ‘Deus’ significa. De fato, Beckett fez um grande trabalho ao inventar a palavra Godot para Deus* [NdT. *God*]. Todo mundo está esperando por nada porque Deus não existe. Todo mundo está esperando, esperando, esperando... e esperando para nada. É por isso que mesmo a numeração estando completa eu quis incluir esse livro *Esperando Godot*.

Agora esperem apenas dois minutos... Obrigado.

Sessão 12

Certo, agora esse é o pós-pós-escrito. É difícil entender a minha dificuldade. Até onde me lembro sempre estive lendo e não fazendo nada, todos os dias, por quase meio século. Naturalmente, selecionar é uma tarefa quase impossível. Mas empreendi isso durante essas sessões, então a responsabilidade é de vocês.

Primeiro, Martin Buber. Eu não seria capaz de me perdoar se Martin Buber não fosse incluído. Como castigo incluo os seus dois livros: primeiro, *Histórias do Hassidismo*. O que D.T. Suzuki fez pelo zen, Buber fez pelo hassidismo. Ambos fizeram um tremendo serviço para os buscadores. Mas Suzuki tornou-se iluminado; lamento dizer, mas Buber não pôde.

Buber foi um grande escritor, filósofo, pensador, mas todas essas coisas são brinquedos. Entretanto, devo meu respeito a ele ao incluir o seu nome, porque sem ele o mundo nem mesmo conheceria a palavra hassidista.

Buber nasceu em uma família hassídica. Desde a sua infância ele foi criado entre os hassidistas. Estava em seu próprio sangue, ossos, em sua medula, então quando ele relata soa tão verdadeiro, embora ele esteja descrevendo o que ouviu, nada mais. Ele ouviu corretamente; isso deve estar registrado. Até mesmo ouvir corretamente é muito difícil, e então reportá-lo ao mundo todo é ainda mais difícil, mas ele o fez lindamente.

Suzuki é iluminado, Buber não – mas Suzuki não é um grande escritor, Buber é. Suzuki é um escritor ordinário. Buber eleva-se muito alto no que diz respeito à arte da escrita. Mas Suzuki sabe e Buber não sabe; ele está apenas relatando a tradição a qual ele foi criado... relatando autenticamente, é óbvio.

Histórias do Hassidismo deve ser lido por todos os buscadores da verdade. Essas histórias, pequenas histórias, tem um aroma único. É diferente do zen, é diferente também do sufismo. Elas têm o seu próprio aroma, não emprestado de ninguém, original, sem imitação. O hassidista ama, ri, dança. A sua religião não é a do celibato, mas da celebração. É por isso que encontro uma ponte entre a minha gente e os hassidistas. Não é acidental que muitos judeus vieram até mim; por outro lado, estou sempre estilhaçando as cabeças dos judeus sempre que posso... e ainda assim eles sabem que os amo. Amo o essencial no judaísmo, que é o hassidismo. Moisés não ouviu falar dele, é claro, mas ele era um hassidista; se ele sabia ou não, não importa. Eu o declaro um hassidista – e também declaro Buda, Krishna, Nanak e Maomé. O hassidismo nasceu a partir de Baal Shem. A palavra não importa, o espírito importa.

O segundo livro de Martin Buber, *Eu e Tu*, é a sua obra mais famosa, o livro através do qual ele ganhou o Prêmio Nobel. Desculpem-me, mas discordo completamente. Menciono-o porque é uma obra bela, escrita artisticamente, com grande profundidade e sinceridade. Mas ainda assim não há alma nele, porque não havia alma no próprio Buber. Como o pobre homem poderia trazê-la para seu livro, sua obra-prima?

Eu e Tu é muito respeitado pelos judeus porque eles pensam que ele representa a sua religião. Ele não representa nenhuma religião de maneira alguma, nem judia ou hindu; o livro apenas representa a ignorância do homem chamado Martin Buber. Mas o homem foi

certamente um artista, um grande gênio. Quando um gênio começa a escrever sobre algo que ele não sabe nada, ele ainda assim pode produzir uma obra-prima.

Eu e Tu está basicamente errado porque Buber diz que ele é um diálogo entre homem e Deus. *Eu e Tu...*! Disparate! Não pode haver um diálogo entre homem e Deus, só pode haver o silêncio. Diálogo? Vocês fariam sobre o que com Deus? Sobre a desvalorização do dólar? Ou sobre o Ayatollah Ruhollah Khomeini? Qual o tema que vocês dialogariam com Deus? Não há nada que vocês poderiam dialogar. Vocês somente podem estar em um estado de fascínio... silêncio absoluto.

Não há 'eu' e não há 'tu' naquele silêncio; por isso refuto não apenas o livro, mas até mesmo o título. *Eu e Tu...*? Isso significa que alguém permanece separado. Não, é como uma gota de orvalho escorregando de uma folha de lótus no oceano. A gota de orvalho desaparece, ou, em outras palavras, torna-se o oceano, mas não há eu e tu. Ou existe apenas eu ou existe apenas tu. Mas quando não existe nenhum eu, ali não pode haver nenhum tu, este não teria nenhum significado. Se não existe nenhum tu, não pode haver nenhum eu também, então, de fato, só existe o silêncio... essa pausa... O meu ser em silêncio por um momento diz muito mais do que Martin Buber tenta dizer em *Eu e Tu*, e falha. Mas mesmo que seja uma falha, é uma obra-prima.

Terceiro... Martin Buber era um judeu, e outros judeus estão na fila. Meu Deus, que fila longa, pobres Devageet e Ashu... afinal de contas, eles têm que comer também, eles não podem viver apenas das minhas palavras. Então serei rápido. Tentarei dispersar o máximo que conseguir. Mas alguns são muito teimosos e sei que não irão embora sem que eu fale algo sobre eles.

O segundo homem depois de Martin Buber é um dos mais teimosos – não mais teimoso que eu. Talvez fui um judeu em uma das minhas vidas passadas; devo ter sido. Esse homem é Karl Marx. O livro que ele está segurando em sua mão é *Das Kapital*.

É o pior livro já escrito. Mas, de uma certa forma é um grande livro, porque ele domina milhões de pessoas. Quase metade do mundo é comunista, e a outra metade você não pode ter certeza. Mesmo as pessoas que não são comunistas, no fundo elas sentem que há algo bom no comunismo. Não há nada de bom nele. É a exploração de um grande sonho. Karl Marx era apenas um sonhador – não um economista, de maneira alguma – apenas um sonhador; um poeta, mas um poeta de terceira ordem. Ele também não é um grande escritor. Ninguém lê *Das Kapital*. Cruzei com muitos comunistas famosos, e os perguntei, olhando profundamente em seus olhos, “Você leu *Das Kapital*?” Nenhum disse sim.

Eles disseram, “Apenas algumas páginas... Temos muitas outras coisas para fazer, não podemos ler um livro tão grande.” Milhares de páginas, cem por cento lixo, escritas nem logicamente nem racionalmente, mas como se alguém estivesse louco. Karl Marx escreve sobre qualquer coisa que ocorre em sua mente. Sentado no Museu Inglês, cercado por milhares de livros, ele escrevia, escrevia, escrevia. Vocês sabiam que era quase um ritual diário ele ser arrastado para fora do museu na hora do fechamento? Ele tinha que ser forçado a sair; caso contrário ele não iria. De vez em quando ele era levado para fora inconsciente.

Agora esse homem tornou-se um deus! Há algo como uma trindade profana: Karl Marx, Friedrich Engels, e, é claro, Lênin – essas três pessoas tornaram-se quase divinas para milhões de pessoas na Terra. É uma calamidade, mas ainda assim menciono o livro – não que vocês

devam o ler, mas para que vocês não o leiam. Sublinhe o que eu disse: não o leiam. Vocês já estão perdidos. Isso já é o suficiente. Não há necessidade de *Das Kapital*.

Quarto: Lembre-se que Marx também é um judeu. Essa é toda uma fila de judeus. Quarto, Sigmund Freud, outro judeu. A sua grande obra é *Conferências sobre a Psicanálise*. Não gosto da palavra análise, nem gosto do homem, mas ele conseguiu criar um grande movimento assim como Karl Marx. Ele também é uma das figuras dominantes do mundo.

Os judeus sempre sonharam em dominar o mundo. Eles estão realmente dominando. Os três homens mais importantes que podemos dizer que dominam essa era são Karl Marx, Sigmund Freud e Albert Einstein. Todos os três são judeus. Os judeus realizaram o seu sonho, eles estão dominando. Mas Marx está errado no que diz respeito à economia; Freud está errado porque a mente não deve ser analisada, mas colocada de lado para que vocês possam entrar no mundo da não-mente.

Albert Einstein claramente está certo em suas teorias sobre a relatividade, mas ele provou-se errado ao ser totalmente tolo quando escreveu uma carta ao Presidente Roosevelt propondo fazer a bomba atômica. Hiroshima e Nagasaki – as milhares de pessoas que morreram ali, queimadas vivas, estão todas apontando na direção de Albert Einstein. Foi a sua carta que começou o processo de criação das bombas atômicas na América. Ele nunca pôde se perdoar; essa é a parte boa do homem. Pelo menos ele reconheceu que cometeu um dos maiores pecados possíveis. Ele morreu totalmente frustrado. Antes de morrer ele disse, “Eu nunca, nunca nasceria novamente como um físico, eu seria apenas um encanador.”

E ele foi uma das maiores mentes de toda a história da humanidade. Por que ele ficou tão frustrado em ser um físico? Por quê? Pela simples razão que ele não estava consciente do que estava fazendo. Ele ficou consciente apenas quando era muito tarde... Esta é a maneira do ser humano inconsciente: ele se torna consciente apenas quando já é muito tarde. O ser humano consciente está consciente de antemão.

Quinto... tenho tantos judeus esperando que é tão difícil: quem escolher e quem não escolher? E vocês sabem que os judeus não são pessoas fáceis para lidar. Eu devia em vez disso abandonar toda a fila, em vez de preocupar-me. Então começarei com outra coisa. Terminarei com os judeus, pelo menos por enquanto. Dispersem todos! Estou falando com os judeus, não com vocês.

Quinto: eu estava preocupado que talvez não seria capaz de mencionar o livro de Gurdjieff ‘*Encontro com Homens Notáveis*’. Obrigado Deus por esse PPS. Essa é uma grande obra.

Gurdjieff viajou por todo o mundo, particularmente Oriente Médio e Índia. Ele foi para o Tibete; não apenas isso, ele foi o professor do finado Dalai Lama... não o atual – este é um tolo – mas o anterior. O nome de Gurdjieff em tibetano é escrito como Dorjeb, e muitas pessoas pensavam que Dorjeb era outra pessoa. Ele não é ninguém mais que George Gurdjieff. Porque esse fato era do conhecimento do governo Britânico – que Gurdjieff esteve no Tibete por muitos anos; não apenas no Tibete, mas ele estava vivendo no palácio de Lhasa por muitos anos – eles impediram-no de ficar na Inglaterra. Ele originalmente queria ficar na Inglaterra, mas não teve permissão.

Gurdjieff escreveu esse livro *Encontro com Homens Notáveis* como uma memória. É uma memória tremendamente respeitosa com todas aquelas pessoas estranhas que ele encontrou em sua vida – sufis, místicos indianos, lamas tibetanos, monges zen japoneses. Devo mencionar para vocês que ele não escreveu sobre todos; ele deixou várias pessoas de fora do seu relato pela simples razão que o livro iria para o mercado e tinha que satisfazer às demandas do mercado.

Não tenho que satisfazer às demandas de ninguém. Não sou um homem que se preocupa de forma nenhuma com o mercado, por isso posso dizer que ele deixou de fora as pessoas realmente notáveis do seu relato. Mas qualquer coisa que ele escreve é bela. O livro ainda traz lágrimas aos meus olhos. Sempre que algo é belo os meus olhos se enchem de lágrimas; não há outra maneira de homenagear.

Esse é um livro que deve ser estudado, não apenas lido. Em inglês vocês não têm uma palavra para trilha; é uma palavra hindi que significa ler e ler novamente todos os dias de toda a sua vida. Ela não pode ser traduzida como leitura, particularmente no Ocidente onde vocês leem uma brochura e, uma vez que a tenham lido, vocês jogam-na fora ou deixam-na no trem. Ela também não pode ser traduzida como estudo, porque estudo é um esforço concentrado em entender o significado da palavra, das palavras. ‘Trilha’ não é nem leitura nem estudo, mas algo a mais. É repetir alegremente, tão alegremente que ela penetra até o seu coração, então torna-se a sua respiração. Leva uma vida, e isso é necessário se vocês quiserem entender os livros reais, livros como o *Encontro com Homens Notáveis* de Gurdjieff.

Não é uma ficção como *Don Juan* – um homem fictício criado por um sujeito americano, Carlos Castañeda. Este homem fez um grande desserviço à humanidade. Ninguém deveria escrever ficções espirituais pela simples razão que as pessoas começarão a pensar que a espiritualidade não é nada além de uma ficção.

Encontros com Homens Notáveis é um livro real. Algumas pessoas que Gurdjieff menciona ainda estão vivas; Eu mesmo encontrei algumas. Sou uma testemunha do fato dessas pessoas não serem fictícias, embora eu não possa perdoar Gurdjieff por deixar de fora as pessoas mais notáveis que conheceu.

Não há necessidade de se comprometer com o mercado; não há necessidade de se comprometer de qualquer maneira. Ele era um homem tão forte, pergunto-me por que ele comprometeu-se, por que ele omitiu as pessoas realmente importantes. Encontrei algumas pessoas que ele omitiu do livro, elas próprias disseram-me que Gurdjieff havia estado lá. Elas estão muito velhas agora. Mas ainda assim o livro é bom – parcial, incompleto, mas valioso.

Sexto: Sempre amei um livro cujo autor é desconhecido; ele é anônimo, embora seja conhecido que ele foi escrito por um discípulo de Kabir. Não importa quem o escreveu, mas quem quer que seja deve ter sido iluminado; isso pode ser dito sem qualquer hesitação.

É um pequeno livro de poemas, muito mal escrito. Talvez o homem não era muito educado, mas isso também não importa. O que importa é a sua matéria. Sim, a matéria importa – o conteúdo. O livro não foi nem publicado. As pessoas que o possuem são contra publicá-lo, e eu posso entender os seus sentimentos e concordo completamente com elas. Elas dizem que quando um livro é publicado ele se torna parte do mercado, e elas não o querem publicar. Se alguém quiser o livro essa pessoa pode vir e copiá-lo com sua própria letra. Então existem muitos manuscritos por toda a Índia, mas todos prometeram não o publicar. A publicação

certamente faz algo com um livro; ele se torna mecânico, ele perde algo ao ser impresso. Ele perde o seu espírito; ele se torna um cadáver.

Não existe nome para esse livro; porque ele nunca foi publicado nenhum título foi necessário. Perguntei para as pessoas que têm a cópia original, “Como vocês o chamam?”

Eles responderam, “*O Grantha*.”

Ora, *O Grantha* deve ser explicado para vocês. É uma palavra antiga de quando os livros eram escritos em folhas, não em papel. Certas folhas podem ser utilizadas para escrever e quando elas são amarradas juntas isso é chamado de *Grantha*. ‘Amarrar’ é o significado exato de *O Grantha* - ‘amarrar as folhas’.

O livro tem algumas declarações imensamente valiosas. Vou familiarizá-los com algumas. A primeira diz: Aquilo que pode ser dito, não se preocupe com isso, isso não pode ser verdade. A verdade não pode ser dita. Segunda: Deus é apenas uma palavra – significante, mas não existente. Deus é apenas um símbolo representando uma experiência, não um objeto. Terceira: a meditação não é uma ‘mentitação’, não é da mente. Pelo contrário, abandonar a mente é meditar. E assim por diante.

Quero mencionar *O Grantha* porque ele não é mencionado em local algum e nunca foi traduzido.

Sétimo... ainda estou correto com os meus números?

“Sim, Osho.”

Sou contra Karl Marx e Friedrich Engels mas devo apreciar o livro desses dois homens, *O Manifesto Comunista* – e lembrem-se, não sou um comunista! Vocês não podem encontrar um homem mais anticomunista do que eu, mas ainda assim amo esse pequeno livro, *O Manifesto Comunista*. Amo a maneira que ele foi escrito – não o conteúdo, mas o estilo.

Vocês sabem que tenho gostos multidimensionais e aprecio até mesmo o estilo. Buda teria fechado os seus olhos e ouvidos, Mahavira teria corrido; estilo...? Mas estou em minha própria categoria. Sim, amo o estilo que *O Manifesto Comunista* foi escrito, e odeio o conteúdo. Vocês me entendem? É possível amar o vestido e, entretanto, odiar a pessoa. Esse é realmente o caso comigo. A última sentença de *O Manifesto Comunista* é: Proletários do mundo, uni-vos. Vocês não têm nada a perder exceto seus grilhões, e vocês têm um mundo a ganhar.

Vocês veem o estilo? A força de dizer a coisa: Unam-se! Vocês não têm nada a perder exceto seus grilhões, e um mundo a ganhar. É isso que falo a meus sannyasins, embora eu não fale se unam, eu falo: Apenas sejam – e vocês não têm nada a perder exceto os seus grilhões.

E não digo que vocês têm que ganhar o mundo – quem liga, quem se importa! Vocês podem persuadir-me a tornar-me Alexandre o Grande ou Napoleão Bonaparte ou Adolf Hitler ou Joseph Stalin ou Mao Tsé-tung? Há uma longa fila de todos esses idiotas e não quero ter nenhuma relação com eles. Não digo para os meus sannyasins: Ganhem – não há nada a ser ganho. Apenas sejam – este é o meu manifesto. Sejam, porque ao ser vocês já alcançaram tudo.

Oitavo... ainda estou correto?

“Sim, Osho.”

Bom. Você ainda dá conta? Você se preparou antes? – porque não o ouço sussurrando hoje. Sussurre um pouco, isso é bom.

Oitavo, o livro de Albert Camus, *O Mito de Sísifo*. Não sou um homem religioso no sentido ordinário; sou religioso da minha própria maneira. Então as pessoas perguntar-se-ão porque estou incluindo livros que não são religiosos. Eles são, mas vocês têm que cavar fundo, e então vocês encontrarão a sua religiosidade. O mito de Sísifo é um mito antigo, e Camus utilizou-o para seu livro. Permitam-me relatá-lo para vocês.

Sísifo, um deus, foi colocado para fora do paraíso porque ele desobedeceu ao Deus supremo e foi punido. A punição era que ele tinha que carregar uma grande rocha do vale até o topo de uma montanha que tinha um pico tão pequeno que toda vez que ele o alcançava com a rocha gigante e tentava colocá-la no chão, a rocha começa a rolar em direção ao vale novamente. Sísifo tinha que ir até o vale novamente para carregar a rocha, bufando, perspirando... uma tarefa sem sentido... sabendo perfeitamente bem que ela escorregaria novamente, mas o que fazer?

Essa é toda a história dos seres humanos. É por isso que digo que se cavarem vocês encontrarão a pura religião nele. Essa é a situação dos seres humanos, sempre foi. O que vocês estão fazendo? O que todo mundo está fazendo? Carregando uma rocha até um ponto no qual ela sempre escorrega de volta para o mesmo vale, talvez mais profundo a cada vez. E na manhã seguinte, depois do café da manhã é claro, vocês carregam-na novamente. E vocês sabem enquanto carregam o que acontecerá. Ela escorrega novamente.

O mito é belo. Camus apenas introduziu-o novamente. Ele era uma pessoa muito religiosa. De fato, ele era o existencialista real, não Jean-Paul Sartre, mas ele não era um garoto propaganda, então ele nunca esteve em primeiro plano. Ele permaneceu em silêncio, escreveu silenciosamente, morreu silenciosamente. Muitas pessoas no mundo não sabem que ele já faleceu. Ele era um homem silencioso – mas o que ele escreveu, *O Mito de Sísifo*, é muito eloquente. *O Mito de Sísifo* é uma das maiores obras de arte já produzidas.

Nono: Lembro-me repetidas vezes, não sei porque, que tenho que incluir Bertrand Russell. Sempre o amei, sabendo perfeitamente bem que nós somos opostos polares – de fato, diametralmente opostos. Talvez seja esta a razão. Os opostos polares se atraem. Vocês veem novamente as lágrimas em meus olhos? Elas são para Bertrand Russell – Bertie como ele era conhecido pelos seus amigos. Dele é o nono livro, *A História da Filosofia Ocidental*.

Ninguém fez um trabalho parecido em relação à filosofia Ocidental. Apenas um filósofo poderia fazê-lo. Os historiadores tentaram e existem várias histórias da filosofia, mas nenhum historiador era filósofo. Essa é a primeira vez que um filósofo da categoria de Bertrand Russell também escreveu uma história – *A História da Filosofia Ocidental*. E ele é tão sincero que não o chama de *A História da Filosofia*, porque ele sabia perfeitamente bem que não conhecia nada da filosofia Oriental. Ele simplesmente, humildemente declara o que sabe, declarando também que não é a história da filosofia, mas somente a parte Ocidental, de Aristóteles até Bertrand Russell.

Não amo filosofia, mas o livro de Russell não é apenas uma história, mas uma obra de arte. É tão sistemática, tão estética, uma criação tão bela, talvez porque Russell basicamente era um matemático.

A Índia ainda precisa de um Bertrand Russell para escrever sobre a filosofia e a história indianas. Há muitas histórias, mas elas são escritas por historiadores, não filósofos, e obviamente um historiador é apenas um historiador; ele não pode entender a profundidade e o ritmo interno do pensamento mutante. Radhakrishna escreveu uma *História da Filosofia Indiana*, talvez esperando que ela se tornasse como o livro de Bertrand Russell, mas era um roubo. O livro não foi escrito por Radhakrishna, ele foi a tese de um pobre estudante, do qual ele, Radhakrishna, foi o examinador, e ele roubou toda a tese. Houve um caso contra ele no tribunal, mas o estudante era tão pobre que não pôde lutar pelo caso. Radhakrishna deu-lhe dinheiro suficiente para que ficasse quieto.

Ora, essas pessoas não podem fazer justiça à filosofia indiana. Um Bertrand Russell é necessário na Índia, na China... particularmente esses dois países. O Ocidente é afortunado em ter um pensador revolucionário como Bertrand Russell, que pôde e de fato escreveu a mais bela narrativa descrevendo toda a progressão do pensamento Ocidental desde Aristóteles até ele próprio.

Décimo. O décimo livro que falarei agora não é de novo um livro supostamente religioso. É religioso apenas se vocês meditarem sobre ele... se vocês não o lerem, mas meditarem sobre ele. Ele ainda não tem tradução, existindo apenas no original hindi, *As Canções de Dayabai*.

Eu estava me sentindo um pouco culpado porque mencionei Rabiya, Meera, Lalla, Sahajo, e deixei de fora mais uma mulher que vale a pena mencionar: Daya. Agora sinto-me aliviado.

As Canções de Daya. Ela foi contemporânea de Meera e Sahajo, mas ela é muito mais profunda do que ambas. Ela está realmente além dos números. Daya é um pequeno cuco – mas não se preocupe... De fato na Índia o cuco é chamado koyal, e ele não tem o sentido de ficar louco. Daya é realmente um cuco – não louca, mas uma cantora doce como um koyal indiano. Em uma noite de verão indiana, um chamado distante de um cuco; Daya é isso... uma chamada distante no verão quente desse mundo.

Falei sobre ela; talvez um dia será possível traduzi-lo. Mas tenho medo que talvez não seja possível, por que como é possível traduzir esses poetas e cantores? O Oriente é pura poesia, e o Ocidente e todas as suas linguagens são prosa, pura prosa. Eu nunca encontrei poesia real em inglês. Às vezes ouço os músicos clássicos Ocidentais... outro dia eu estava ouvindo Beethoven, mas tive que parar no meio. Uma vez que vocês conheceram a música Oriental então não há nada comparável a ela. Uma vez que vocês ouviram a flauta de bambu indiana então todo o resto torna-se apenas ordinário.

Então não sei se esses cantores, poetas e loucos que falei em hindi serão traduzidos, mas não posso resistir em mencionar os seus nomes. Talvez o próprio mencionar crie a situação para que eles sejam traduzidos.

Sessão 13

O primeiro livro de hoje é *Sede de Viver* de Irving Stone. É um romance baseado na vida de Vincent van Gogh. Stone fez uma tremenda obra, não me lembro de alguém que tenha feito algo parecido. Ninguém escreveu tão intimamente sobre outra pessoa, como se escrevesse a partir do seu próprio ser.

Sede de Viver não é apenas um romance, é um livro espiritual. É espiritual no meu sentido, porque para mim todas as dimensões da vida têm que ser incorporadas em uma única síntese; só assim é espiritual. O livro foi escrito tão lindamente que a possibilidade de o próprio Irving Stone ser capaz de transcendê-lo é remota.

Depois desse livro ele escreveu muitos outros, e meu segundo livro de hoje também é de Irving Stone. Eu o coloquei em segundo porque ele é secundário, não é da qualidade de *Sede de Viver*. O livro é *A Agonia e o Êxtase*, novamente baseado em outra vida da mesma maneira. Talvez Stone pensava que ele seria capaz de criar outro *Sede de Viver*, mas falhou. Embora tenha falhado, o livro fica em segundo – não considerando os outros, mas o seu próprio. Existem centenas de romances escritos sobre as vidas de artistas, poetas, pintores, mas nenhum deles alcança à altura do segundo livro, o que dizer do primeiro. Ambos são belos, mas o primeiro é de uma beleza transcendental.

O segundo livro é um pouco inferior, mas a culpa não é de Irving Stone. Quando você sabe que escreveu um livro como *Sede de Viver*, o instinto humano natural é de imitar-se a si próprio, criando algo da mesma ordem, mas no momento em que você imita ele não pode ser o mesmo. Quando escreveu *Sede* ele não estava imitando, ele era uma ilha virgem. Quando escreveu *A Agonia e o Êxtase* ele estava imitando a si próprio, e esta é a pior imitação. Todo mundo o faz em seu próprio banheiro, olhando para o espelho... é esse o sentimento em relação a seu segundo livro. Mas digo que mesmo sendo apenas um reflexo no espelho, ele reflete algo do real; por isso o conto.

Perguntei há pouco para Gudia sobre qual vida Irving Stone havia escrito em *A Agonia e o Êxtase*, porque, no que concerne a mim, esqueci completamente. Isso também é muito raro; não esqueço facilmente. Perdoo facilmente, mas não esqueço facilmente. Qual vida ele escreveu sobre, você sabe, Devaraj? Foi Gauguin?

“Foi Michelangelo, Osho.”

Michelangelo? Uma grande vida. Então Stone deixou escapar muito. Se fosse Gauguin então tudo bem, mas sendo Michelangelo então sinto muito; nem eu posso o perdoar. Mas ele escreve lindamente. A sua prosa é como poesia, embora o segundo livro não seja da mesma qualidade de *Sede de Viver*. Não pode ser pela simples razão que nunca houve um homem como Vincent van Gogh. Aquele sujeito holandês foi simplesmente inimitável! Ele permanece a sós. Em todo o céu cheio de estrelas ele brilha a sós, separadamente, unicamente da sua forma. Escrever um grande livro sobre ele é fácil, e também o seria em relação a Michelangelo, mas Stone estava tentando imitar a si mesmo, por isso deixou escapar. Nunca seja um imitador. Não siga... nem mesmo a si próprio.

Apenas seja
momento a momento
sem saber
quem você é...
e onde você está.
É isso o que significa
ser meu povo.

Pobre Chetana, falei para ela que minhas roupas tinham que ser brancas como a neve. Ela é minha lavadeira. Ela faz o que pode, o que for possível.

Hoje estou imensuravelmente feliz em encontrar-me novamente nos Himalaias. Quero morrer nos Himalaias assim como Lao Tsé o fez. É maravilhoso estar vivo nos Himalaias, é ainda mais maravilhoso morrer nos Himalaias. A neve, onde quer que ela esteja, representa a pureza dos Himalaias, a virgindade... o amanhã nunca chega, então não há necessidade de preocupar-se. Comigo é sempre hoje e neste momento estamos naquele mundo dos Himalaias.

Michelangelo deve ter amado o mármore branco; ele esculpiu uma estátua de Jesus nele. Nenhum outro homem entalhou imagens tão belas, então não deveria ser difícil para Stone escrever uma bela história sobre Michelangelo. Mas ele deixou escapar apenas porque estava imitando a si próprio. Infelizmente, se ele pudesse esquecer o seu primeiro livro, ele teria produzido outro *Sede de Viver*.

Terceiro, a *Ressurreição* de Liev Tolstói. Por toda a sua vida Liev Tolstói preocupou-se, preocupou-se imensamente com Jesus; por isso o título, *Ressurreição*. E Liev Tolstói realmente criou uma tremenda obra de arte. Ela tem sido uma bíblia para mim. Ainda posso ver a mim mesmo quando jovem carregando a *Ressurreição* comigo. Até meu pai ficou preocupado. “Está certo ler um livro,” ele me disse um dia, “mas por que você carrega esse livro o dia inteiro? Você já o leu.”

Eu disse, “Sim, eu o li, não apenas uma vez, mas muitas vezes. Mas vou carregá-lo comigo.”

Toda a minha vila sabia disso, que eu continuamente carregava um certo livro chamado *Ressurreição*. Todos eles pensavam que eu era louco – e um louco pode fazer tudo. Mas por que eu carregava a *Ressurreição* o dia todo? – e não apenas durante o dia, mas durante a noite também. O livro ficava comigo na minha cama. Eu o amo... a maneira que Liev Tolstói reflete toda a mensagem de Jesus. Ele é muito mais bem-sucedido do qualquer apóstolo exceto Tomás – e sobre isso eu falarei depois de *Ressurreição*.

Os quatro evangelhos particularmente incluídos na Bíblia deixam escapar todo o espírito de Jesus. *Ressurreição* é muito melhor. Tolstói realmente amou Jesus e o amor é mágico, particularmente porque quando vocês amam alguém o tempo desaparece. Tolstói amou tanto Jesus que eles se tornaram contemporâneos. O intervalo é grande, dois mil anos, mas ele

desaparece entre Tolstói e Jesus. Isso acontece raramente, muito raramente, é por isso que eu carregava esse livro em minha mão. Não carrego mais o livro em minha mão, mas no meu coração ele ainda está lá.

Quarto, o quinto evangelho. Não está registrado na Bíblia; ele foi encontrado no Egito: *Notas sobre Jesus*, por Tomás. Falei sobre ele porque apaixonei-me por ele imediatamente. Tomás, em seu *Notas sobre Jesus*, é tão simples que não pode ser impreciso. Ele é tão direto, imediato, que ele não existe, apenas Jesus existe.

Vocês sabiam que Tomás foi o primeiro discípulo a alcançar a Índia? A cristandade indiana é a mais antiga do mundo, mais antiga que o Vaticano. E o corpo de Tomás ainda está preservado em Goa – um local estranho, mas belo, muito belo. É por isso que todos os forasteiros chamados hippies foram atraídos para Goa. Não há outro local... não há praias mais puras e belas como as de Goa.

O corpo de Tomás ainda está preservado, e é um milagre como ele está preservado. Agora sabemos como preservar um corpo, congelá-lo, mas o corpo de Tomás não está congelado; algum método antigo utilizado no Egito, no Tibete, foi utilizado nesse caso também. Os cientistas ainda não foram capazes de descobrir – quais produtos químicos foram utilizados... ou mesmo se qualquer produto químico foi utilizado ou não. Os cientistas são demais! Eles podem alcançar à lua, mas não podem fazer uma caneta-tinteiro que não vazze! Sobre as coisas pequenas eles são um fracasso.

Não sou um cientista. Ontem, mesmo quando eu disse “Certo,” não estava certo. Eu disse simplesmente porque amo vocês e não quero causar qualquer problema. Não sei nada sobre maquinarias ou química, eu só conheço a mim mesmo. Quando tudo ao meu redor está seguindo perfeitamente há uma transcendência. Sei através desta transcendência que tudo está seguindo perfeitamente. Se algo está errado, tenho que descer novamente.

Permita-me explicá-los todo o conceito Oriental de descer. Um ser humano nasce apenas se algo está errado... se algo está errado nele. Se nada está errado ele não nasce; ele move-se para a fonte, desaparece no cosmos.

Anteontem tudo funcionou perfeitamente. Ontem não. Primeiro eu disse “Certo”; isso não era verdade. Mas posso mentir porque os amo – não quero os desapontar. No final eu também disse, “Ótimo, podemos terminar,” mas não havia nada para terminar porque não havia nem começado. Tive que dizer isso para que não se repita. Por favor não me force a mentir. Não sou inglês, não sou britânico; até mesmo pela etiqueta é difícil para mim, realmente difícil para mim. Ajudem-me para que eu possa dizer a verdade. Neste momento as coisas estão realmente belas – e não estou falando como um britânico – de fato lindas... Vocês me conhecem, o sedutor.

Quinto – outro livro de Liev Tolstói. Um dos maiores de todas as línguas do mundo, *Guerra e Paz*. Não apenas o melhor, mas também o mais volumoso... milhares de páginas. Não conheço ninguém que lê esses livros a não ser eu mesmo. Eles são tão grandes, tão vastos, eles causam medo.

Mas o livro de Tolstói tem que ser vasto. *Guerra e Paz* é toda a história da consciência humana – toda a história; ela não pode ser escrita em poucas páginas. Sim, é difícil ler milhares

de páginas, mas se alguém puder essa pessoa será transportada para outro mundo. Ela conhecerá o sabor de algo clássico. Sim, é um clássico.

Sexto. Hoje parece que estou cercado por russos. O sexto é *A Mãe* de Maxim Gorky. Não gosto de Gorky; ele é um comunista e odeio comunistas. Quando odeio eu simplesmente odeio, mas o livro *A Mãe*, embora escrito por Maxim Gorky, eu o amo. Eu o amei por toda a minha vida. Eu tinha tantas cópias desse livro que meu pai costumava dizer, “Você está louco? Uma cópia de um livro é suficiente, e você segue comprando mais! Várias vezes vejo um pacote postal e não é nada além de outra cópia de *A Mãe* de Maxim Gorky. Você está louco?”

Eu disse-lhe, “Sim, no que diz respeito a *A Mãe*, estou louco, totalmente louco.”

Quando vejo a minha própria mãe lembro-me de Gorky. Gorky deve ser contado como o artista supremo de todo o mundo. Particularmente em *A Mãe* ele alcançou o pico mais alto da arte da escrita. Ninguém antes e ninguém depois... Ele é apenas como um pico do Himalaia. *A Mãe* deve ser estudado, e estudado repetidas vezes; apenas então, vagarosamente, ele passa através de vocês. Então lentamente vocês começam a senti-lo. Sim, esta é a palavra: senti-lo – não pensar, não ler, mas senti-lo. Vocês começam a tocá-lo, ele começa a tocá-los. Ele se torna vivo. Então não é mais um livro, mas uma pessoa... uma pessoa.

O sétimo é outro russo, Turguêniev, e seu livro *Pais e Filhos*. Este tem sido um dos meus casos de amor. Amei muitos livros, milhares de livros, mas nenhum igual a *Pais e Filhos* de Turguêniev. Eu costumava forçar o meu pobre pai a lê-lo. Ele está morto; caso contrário eu pediria desculpas. Por que o forcei a ler o livro? Esta era a única maneira dele entender a disparidade entre eu e ele. Mas ele foi um homem realmente maravilhoso; ele costumava ler o livro repetidas vezes apenas porque eu falava. Não foi por uma vez que ele o leu, mas muitas vezes. E ele não apenas lia o livro, mas, pelo menos entre ele e eu a disparidade foi superada. Nós não éramos mais pai e filho. O feio relacionamento entre pai e filho, mãe e filha, e assim por diante... pelo menos comigo meu pai abandonou-o, nos tornamos amigos. É difícil ser amigo de seu próprio pai, ou seu próprio filho; todo o crédito vai para ele, não para mim.

O livro de Turguêniev, *Pais e Filhos* deve ser lido por todos, porque todos estão enredados em algum tipo de relacionamento – pai e filho, marido e mulher, irmão e irmã, *ad nauseam*... sim, isso cria náusea. Todo o negócio da ‘família’ em meu dicionário deve significar ‘náusea’. E, entretanto, todo mundo está fingindo. “Que bonito...” Todo mundo está fingindo ser inglês, britânico.

Oitavo, D.H. Lawrence. Eu sempre quis falar sobre o seu livro, mas tinha medo se a minha pronúncia seria correta ou não. Por favor não riam. Toda a minha vida eu o chamei de ‘*A Fônix*’ porque era assim que eu pronunciava. Nesta manhã perguntei para Gudia, “Seja boa para mim Gudia” – o que é raro! “Qual é a pronúncia dessa palavra?”

Ela disse, “Feenix!”

Eu disse, “Meu Deus! Feenix? E toda a minha vida eu a falei ‘fônix’...!”

Esse é meu oitavo livro, *A Fênix*. Certo, mudarei a pronúncia pelo menos para parecer inglês.

A Fênix. Este é um livro maravilhoso, um daqueles que é escrito apenas raramente... apenas uma vez em décadas, ou mesmo em séculos.

Nono, outro livro de D.H. Lawrence. *A Fênix* é excelente, belo, mas não é minha escolha final. Minha escolha final é o seu livro *Psicanálise e o Inconsciente*, que é raramente lido. Ora, quem vai ler esse livro? As pessoas que leem romances não o lerão, e as pessoas que leem psicanálise não o lerão porque não consideram Lawrence como um psicanalista. Mas eu o leio. Não sou nem um fã de romances, nem louco por psicanálise. Estou livre de ambos. Sou absolutamente livre. Amo esse livro.

Os meus olhos estão começando a coletar gotas de orvalho. Por favor não interrompam.

Psicanálise e o Inconsciente foi e sempre será um dos meus livros mais amados e estimados. Embora eu não leia mais, se eu fosse ler novamente esse seria o primeiro livro que leria. Não os Vedas nem a Bíblia, mas *Psicanálise e o Inconsciente*... e, vocês sabem, o livro é contra a psicanálise.

D.H. Lawrence foi um revolucionário real, um rebelde. Ele foi muito mais revolucionário do que Sigmund Freud. Sigmund Freud é classe média. Não falarei mais do que isso, portanto não esperem. Ao dizer ‘classe média’ eu disse tudo de medíocre. Esse é o significado de classe média: apenas no meio. Sigmund Freud não é um rebelde no sentido real; Lawrence é.

Bom. Não se preocupem comigo e minhas lágrimas. É bom ter lágrimas uma vez ou outra, e eu não choro há muito tempo.

Décimo: o *Luz da Ásia* de Arnold.

Eu tenho que falar sobre mais dois livros, e mesmo se eu morrer completarei o meu discurso.

Décimo primeiro. Minha décima primeira escolha é *Bijak*. *Bijak* é a seleção de canções de Kabir. *Bijak* significa ‘a semente’ – e, é claro, a semente é sutil, muito sutil, invisível. Vocês não podem a ver, a menos que ela brote e se torne uma árvore.

Não interrompam. Vocês querem continuar? – esta é a questão. Nunca pergunte a mim, perguntem para vocês mesmos. Se não querem continuar, simplesmente informem-me, isso é o suficiente. É realmente difícil cavalgar em dois cavalos, e é isso o que estou fazendo. Ademais, um deles é uma égua e outro um garanhão. Agora o que fazer – duas direções diferentes...

Décimo segundo. Por causa dessa situação escolhi o livro de Herbert Marcuse, *O Homem Unidimensional*. Sou contra ele, mas ele escreveu um belo livro. Sou contra porque sei

que um ser humano realiza-se apenas quando é multidimensional, quando se propaga em todas as dimensões possíveis, não em uma dimensão. *O Homem Unidimensional* é a história do ser humano moderno; é minha décima segunda escolha.

O décimo terceiro é o livro misterioso dos chineses, *I Ching*.

Décimo quarto e último. Este livro é um romance indiano que ainda não foi traduzido para o inglês. Estranho ele ser mencionado por um homem como eu, mas é valioso mencionar. O título em hindi é *Nadi Ke Dweep*, que pode ser traduzido como *Ilhas de um Rio*, e foi escrito por Satchidanand Vatsyayana. Esse romance é para aqueles que querem meditar; é um romance de meditadores. Nenhum outro romance, nem de Tolstói ou Tchekhov, pode ser comparado a ele. É lamentável ele ter sido escrito em hindi.

Esperem. É belo que eu queira só desfrutar em vez de dizer algo. Falar dessa altura é tão difícil. Sem interrupções, por favor...

Sessão 14

Fiquei sabendo que você surtou hoje de manhã, Devageet. De vez em quando surtar é um bom exercício, mas surtar para fora* [NdT. *freaking out*] eu não apoio. É uma variedade comum – o que chamam de variedade de jardim. Surte para dentro! Se você vai surtar de qualquer forma, por que para fora? Por que não para dentro? Se você surtar para dentro então você se tornará uma aberração de Osho* [NdT. *Osho freak*], e isso é algo de valor. Você está no caminho para tornar-se uma aberração de Osho, mas você se move com muita cautela; devo dizer cientificamente, racionalmente.

Eu nem permito que você escreva as suas notas, eu interrompo. Em vez de pedir perdão eu grito com você, mesmo quando você não está interrompendo, dizendo “Não interrompa, Devageet!” Sei que isso pode surtar qualquer um. Mas você sabe que sou um louco e quando você está lidando com um louco você tem que ser realmente generoso – não apenas cortês, mas realmente amoroso.

Quando você não está interrompendo e eu digo, “Não interrompa!” eu devo querer dizer algo. Deve haver alguma ideia na minha mente. Talvez você não esteja nem consciente da sua própria ideia de interrupção. Dá tanto prazer interromper. E, é claro, você é o chefe aqui. Nessa cabine pelo menos, você é o Noé. Sou apenas um passageiro sem um tíquete. Mas posso ver as coisas mesmo na sua inconsciência, e quando digo “Não interrompa,” é claro que parece ultrajante. Ninguém ouviu você me interrompendo, nem mesmo você – mas eu ouvi. Ouvi o sussurro no inconsciente.

Grandes ideias vieram até mim hoje; caso contrário sou um pobre homem, não tenho grandes ideias. Por favor não surte para fora. Para resumir, sempre surte para dentro.

O PPS. continua; essa foi uma nota em parênteses.

O primeiro livro de hoje é *A Arte de Viver* de Lin Yutang. É um nome chinês. Lembrome de um dos meus próprios livros, *A Arte de Morrer*. Lin Yutang não sabia nada da vida porque não sabia nada da morte. Embora ele fosse chinês, ele é um chinês corrupto, um cristão. Isso é corrupção. A corrupção torna-te um cristão. A corrupção corrompe, e vocês tornam-se cristãos.

Lin Yutang em seu livro *A Arte de Viver* escreve lindamente sobre muitas coisas – com exceção da morte. Isso significa que a vida não está inclusa. A vida só pode vir se vocês permitirem que a morte venha, a vida não virá se vocês proibirem a morte. Elas são dois lados da mesma moeda. Vocês não podem ter um lado e rejeitar o outro. Mas ele escreve lindamente, artisticamente – ele é certamente um dos maiores escritores da era moderna – mas qualquer coisa que escreve é apenas imaginação, pura imaginação... apenas sonho sobre coisas belas. Às vezes os sonhos podem ser belos. Todos os sonhos não são pesadelos.

A Arte de Viver não tem nada a ver com a vida e nada a ver com a arte também, mas ainda assim é um grande livro. É grande no sentido que vocês podem ser absorvidos por ele. Vocês podem perder-se nele, assim como é possível perder-se em uma floresta densa: as estrelas no céu, as árvores ao redor, e nenhum caminho, nenhum lugar para ir. Ele não lhes leva para lugar nenhum. Ainda assim acho que é um dos grandes livros. Por quê? – porque ao lê-lo vocês esquecem o passado e o futuro e se tornam parte do presente.

Não sei se Lin Yutang algum dia conheceu algo de meditação. Infelizmente ele era cristão; por isso ele nunca foi a um monastério taoísta, nem a um templo budista. Infelizmente, ele não pode saber o que perdeu. Em vez disso ele estava apenas lendo a *Bíblia*, um dos livros de mais baixa qualidade do mundo – exceto duas pequenas peças dela: *A Canção de Salomão* no *Velho Testamento*; e, no *Novo Testamento*, *O Sermão da Montanha*. Se estes forem retirados a *Bíblia* é só lixo. Infelizmente, se ele soubesse algo de Buda, Chuang Tzu, algo de Nagarjuna, Kabir, al-Hillaj Mansoor... algo desses loucos; apenas então o seu livro seria autêntico. É artístico, mas não autêntico. Não é sincero.

Segundo – outro livro de Lin Yutang, *A Sabedoria da China*. Ele tinha a arte de escrever então podia escrever qualquer coisa, até *A Sabedoria da China*, embora não soubesse nada de Lao Tsé, que contém toda a sabedoria não apenas da China, mas de todo o mundo. É claro que Lin Yutang inclui algumas sentenças de Lao Tsé, mas essas sentenças são aquelas que coincidem com sua educação cristã. Em outras palavras, elas não têm nada a ver com Lao Tsé. Ele cita Chuang Tzu, mas naturalmente as suas seleções são muito racionais, e Chuang Tzu não é um homem racional; ele é um dos homens mais absurdos que já existiu.

Chuang Tzu é um dos meus casos de amor, e quando vocês falam sobre alguém que amam necessariamente vocês utilizarão extremos, exageros, mas para mim eles não soam como isso. Eu poderia dar todo o reinado do mundo para Chuang Tzu por qualquer uma das parábolas que escreveu – e ele escreveu centenas. Cada uma é um *Sermão da Montanha*, uma *Canção de Salomão*, um *Bhagavadgita*. Cada parábola representa tanto e tão ricamente que é imensurável.

Lin Yutang cita Chuang Tzu mas cita-o como um cristão, não como um homem que entende. Mas ele é certamente um bom escritor, e *A Sabedoria da China* deve ser colocado juntamente com aqueles poucos livros que representam todo um país, como o *História da Filosofia Ocidental* de Bertrand Russell, ou a *Mente da Índia* de Moorehead e Radhakrishnan. É história, não mistério, mas escrito lindamente, corretamente, incluindo a gramática e tudo.

Ele não é apenas cristão, como foi educado em um convento. Ora, vocês podem pensar em um azar maior para uma criança do que um convento? Então Lin Yutang está certo de todas as formas de acordo com os cristãos, e errado de todas as formas de acordo com esse louco que está falando sobre ele. Mas mesmo assim o amo. Ele é talentoso. Não posso falar que é um gênio, perdoem-me, mas é talentoso, imensamente talentoso. Não peça mais que isso. Gênio ele não é – e não posso ser respeitoso, só posso ser verdadeiro. Posso ser absolutamente verdadeiro.

Terceiro, um livro que eu quis evitar, mas parece que não consigo. Ele segue interferindo* [NdT. *poking its nose in*, “metendo o nariz”]. É claro que é um livro judeu; caso contrário onde vocês encontrariam um nariz tão longo? *O Talmud*.

Por que quis evitá-lo? Se eu disser qualquer coisa contra os judeus – como eu tenho feito e seguirei fazendo... Mas neste momento não quero falar nada contra os judeus; apenas neste momento, como se fosse um feriado. É por isso que quis evitar esse livro.

Há apenas uma sentença bela nele, isso é tudo, então posso citá-la. Ela diz: Deus é terrível. Ele não é seu tio, não é simpático. Apenas essa sentença: Deus não é simpático e não é seu tio – isso eu amo. Isso é realmente excelente. Caso contrário todo o livro é apenas lixo. Em seu conjunto ele é muito primitivo, para ser jogado fora. Salve apenas essa sentença quando

vocês estiverem jogando-o fora. Escreva-a em seu quarto: Deus não é seu tio, ele não é simpático – lembre-se! Isso os trará de volta aos seus sentidos quando vocês começarem a fazer coisas estúpidas para com sua mulher ou marido, seus filhos, seus servos... ou mesmo para vocês próprios.

Quarto: Nasci em uma família que pertencia a uma parte muito pequena do jainismo. Ela segue um louco que deve ter sido apenas um pouco menos louco que eu. Eu não posso dizer mais louco que eu!

Falarei sobre os seus dois livros, que não estão traduzidos em inglês, nem mesmo em hindi, porque são intraduzíveis. Não acho que ele terá qualquer audiência internacional – impossível. Ele acredita na não-linguagem, na não-gramática, nada de nada. Ele fala exatamente como um louco. O quarto é o seu livro, *Shunya Svabhava* – A Natureza da Vacuidade.

São apenas algumas páginas, mas de tremenda significância. Todas as sentenças contêm escrituras, mas são muito difíceis de entender. Vocês naturalmente perguntarão como pude entendê-las. Em primeiro lugar, assim como Martin Buber nasceu em uma família hassidista, nasci nessa tradição desse homem louco. O seu nome é Taran Taran. Não é seu nome real, mas ninguém sabe o seu nome real. Taran Taran simplesmente significa ‘O Salvador’. Taran Taran tornou-se o seu nome.

Respirei-o desde a minha infância, ouvi às suas músicas, perguntei-me o que ele quis dizer. Mas uma criança nunca se preocupa com o significado. A canção era bela, o ritmo era belo, a dança era bela, e isso é suficiente. Apenas os adultos precisam entender essas pessoas; caso contrário, se desde a sua infância alguém estiver cercado pelo ambiente não precisará entender e, entretanto, em suas entranhas entenderá.

Entendo Taran Taran – não intelectualmente, mas existencialmente. Ademais eu também sei o que ele está falando. Mesmo se eu não tivesse nascido em uma família de seus seguidores eu o teria entendido. Entendi tantas tradições diferentes – e não nasci em todas elas. Entendi tantos loucos que qualquer um ficaria louco apenas ao esforçar-se para entendê-los! Mas somente olhem para mim: eles não me afetaram de jeito nenhum. Eles permaneceram, de alguma maneira, abaixo de mim. Permaneci transcendental a eles todos.

Ainda assim eu teria entendido Taran Taran. Eu poderia não ter tido contato com ele, isso é possível, porque os seus seguidores são muito poucos, apenas poucos milhares, encontrados apenas nas partes centrais da Índia. E eles têm tanto medo porque são tão minoritários que não chamam a si mesmos de seguidores de Taran Taran, eles chamam-se jainas. Secretamente eles acreditam, não em Mahavira como o restante dos jainas, mas em Taran Taran, o fundador de sua seita.

O próprio jainismo é uma religião muito pequena; apenas três milhões de pessoas acreditam nela. Há duas seitas principais: os Digambaras e os Svetambaras. Os Digambaras acreditam que Mahavira viveu nu – a palavra digambara significa ‘vestido de céu’; metaforicamente significa ‘o nu’. Essa é a seita mais antiga.

A palavra svetambara significa ‘vestido de branco’, e os seguidores dessa seita acreditam que embora Mahavira estivesse nu ele foi coberto pelos deuses com um pano branco invisível. Isso é um compromisso apenas para satisfazer aos hindus.

Os seguidores de Taran Taran pertencem à seita Digambara, e eles são os mais revolucionários dos jainas. Eles nem mesmo veneram às estátuas de Mahavira; os seus templos são vazios, significando à vacuidade interior. Seria quase impossível conhecer Taran se eu não tivesse tido a sorte de nascer em uma família que acreditava nele. Mas agradeço a Deus, valeu a pena nascer nessa família. Todos os problemas podem ser perdoados apenas por essa única coisa, que eles familiarizaram-me com um tremendo místico.

O seu livro *Shunya Svabhava* diz apenas uma coisa repetidas vezes, assim como um louco. Vocês me conhecem, vocês podem entender. Eu estive falando a mesma coisa repetidamente por vinte e cinco anos. Eu disse repetidas vezes: Acorde! É isso o que ele faz em *Shunya Svabhava*.

Quinto: O segundo livro de Taran Taran, *Siddhi Svabhava* – A Natureza da Suprema Realização, um belo título. Ele diz a mesma coisa repetidas vezes: Esteja vazio! Mas o que o pobre sujeito pode fazer? Ninguém pode dizer mais nada. “Esteja acordado, esteja consciente...”

A palavra inglesa *beware* é criada a partir de duas palavras: *be aware*, seja consciente – então não tenham medo da palavra *beware* apenas estejam conscientes, e no momento em que vocês estão conscientes vocês chegaram em casa.

Existem muitos livros de Taran Taran, mas esses dois contêm toda a sua mensagem. O primeiro mostra-lhes quem vocês realmente são – pura vacuidade; o segundo, como vocês podem alcançá-la: ao tornarem-se vigilantes. Mas eles são livros muito pequenos, apenas algumas páginas.

Sexto... eu sempre quis falar sobre esse livro, mas tive medo de deixar escapar porque não há tempo. Eu não planejo, sempre sigo sem planos. Eu pensei em falar sobre cinquenta livros apenas, mas então veio o PS. e continuei. Outra vez cinquenta foram completados, mas ainda havia muitos livros belos que tive que continuar e começar o PPS. É por isso que agora posso falar desse livro. É o *Notas do Subsolo* de Dostoiévski.

É um livro muito estranho, tão estranho quanto o homem. Apenas notas – como as notas de Devageet, fragmentárias, à primeira vista não relacionadas entre si, mas realmente relacionadas com uma corrente subterrânea de vivacidade. É preciso meditar sobre elas. Não posso dizer nada mais que isso. É uma grande obra de arte e uma das mais ignoradas. Ninguém parece a notar, pela simples razão que não é um romance, apenas notas, e elas parecem desconexas ao não-meditador. Mas para os meus discípulos ela pode ser de grande significância; eles podem encontrar tesouros escondidos nela.

Continue sussurrando... eu não estou dizendo nada. Realmente eu não deveria ter dito isso. Isso também é um tipo de interrupção. Eu devo ficar mais alerta. Mas é muito difícil estar mais alerta do que estou. Um estado de alerta maior não existe de maneira alguma, então o que posso fazer? No máximo posso o ignorar. Puvir até o seu risinho... mas, por favor, não surte para fora, surte para dentro.

Sétimo, um livro que chegou até mim de lugar nenhum. Eu não iria falar sobre ele, mas aqui está ele. Não tenha medo, e não surte para fora depois. Esse é um livro escrito por Ludwig Wittgenstein – não é realmente escrito como um livro, mas novamente notas. Ele foi postumamente publicado como *Investigações Filosóficas*. É um estudo realmente penetrante em todos os profundos problemas do ser humano. Naturalmente a mulher está incluída; caso contrário, de onde o homem encontraria seus profundos problemas. O problema real do homem é a mulher. Há um registro em que Sócrates diz: Se vocês se casarem com uma bela e boa mulher – que é rara – vocês terão sorte.

Esse livro, as *Investigações Filosóficas* de Ludwig Wittgenstein – eu o amo, a sua clareza, transparência, a sua racionalidade impecável. Eu o amo do início ao fim, e gostaria que todos no caminho passassem por ele... não da forma que as pessoas nos grupos de terapia crescem e “passam por ele” – não na dor. É isso o que muitos sannyasins pensam, que passar pelo sofrimento é necessário; não o é, a escolha é de vocês. Vocês podem passar pelas bênçãos, pela bem-aventurança... cabe a vocês decidirem.

Então não quero dizer “passe por isso” no mesmo sentido que os supostos terapeutas humanistas querem dizer. Quando digo “passe por isso” quero dizer dance-o, ame-o. Posso estar certo literalmente, mas gramaticalmente estou errado. E é claro que estou errado, porque posso ouvir seu risinho. Desculpe, Devageet, porque ainda posso ouvir... Mas esta é uma interrupção da minha parte – e não quero que ninguém surte para fora, particularmente as pessoas próximas a mim, e as pessoas que não sabem que hoje estou aqui, amanhã talvez não esteja.

Devageet, um dia esta cadeira estará vazia e você estará chorando porque surtou para fora. E posso parar a qualquer momento; então você se arrependerá. Você já sabe disso, mas se esqueceu. Por sete anos estive falando continuamente, mas um dia – você é testemunha disso – eu posso parar de repente. Posso parar a qualquer momento, talvez amanhã ou no dia depois de amanhã. Então não se preocupe de maneira alguma, qualquer coisa que faço, mesmo se te irrita ou perturbo, é por você, porque não tenho nada a ganhar com isso. Não tenho nada a ganhar no mundo todo. Eu já tenho aquilo que os seres humanos anseiam e vivem milhares de vidas para conseguir.

Oitavo: O oitavo é o livro... posso ouvi-lo chorando Devageet, e é bom de vez em quando. E chorar com o seu mestre... Os meus olhos estão cheios de lágrimas, e você está chorando. Há algum tipo de comunhão acontecendo. Por isso que para o oitavo livro escolhi a *Psicossíntese* de Assagioli.

Sigmund Freud fez um grande trabalho ao criar a psicanálise, mas ela é apenas metade. A outra metade é a psicossíntese criada por Assagioli – mas esta também é apenas metade, a outra metade. O meu trabalho é o todo: Psicotese.

Psicanálise e psicossíntese, estudar ambas essas ciências é útil. A psicossíntese é lida muito raramente porque Assagioli não é uma figura elevada como Freud; ele não foi capaz de atingir a mesma altura. Mas ele deve ser lido por todos os meus sannyasins. Não é que ele esteja certo e Freud errado; ambos são tomados erroneamente quando separados. Eles estão certos apenas quando são colocados juntos. E esse é todo o meu trabalho: colocar todas as peças juntas como um quebra-cabeça.

Nono...sempre apreciei Khalil Gibran; eu gostaria de apreciá-lo ainda mais antes de condená-lo. Não se preocupem, não estou apenas dizendo a palavra condenar gentilmente, eu realmente estou dizendo-a. Nono é o livro de Khalil Gibran *Poemas em Prosa* – belo. Ninguém no mundo moderno, exceto Rabindranath Tagore, pode escrever tal poesia em prosa.

É estranho que ambos sejam forasteiros à língua inglesa. Talvez seja por isso que eles possam escrever em uma linguagem tão poética. Eles vêm de línguas distintas: Khalil Gibran do árabe, que é imensamente poética, poesia pura; e Rabindranath do bengali, que é ainda mais poética do que o árabe. De fato, se vocês verem dois bengalis brigando ficarão surpresos porque pensarão que ambos trocam palavras de amor entre si. Vocês não serão capazes de conceber que estão brigando. Mesmo na briga o bengali é poético.

Sei pela minha própria experiência. Estive na Bengala e vi as pessoas brigando – pura poesia! Fiquei impressionado. Quando fui para Maharashtra vi as pessoas falando, fofocando e fiquei preocupado: elas estão brigando? A polícia deve ser informada? Marathi é uma língua tal que vocês não podem dizer nada doce nela. Ela é grossa, dura. É uma língua de luta.

É estranho que os ingleses apreciaram tanto Khalil Gibran quanto Rabindranath, mas não aprenderam nada com eles. Eles não aprenderam o segredo do sucesso deles. Qual é o segredo do sucesso deles? A sua ‘poeticidade’.

Décimo: Este é um livro de Khalil Gibran que eu nunca quis condenar publicamente, porque amo o homem. Mas tenho que fazê-lo para que fique registrado que posso condenar um homem mesmo quando o amo, se as suas palavras não representam a verdade.

O livro é *Pensamentos e Meditações*. Ora, não posso concordar com ele, e, por causa disso eu sei que Khalil Gibran nunca soube o que é meditação. Nesse livro ‘meditações’ não são nada além de ‘contemplações’; somente assim elas podem ir juntas com os pensamentos. Ashu, você não tem que seguir com pensamentos, você tem que seguir com a meditação – comigo, não com Khalil Gibran. Então vá mais alto. A menos que você a atinja eu pararei de falar assim muito em breve. Quero afirmar a minha transcendência de todas as maneiras. Nenhum buda o fez antes. Quero ser um pioneiro.

Sou contra esse décimo livro porque sou contra o pensamento. Sou também contra ele porque Khalil Gibran utiliza a palavra meditação no sentido Ocidental. No Ocidente meditação simplesmente significa pensar sobre algo concentradamente. Isso não é meditação. No Oriente meditação significa não pensar de maneira alguma. Ela não tem nada a ver com ‘sobre isso ou aquilo’, ela é não-objetiva. Não há objeto nela, apenas pura subjetividade.

Soren Kierkegaard diz: O núcleo mais profundo do ser humano é pura subjetividade. Isso é meditação.

Sessão 15

Certo. O primeiro livro que falarei nesse PPS. é um que ninguém acharia que um dia eu falaria a respeito. É a autobiografia de Mahatma Gandhi *Minhas Experiências com a Verdade*. Falar sobre os experimentos dele com a verdade é realmente maravilhoso. Este é o momento certo.

Ashu, continue; senão vou começar a condenar Mahatma Gandhi. Continue para que eu possa ser suave com o pobre homem. Até hoje nunca fui. Talvez você possa me ajudar a ser um pouco suave até mesmo com Mahatma Gandhi... embora eu saiba ser quase impossível.

Mas certamente posso falar algumas coisas belas. A primeira: ninguém escreveu a sua própria autobiografia com tanta sinceridade, com tanta autenticidade. É uma das autobiografias mais autênticas já escritas.

Uma autobiografia é uma coisa muito estranha: você está escrevendo sobre si próprio. Ou você começa a gabar-se ou começa a ficar muito humilde – apenas outra forma de gabar-se. Falarei sobre isso no meu segundo livro. Mas Mahatma Gandhi não fez nenhuma dessas duas coisas; ele é simples, apenas declarando factualmente, assim como um cientista... totalmente despreocupado que seja sua própria autobiografia. Ele diz tudo que uma pessoa gostaria de esconder dos outros. Mas o próprio título está errado. Não é possível experimentar com a verdade. Alguém pode conhecê-la ou não a conhecer, mas não é possível experimentar com ela.

A própria palavra experimento pertence ao mundo da ciência objetiva. Não é possível experimentar com a subjetividade, esta é a verdade. Notem que:

A subjetividade é irreduzível a qualquer objeto de experimentação, observação.

A subjetividade é o fenômeno mais misterioso da existência e o seu mistério é que ela é sempre anterior. Qualquer coisa que vocês observam, não é 'ela'... não é a subjetividade. A subjetividade é sempre a observadora e nunca o observado. Vocês não podem experimentar com a verdade, porque o experimento é possível apenas com as coisas, objetos, não com a consciência.

Mahatma Gandhi foi um homem sincero, bom, mas ele não era um meditador. E se uma pessoa não medita, não importa quão boa ela seja, tudo é inútil. Toda a sua vida ele experimentou e não alcançou nada. Ele morreu tão ignorante como sempre. É uma infelicidade, porque é muito difícil encontrar um homem de tanta integridade, sinceridade, honestidade, e com um tremendo desejo de conhecer a verdade. Mas esse próprio desejo tornou-se uma barreira.

A verdade é conhecida por pessoas como eu, que nem se preocupam com ela, que estão indiferentes mesmo em relação à própria verdade. Mesmo se Deus bater em minha porta, não a abrirei. Ele terá que descobrir a sua própria maneira de abri-la. A verdade vem para as pessoas preguiçosas. Por isso chamei a mim mesmo de Guia do Ser Humano Preguiçoso para a Iluminação. Agora posso adicionar uma coisa a mais para que fique completo: Sou o guia do ser humano preguiçoso para a iluminação, e para a não-iluminação também! Isso é ir além da iluminação.

Sinto muito pelo homem, embora eu tenha sempre criticado-o por sua política, sua sociologia, e toda a sua ideia estúpida de virar a roda do tempo para trás – vocês podem chamá-

la de roda de fiar. Ele queria que o ser humano se tornasse primitivo novamente. Ele era contra toda tecnologia, até mesmo contra as pobres linhas férreas, o telégrafo, o sistema postal. Sem a ciência o ser humano seria um babuíno. O babuíno pode ser muito forte... mas um babuíno é um babuíno. O ser humano tem que ir em frente.

Oponho-me até ao título do livro porque não é apenas um título, ele sumariza toda a sua vida. Ele pensou que porque tinha sido educado na Inglaterra ele seria o perfeito inglês indiano – totalmente vitoriano. Essas são as pessoas que vão para o inferno, os vitorianos! Ele era cheio de etiqueta, cheio de manias, cheio de todas as formas de estupidezes inglesas. Agora Chetana deve estar magoada. Chetana perdoe-me. É só por acaso que você está aqui e você me conhece – eu sempre encontro algo para golpear as pessoas.

Mas Chetana é afortunada: ela não é uma dama inglesa, ela é uma aberração de Osho! E ela vem de uma família inglesa pobre, isso é muito bom. O seu pai era um pescador, simples. Ela não é esnobe; de outro modo as damas inglesas, mais que os cavalheiros, sempre mantêm seus narizes para cima, como se estivessem sempre olhando as estrelas. Elas realmente fedem – fedem esnobismo!

Mahatma Gandhi foi educado na Inglaterra; talvez isso tenha bagunçado-o. Talvez seria melhor se permanecesse sem educação, então não teria experimentado com a verdade, ele teria experienciado a verdade.

Experimentar com a verdade? Absurdo! Ridículo! Se alguém quer conhecer a verdade é preciso experienciá-la.

Segundo: as *Confissões* de Santo Agostinho. Agostinho foi a primeira pessoa a escrever a sua autobiografia sem medo, mas ele foi para o outro extremo. É por isso que aprecio Gandhi. Em suas *Confissões* Agostinho confessa muito – até mesmo os pecados que nunca cometeu! – apenas pela pura alegria do confessar. Que alegria! Pela pura alegria de dizer ao mundo que “não há nenhum pecado que não cometi. Cometi todos os pecados que o ser humano é capaz de cometer.”

Isso não é verdade. Ninguém pode cometer todos os pecados. Ninguém é capaz disso, nem mesmo Deus. O que dizer de Deus, mesmo o próprio diabo vai começar a pensar como desfrutar dessas coisas que Agostinho está confessando! Agostinho exagerou!

O exagero é uma das doenças mais comuns entre os santos. Eles exageram tudo, até mesmo seus pecados; então, naturalmente, eles se tornam capazes de exagerar suas virtudes. Esta é a segunda parte da história. Quando vocês exageram os seus pecados, certamente contra esse pano de fundo até mesmo as suas pequenas virtudes parecem muito grandes, muito brilhantes – um relâmpago nas nuvens escuras. Essas nuvens escuras ajudam imensamente a mostrar o relâmpago. Sem pecado vocês não podem se tornarem santos. Quanto maiores os pecados, maior o santo – simples aritmética!

Mas ainda assim incluo o livro porque é escrito lindamente. Sou um tipo de homem, por favor notem, deixem registrado, que mesmo se vocês mentirem lindamente vou apreciar a mentira pela sua beleza. Não por ser uma mentira – quem se importa se é uma mentira ou não! A sua beleza a torna digna de desfrute, apreciação.

As *Confissões* é uma obra-prima das mentiras. Ela está cheia de mentiras. Mas o homem fez o seu trabalho quase perfeitamente. Digo quase perfeitamente porque sempre há a

possibilidade de alguém fazer o trabalho ainda melhor. Mas ele o fez quase noventa e nove por cento perfeito; não sobrou muito escopo para ninguém. Sim, depois dele muitos tentaram, até mesmo um grande homem chamado Liev Tolstói. Falei sobre os seus livros *Ressurreição* e *Guerra e Paz*. Ao longo de toda a sua vida ele estava tentando escrever as suas próprias confissões; nisso ele não pôde ser bem-sucedido. Agostinho parece ser insuperável mesmo para um homem como Tolstói. Mas, Tolstói, por favor não surte para fora; eu o colocarei na minha lista.

Terceiro: o *Anna Karenina* de Liev Tolstói, um romance pequeno, mas imensamente belo. Vocês devem se perguntar por que devo incluir um romance em minha lista. Apenas porque sou louco! Gosto de todos os tipos de coisas. *Anna Karenina* é um dos meus livros mais amados. Quantas vezes o li não posso lembrar. Quero dizer o número de vezes – lembro-me do livro perfeitamente bem, posso contar o livro todo.

Olhe! Ashu deu um grande suspiro; ela deve ter ficado preocupada; Agora esse louco vai contar todo o *Anna Karenina*! Não, Ashu, não se preocupe, não o farei. Tenho que fazer muitas outras coisas. Talvez outra hora, mas não agora.

Se eu estivesse me afogando no oceano e tivesse que escolher só um romance dentre todos os milhões de romances no mundo, eu escolheria *Anna Karenina*. Seria belo estar com este belo livro. Ele deve ser lido e relido novamente; apenas então vocês o sentirão, sentirão o cheiro e provarão o sabor. Não é um livro ordinário.

Liev Tolstói falhou como santo, assim como Mahatma Gandhi falhou como santo, mas Liev Tolstói foi um grande romancista. Mahatma Gandhi foi bem-sucedido – e permanecerá para sempre – como um pináculo da sinceridade. Não conheço nenhum outro homem neste século que foi tão sincero. Quando ele escrevia para as pessoas ‘Sinceramente’ ele era realmente sincero. Quando vocês escrevem ‘sinceramente’, vocês sabem, e todo mundo sabe, e a pessoa que vocês estão escrevendo também sabe, que isso é bobagem. É muito difícil, quase impossível, ser realmente ‘sincero’. É isso o que torna uma pessoa religiosa – a sinceridade.

Liev Tolstói queria ser religioso, mas não conseguiu. Ele tentou bastante. Sinto grande simpatia pelo seu esforço, mas ele não foi um homem religioso. Ele tem que esperar pelo menos algumas poucas vidas. De uma forma foi bom que ele não foi um homem religioso como Muktananda; caso contrário ele não teria alcançado *Ressurreição*, *Guerra e Paz*, *Anna Karenina*, e mais uma dúzia de livros belos, imensamente belos. Então ele seria outro Swami Idiotananda e nada mais.

Quarto, Ajit Sarasw... Ajit Mukherjee. Ele fez um grande serviço ao tantra. Incluirei seus dois livros.

Quarto: Ajit Mukherjee *A Arte do Tantra*, e quinto, o seu outro livro *As Pinturas do Tantra*. O homem ainda está vivo e sempre o amei por esses dois livros, porque eles são obras-primas – as pinturas, a arte e os comentários que ele fez para as pinturas. As suas introduções são imensamente valiosas.

Mas o homem, ele próprio, parece ser um pobre bengali. Há alguns dias atrás ele encontrou Laxmi em Delhi. Ele veio vê-la e confessou que queria dar toda a sua coleção de tantra para mim. Ele deve ter uma das mais valiosas e ricas coleções de pinturas do tantra e da

arte do tantra. Ele disse para Laxmi, “Eu queria dar para ele porque é o único homem que será capaz de entender e conhecer o significado da coleção, mas tenho muito medo.” Ele disse, “Apenas associar-me de qualquer maneira com ele poderia criar problemas para mim, então doei finalmente toda a minha coleção de uma vida para o governo indiano.”

Amei esses dois livros – mas o que dizer sobre esse homem: Ajit Mukherjee ou Aji Rato*? [NdT. *Mouse*] Que medo! – e com tal medo é possível entender o tantra? Impossível! O que ele escreveu é apenas intelectual. Não é, não pode ser, do coração. Ele não tem coração. Sei que até mesmo um rato tem um coração no que diz respeito à fisiologia – mas não é um coração, é apenas pulmão. É apenas o ser humano que tem algo a mais que pulmões... um coração; e o coração cresce apenas no clima da coragem, no amor, na aventura. Que homem pobre! Ainda assim aprecio os seus livros. O rato fez uma obra tremenda. Esses dois livros sempre permanecerão de imensa significância para o tantra e os buscadores da verdade. Mas esqueçam e perdoem Ajit Rato – quero dizer Ajit Mukherjee.

Por favor lembre-se que não sou contra você, Ajit Mukherjee, nem contra ninguém. Não sou inimigo de ninguém no mundo, embora exista milhões de pessoas que me consideram inimigo. Isso é problema delas; não tenho nada a ver com isso. Ajit Mukherjee, eu te amo porque você serviu bem ao tantra. O tantra precisa de muitos eruditos, filósofos, pintores, escritores, poetas, para que a sabedoria antiga possa tornar-se viva novamente, e você ajudou um pouco.

Sexto – este é um livro que eu sempre quis falar a respeito; está até agendado para as minhas falas matinais em inglês. Eu já falei sobre ele em hindi e também pode ser traduzido. O livro é de Shankaracharya – não o tolo atual, mas Adi Shankaracharya, o original.

O livro tem mil anos, e não é nada além de uma pequena canção: “*Bhaj Govindam Moodh Mate* – Ó Idiota...” Ora, Devageet, ouça com cuidado; eu não estou falando com você, esse é o título do livro. *Bhaj Govindam* – cante a música do Senhor – *Moodh Mate*, Ó Idiota. Ó Idiota, cante a música do Senhor.

Mas os idiotas não ouvem. Eles nunca ouvem ninguém, eles são surdos. Mesmo se ouvirem eles não entendem. Eles são imbecis. Mesmo se puderem entender, não seguem; e a menos que sigam, o entendimento é insignificante. O entendimento é entendimento apenas quando ele é provado pelo seu seguir.

Shankaracharya escreveu muitos livros, mas nenhum deles é tão belo quanto essa canção: *Bhaj Govindam Moodh Mate*. Eu falei muito sobre essas três ou quatro palavras, quase três centenas de páginas. Mas vocês sabem o quanto amo cantar; se eu tivesse a oportunidade seguiria infinitamente. Mas quero pelo menos mencionar o livro aqui.

Sétimo, outro livro de Ludwig Wittgenstein. Ele também é um dos meus casos de amor. O nome do livro é *Philosophical Papers*. Não é um livro, mas sim uma coleção de artigos que apareceram em diferentes momentos. Todos os artigos são belos. Wittgenstein não poderia fazer diferente. Ele tinha aquela capacidade de produzir beleza sem ser ilógico, e também de escrever poesia em prosa. Não acho que alguma vez pensou em si mesmo como um poeta, mas o declaro um poeta de primeira ordem. Ele está na mesma categoria que Kalidas, Shakespeare, Milton ou Goethe.

Oitavo: *A Carne e os Ossos do Zen*, de Paul Reps. É uma grande obra – não é original no sentido que ele tenha criado-a, mas apesar de não original ela é muito mais significativa do que apenas uma tradução. Ela é uma categoria em si própria. Por um lado é original, por outro uma tradução. É uma tradução das antigas anedotas e escritos originais do zen. Sei porque li quase todos os livros escritos sobre o zen e nada se compara com o livro de Paul Reps. Ele capturou um vislumbre. Ele tem o mesmo sabor de Basho ou Rinzai.

O homem ainda está vivo em algum lugar da Califórnia. Ele coletou nesse livro não apenas anedotas zen, mas também o *Vigyan Bhairav Tantra* – os cento e doze sutras de Shiva para Parvati, sua amada, nos quais Shiva fala sobre todas as chaves possíveis. Não posso conceber que exista qualquer coisa a mais para a meditação do que o *Vigyan Bhairav Tantra*. Cento e doze chaves são suficientes – elas parecem ser suficientes; cento e treze não parecerá o número certo. Cento e doze parece realmente esotérico, belo.

Esse livro é muito pequeno, vocês podem carregá-lo em seus bolsos; é um livro de bolso. Mas vocês também podem carregar o Koh-i-Noor em seus bolsos... embora o Koh-i-Noor esteja cravejado na coroa inglesa e vocês não poderem a carregar em seus bolsos. Mas a coisa mais bela sobre Paul Reps é que ele não adicionou nenhuma palavra sua – o que é incrível. Ele simplesmente traduziu – não apenas traduziu, ele trouxe a flor do zen para a língua inglesa. Esta flor não é encontrada em qualquer outro escritor que escreve em inglês sobre o zen. Até mesmo Suzuki não foi capaz de o fazer, porque era um japonês. Embora iluminado ele não pôde trazer o aroma da sua iluminação para os seus livros em Inglês. O inglês de Suzuki é belo, mas muito não-iluminado, talvez eletrizado, mas absolutamente não-iluminado.

Paul Reps fez uma tarefa quase impossível, ser americano e, entretanto, repito, entretanto, capturar totalmente o aroma do zen. E não apenas o capturar para si mas trazê-lo no *A Carne e os Ossos do Zen* para todo o mundo também. O mundo deve sempre ser-lhe grato, embora não seja uma pessoa iluminada. É por isso que digo que é uma tarefa quase impossível.

Nono... Estou esperando vocês elevarem-se um pouco mais, porque falarei sobre algo que pertence às alturas, às alturas supremas. Bom... mas não parem. Bom não significa parar, simplesmente significa sigam em frente, sigam em frente... *Charaiveti, Charaiveti*.

A propósito, o livro que vou mencionar como o nono é o *Zen Budismo* de Christmas Humphreys. Originalmente ele gostaria de intitulá-lo *Sigam em Frente, Sigam em Frente* – como uma tradução de *Charaiveti, Charaiveti* – ou caminhe, caminhe. Mas um inglês é sobretudo um inglês; ele finalmente abandonou a ideia e chamou o seu livro de *Zen Budismo*.

O livro é belo, mas o título é feio porque o zen não tem nada a ver com qualquer ‘ismo’. Budismo ou qualquer outro. *Zen Budismo* não está certo como um título. Apenas *Zen* seria o suficiente. Humphreys escreveu em seu diário que tinha escolhido *Charaiveti, Charaiveti* como a sua primeira preferência para o título, mas então pensou ser muito longo. *Caminhe, Caminhe... Continue, Continue*. Ele alterou o título e o tornou feio: *Zen Budismo*. Mas o livro é belo. Ele introduziu milhões de Ocidentais no mundo do zen. Ele serviu tremendamente.

Esse homem Humphreys foi um discípulo de D.T. Suzuki e ele serviu ao mestre como ninguém mais o fez, particularmente no Ocidente. Ele permaneceu devoto a Suzuki por toda a sua vida.

Gudia estava me dizendo ontem que ela disse a Devageet que “se você viver com Osho como eu vivo por um mês, então você saberá o que é – difícil.” Certamente sei que é difícil. Estar com uma pessoa iluminada é difícil – e estar com alguém que foi além disso é ainda mais.

Mas Humphreys provou-se realmente um discípulo; ele permaneceu verdadeiro, leal e obediente a Suzuki até o final da vida deste e da sua própria. Ele não hesitou nem por um único momento. Vocês podem encontrar esse espírito inabalável no livro.

Décimo... o último dessa seção. É um livro muito pequeno, conhecido apenas por algumas poucas pessoas no mundo, mas ele precisa ser declarado do topo dos telhados para todos. É *As Canções de Chandidas* – um louco bengali, um *Baul*. A palavra *Baul* significa louco. Chandidas dançou e cantou de vila em vila e ninguém sabe quem coletou suas músicas. Deve ter sido alguém com um espírito grande e generoso, tão generoso que ele próprio não mencionou o seu nome.

As Canções de Chandidas... sinto tanta reverência. Só o nome de Chandidas e meu coração começa a pulsar com uma batida diferente. Que homem ele foi, e que poeta! Houve milhares de poetas, mas Chandidas é da mesma categoria de Salomão, não menos que isso. Se Salomão pode ser comparado com alguém então será com Chandidas.

As canções de Chandidas cantam sobre coisas estranhas – de Deus que não existe. Chandidas também sabe que Deus não existe, mas ele canta sobre ele porque Deus representa apenas a existência. Deus não existe, ele é a existência.

Chandidas também canta de meditação, embora nada possa ser dito sobre meditação – mas ainda assim ele diz algo, algo que não pode ser ignorado. Ele diz: a meditação é equivalente à não-mente. Que fórmula tremenda! Albert Einstein teria inveja de Chandidas. Infelizmente Einstein não sabia nada de Chandidas, nem de meditação. Um dos maiores homens da sua era, ele estava absolutamente inconsciente da meditação. Ele estava consciente de tudo, exceto de si próprio.

Chandidas canta músicas de amor, de vigilância, de beleza, de natureza. E existem poucas músicas que não se preocupam com nada; somente pura alegria, a própria alegria do cantar – o significado não é importante de maneira alguma.

Esse é o meu décimo e último livro hoje.

Sessão 16

Quantos livros eu falei a respeito no PPS.? Hmmm?

“Quarenta, Osho.”

Quarenta?

“Sim, Osho.”

Vocês sabem que sou obstinado. Vou terminar com cinquenta não importa o que aconteça; caso contrário vou começar outro PPS. Minha obstinação realmente compensou-me: ela ajudou-me muito a lutar contra todos os tipos de besteiras que o mundo está cheio. Ela foi uma tremenda ajuda ao salvar a minha própria inteligência contra a mediocridade que cerca a todos em todos os lugares. Então não me arrependo nem um pouco em ser obstinado, de fato, agradeço a Deus que tenha me feito dessa maneira: totalmente obstinado.

O primeiro livro é de Bennett, um inglês, um perfeito inglês. O livro é sobre um místico indiano absolutamente desconhecido, Shivpuri Baba. O mundo conheceu-o somente através do livro de Bennett.

Shivpuri Baba foi certamente uma das florações mais raras, particularmente na Índia onde tantos idiotas estão fingindo ser mahatmas. Encontrar um homem como Shivpuri Baba na Índia é realmente sorte ou um trabalho imenso de pesquisa. Existem quinhentos mil mahatmas na Índia; esse é o número real. Encontrar um homem real nessa multidão é quase impossível.

Mas Bennett foi um afortunado de muitas maneiras. Ele foi também o primeiro homem a descobrir Gurdjieff. Não foi nem Ouspensky nem Nicoll, foi ninguém mais que Bennett. Bennett encontrou Gurdjieff em um campo de refugiados em Constantinopla. Aqueles eram os dias da Revolução Russa. Gurdjieff teve que deixar a Rússia; no caminho ele tomou dois tiros antes de escapar. Os nossos estilos são diferentes, mas de uma maneira estranha o destino pode jogar o mesmo jogo novamente...

Gurdjieff em um campo de refugiados! – pensando nisso não posso acreditar que a humanidade possa decair tanto. Colocar um Buda, um Gurdjieff, Jesus ou Bodidarma em um campo de refugiados... Quando Bennett descobriu-o Gurdjieff estava numa fila de comida. O alimento era fornecido apenas uma vez ao dia e a fila era longa. Havia milhares de refugiados que deixaram a Rússia porque os comunistas estavam matando as pessoas sem considerar quem matavam, ou para quê. Vocês ficarão surpresos em saber que eles mataram quase dez milhões de russos.

Como Bennett descobriu Gurdjieff? Gurdjieff sentado entre os seus discípulos não seria difícil de reconhecer, mas Bennett o reconheceu em roupas estragadas e sujas, sujas por vários dias. Como ele o reconheceu naquela fila? Aqueles olhos – ninguém os pode esconder. Aqueles olhos – não importa se o homem está sentado em um trono dourado, ou em um campo de refugiados, eles são iguais. Bennett trouxe Gurdjieff para o Ocidente.

Ninguém agradece o pobre Bennett por isso, e há uma razão. É porque ele era um tipo de pessoa oscilante. Bennett nunca traiu Gurdjieff enquanto este estava vivo. Ele não ousou.

Aqueles olhos eram demais; duas vezes ele viu o seu tremendo impacto. Ele reporta em seu livro sobre Gurdjieff – que não é um grande livro, é por isso que não estou contando-o, apenas me referindo a ele – Bennett diz: Fui até Gurdjieff cansado e exausto depois de uma longa jornada. Eu estava doente, muito doente, pensando que iria morrer. Fui vê-lo apenas para que antes de morrer eu pudesse ver aqueles olhos novamente... a minha última experiência.

Ele foi até o quarto de Gurdjieff. Gurdjieff olhou para ele, levantou-se, chegou perto e o abraçou. Bennett não podia acreditar – aquele não era o jeito de Gurdjieff. Se tivesse esbofetado-o isso seria mais esperado, mas ele o abraçou! Mas havia algo a mais no abraço. No momento em que Gurdjieff o tocou, Bennett sentiu um tremendo aumento de energia. Ao mesmo tempo ele viu Gurdjieff ficando pálido. Gurdjieff sentou-se; então com grande dificuldade levantou-se e foi ao banheiro, dizendo para Bennett, “Não se preocupe, apenas espere dez minutos e estarei de volta, o mesmo de sempre.”

Bennett disse, “Nunca senti tamanho bem-estar, tamanha saúde, tamanho poder. Parece que posso fazer tudo.”

Muitas pessoas que usam drogas sentem – LSD ou maconha e outras drogas – que sob o seu impacto sentem que podem fazer qualquer coisa. Uma mulher pensou que podia voar, então ela voou pela janela do décimo terceiro andar de um prédio de Nova Iorque. Vocês podem concluir o que aconteceu. Nem mesmo os pedaços da mulher foram encontrados.

Bennett disse, “Sentia que podia fazer qualquer coisa. Naquele momento entendi a famosa declaração de Napoleão: Nada é impossível. Não apenas entendi, senti que podia fazer qualquer coisa que quisesse. Mas eu sabia que fora a compaixão de Gurdjieff. Eu estava morrendo e ele me salvou.”

Isso aconteceu duas vezes... novamente alguns anos depois. No Oriente isso é chamado “a transmissão”; a energia pode pular de uma chama para outra lâmpada que está morrendo. Apesar dessas experiências grandes terem ocorrido com ele, Bennett era um homem oscilante. Ele não podia hesitar e trair como Ouspensky, mas quando Gurdjieff morreu, então ele traiu. Ele começou a buscar outro mestre. Que azar! – quero dizer, que azar para Bennett. Foi bom para os outros, porque foi assim que ele encontrou Shivpuri Baba. Mas Shivpuri Baba, por maior que seja, não é nada comparado a Gurdjieff. Não posso acreditar em Bennett. E ele era um cientista, um matemático... só isso me dá uma pista. O cientista quase sempre se comporta como um tolo fora da sua área específica.

Sempre defini ciência como ‘conhecer mais e mais sobre menos e menos’, e religião como ‘conhecer menos e menos sobre mais e mais’. A culminação da ciência será conhecer tudo sobre nada e a culminação da religião será conhecer tudo – não conhecer sobre tudo, simplesmente conhecer; não sobre, apenas conhecer. A ciência terminará na ignorância; a religião terminará na iluminação.

Todos os cientistas, até mesmos os grandes, provaram-se tolos de muitas formas fora da sua área específica. Eles se comportam infantilmente. Bennett foi um cientista e matemático de reputação, mas vacilou, não alcançou. Ele começou a buscar por outro mestre. E ele também não ficou com Shivpuri... Shivpuri Baba era um homem muito velho quando Bennett o encontrou. Ele tinha quase cento e dez anos de idade. Ele era realmente feito de aço. Ele viveu por quase um século e meio. Ele tinha dois metros de altura, cento e cinquenta anos e, ainda assim, não havia sinal que ele morreria. Ele decidiu abandonar o seu corpo – foi sua decisão.

Shivpuri era um homem silencioso, ele não ensinava. Particularmente um homem que conheceu Gurdjieff e seu tremendo ensinamento acharia muito ordinário estar com Shivpuri Baba. Bennett escreveu seu livro e começou a buscar novamente por um mestre. Shivpuri Baba ainda não estava nem morto.

Então, na Indonésia, Bennett encontrou Mohammed Subud, o fundador do movimento chamado Subud. Subud é uma forma curta de sushil-buda-darma; é apenas as primeiras letras dessas três palavras. Que tolice! Bennett começou a apresentar Mohammed Subud, um homem muito bom, mas não um mestre... nada comparado com Shivpuri Baba; nenhuma questão surge em relação a Gurdjieff. Bennett trouxe Mohammed Subud ao Ocidente e começou a apresentá-lo como sucessor de Gurdjieff. Agora isso é uma estupidez total!

Mas Bennett escrevia lindamente, matematicamente, sistematicamente. O seu melhor livro é *Shivpuri Baba*. Embora Bennett fosse um tolo, até mesmo se vocês permitirem que um macaco se sente em uma máquina de escrever, de vez em quando ele pode cruzar com algo belo – talvez uma declaração que apenas um buda poderia fazer – apenas ao tocar as teclas da máquina de escrever aqui e ali. Mas não entenderá o que escreveu.

Bennett continuou seu caminho. Logo ele ficou desiludido com Mohammed Subud e começou a buscar ainda outro mestre. Pobre sujeito, por toda a sua vida ele buscou e buscou desnecessariamente. Ele já tinha encontrado o homem certo em Gurdjieff. Ele escreveu sobre Gurdjieff, e o que diz é belo, eficiente, mas seu coração é escuro, não há luz nele. Ainda assim conto o seu livro como um dos melhores. Vocês podem ver que sou imparcial.

Segundo: um livro estranho, ninguém o lê. Vocês podem nunca ter ouvido falar dele, apesar de ter sido escrito na América. O livro é *Escuta, Zé Ninguém** (NdT. *Listen Little Man*) de Wilhelm Reich. É um livro muito pequeno, mas ele me lembra do *Sermão da Montanha*, do *Tao Te Ching*, *Assim Falou Zaratustra*, *O Profeta*. Realmente Reich não tinha o nível para escrever tal livro, mas ele deve ter sido possuído por algum espírito desconhecido.

Escuta, Zé Ninguém criou muito antagonismo em relação a Reich, particularmente entre os psicanalistas profissionais, seus colegas, porque ele estava chamando todo mundo de ‘zé ninguém’ – e ele pensava que era grande? Quero dizer para vocês: ele era! Não no sentido de um buda, mas no mesmo sentido de Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Assagioli. Ele pertence a mesma categoria. Ele foi um grande homem – é claro que ainda um homem, não um super-homem, mas excelente. E não foi a partir do seu egoísmo que esse livro nasceu; ele não podia fazer nada, ele teve que escrevê-lo. É quase como uma mulher que está grávida, ela tem que parir a criança. Ele carregou esse pequeno livro consigo por anos, resistindo à ideia de escrevê-lo porque sabia perfeitamente bem que criaria um inferno para si. E assim o fez. Depois desse livro ele foi condenado em todos os lugares.

Criar algo grande nesse mundo é um crime. O ser humano não mudou de maneira alguma. Sócrates é morto, Reich é morto. Nenhuma mudança. Reich foi condenado como louco e encarcerado. Ele morreu na prisão, condenado, reduzido a um louco. Ele tinha a capacidade de elevar-se sobre as nuvens, mas não teve permissão. A América ainda tem que aprender a viver com pessoas como Sócrates, Jesus, Buda.

Esse livro deve ser meditado por todos os meus sannyasins. Eu o recomendo sem nenhuma condição.

O terceiro é um livro escrito por Bertrand Russell e Whitehead conjuntamente. Ninguém o lê. O título é *Principia Mathematica*. Apenas o nome é suficiente para que as pessoas tenham medo, e o livro deve ser o mais difícil que existe. Por isso trabalho com esse livro o máximo possível. Qualquer coisa difícil sempre me seduz. O livro é encantador e desafiador, mas não o recomendo para os meus sannyasins. Evitem-no! Passei por essas milhares de páginas e não encontrei nada exceto matemática. A menos que vocês estejam interessados em matemática, particularmente a matemática superior... isso é outra questão. Quero inclui-lo porque é uma obra-prima – da matemática.

Quarto... é esse o número?

“Sim, Osho.”

Vocês ficarão surpresos que a minha quarta escolha seja a *Poética* de Aristóteles. Já nasci inimigo de Aristóteles. Chamo o homem de *Aristot-ilitis*... um tipo de doença, incurável. Devaraj, não há remédio para ela. Asheesh, sua enxaqueca não é nada! Obrigado Deus que você não esteja sofrendo de Aristotilitis; isso é um câncer real.

Pensa-se que Aristóteles é o pai da filosofia Ocidental e da lógica. Ele certamente o é, mas apenas da filosofia e da lógica, não da coisa real. A coisa real vem de Sócrates, Pitágoras, Plotino, Diógenes e Dionísio, mas não de Aristóteles. Mas é estranho: ele escreveu um livro belo – e esse é um dos livros que não é estudado pelos eruditos aristotélicos – *A Poética*. Tive que procurar entre seus muitos livros. Estava procurando para ver se eu poderia encontrar algo belo nesse homem também, e quando encontrei *A Poética*, um livro de apenas algumas páginas, fiquei excitado. O homem também tinha um coração. Ele escreveu todo o resto a partir da sua cabeça, mas esse livro foi do coração. É claro que ele é sobre a essência da poesia – a poética – e a essência da poesia não pode ser outra coisa do que a essência do amor. É a fragrância não do intelecto, mas da intuição. Recomendo esse livro.

Quinto. Há tantos livros na minha frente que é muito difícil escolher, mas escolho *Os Três Pilares do Zen* de Ross. Muitas pessoas escreveram sobre o zen – incluindo Suzuki, que sabe mais que todos – mas *Os Três Pilares do Zen* é o mais belo livro escrito sobre o zen. Lembre-se da minha ênfase, sobre, porque Ross não tinha experiência com ele. De fato, isso o fez ainda mais maravilhoso: que sem qualquer experiência, apenas de estudar livros e visitar monastérios no Japão ela escreveu uma obra-prima.

Há apenas uma coisa que eu gostaria de dizer para Ross: no zen não existem três pilares, nem mesmo um único pilar. O zen não tem pilar. Não é um templo, é pura não-coisidade. Ele não precisa de pilares de maneira alguma. Se ela publicar o livro novamente ela deve alterar o título. *Os Três Pilares do Zen* parece bom, mas não é verdadeiro ao espírito do zen. Mas o livro é escrito de uma maneira muito científica. Aqueles que querem entender o zen intelectualmente não podem encontrar um livro melhor.

Sexto: A minha escolha para o sexto é o livro de um homem estranho. Ele chama a si próprio de ‘M’. Sei o seu nome real, mas ele nunca permitiu que ninguém o soubesse. O seu nome é Mahendranath. Ele foi um Bengali, um discípulo de Ramakrishna.

Mahendranath sentou-se aos pés de Ramakrishna por muitos anos e seguiu escrevendo qualquer coisa que acontecesse em torno do seu mestre. O livro é conhecido como *O Evangelho de Ramakrishna*, mas escrito por M. Ele nunca quis revelar o seu nome, ele queria permanecer anônimo. Esta é a forma de um discípulo verdadeiro. Ele eclipsa a si mesmo totalmente.

No dia em que Ramakrishna morreu, vocês ficarão surpresos, M também morreu. Não havia mais motivos para ele viver. Posso entender... depois de Ramakrishna seria muito mais difícil viver do que morrer. A morte era mais bem-aventurada do que viver sem o seu mestre.

Muitos mestres já existiram, mas nunca houve um discípulo como M para reportar sobre o mestre. Ele não aparece nunca. Ele estava apenas reportando – não sobre si próprio e Ramakrishna, mas apenas sobre Ramakrishna. Ele não existe mais na frente do mestre. Amo esse homem e seu livro, e seu tremendo esforço de obliterar-se. É raro encontrar um discípulo como Mahendranath. Ramakrishna foi muito mais afortunado do que Jesus. Sei o seu nome real porque viajei para Bengala e Ramakrishna estava vivo no final do último século, então pude descobrir o nome desse homem Mahendranath.

Sétimo. Houve um místico indiano no início desse século. Não acho que ele foi um homem iluminado, porque ele cometeu três erros: caso contrário as suas obras coletadas são belas, pura poesia... mas esses três erros devem ser lembrados. Até um homem como Rama Tirtha também pode cometer tais erros estúpidos.

Ele estava na América. Ele era um homem de carisma venerado. Quando ele voltou para a Índia ele pensou em ir primeiro para Varanasi, a fortaleza da religião hindu, a Jerusalém, a Meca dos hindus. Ele estava certo de que se os americanos o veneravam tanto, então certamente os brâmanes de Varanasi o venerariam como um deus. Ele estava errado. Quando falou em Varanasi, um brâmane levantou-se e disse, “Antes de você prosseguir, por favor, responda a minha questão. Você sabe sânscrito?”

Rama Tirtha estava falando sobre a realidade suprema e esse brâmane lhe perguntou, “Você sabe sânscrito? Se você não sabe então não tem o direito de falar sobre a realidade suprema. Primeiro vá estudar sânscrito.”

Não havia nada errado com o brâmane; em todo o mundo os brâmanes são assim. O que me surpreende é que Rama Tirtha começou a estudar sânscrito. Isso me choca. Ele deveria ter dito ao brâmane, “Sai fora, juntamente com todos os seus Vedas e seu sânscrito! Eu não ligo. Conheço a verdade, por que preocupar-me-ia com o sânscrito?”

Rama Tirtha não sabia sânscrito, isso é verdade, e não há necessidade também – mas ele sentiu a necessidade. Essa é a primeira coisa que quero que vocês se lembrem. Os seus livros são muito poéticos, estimulantes, extáticos, mas o homem estava perdido em algum lugar.

Em segundo lugar: quando sua esposa veio vê-lo do distante Punjabi ele recusou. Ele nunca recusou nenhuma mulher, por que recusaria a sua própria esposa? Porque ele tinha medo. Ele ainda estava apegado. Sinto muito por ele: renunciar à sua esposa, ainda com medo.

Terceiro, ele cometeu suicídio – embora os hindus não o chamem assim, eles o chamam ‘dissolver-se no Ganges.’ Belos nomes podem ser dados para coisas feias.

Exceto por essas três coisas os livros de Rama Tirtha são valiosos, mas se vocês esquecerem essas três coisas poderão pensar que ele é iluminado. Ele fala como se fosse um homem iluminado, mas é apenas ‘como se’.

Oitavo: *Principia Ethica* de G.E. Moore. Amei esse livro. É um grande exercício de lógica. Ele gasta duzentas ou mais páginas apenas considerando uma questão: O que é o bem? – e chega à conclusão que ‘bem’ é indefinível. Ótimo! Mas ele fez sua lição de casa, ele não pulou para a conclusão como os místicos o fazem. Ele era um filósofo. Ele foi passo a passo, gradualmente, mas chegou à mesma conclusão que os místicos.

O bem, a beleza e Deus são indefiníveis. De fato, tudo aquilo que tem qualquer valor é indefinível. Note: se qualquer coisa pode ser definida isso significa que é sem valor. A menos que vocês cheguem ao indefinível, vocês não chegaram a nada de valioso.

Nono... Deixei *As Canções de Rahim* de fora da minha lista, mas não posso mais. Ele era islâmico, mas as suas canções são escritas em hindi, por isso os islâmicos não gostam dele, eles nem ligam para ele. Os hindus não gostam dele porque ele era islâmico. Talvez eu seja a única pessoa que o respeita. O seu nome completo é Rahim Khan Khana. As suas canções são do mesmo nível e mesma profundidade de Kabir, Meera, Sahajo ou Chaitanya. Por que ele escreveu em hindi? Sendo um islâmico ele poderia ter escrito em urdu, e o urdu é uma língua muito mais bela que o hindi. Mas ele escolheu conscientemente; ele queria lutar contra a ortodoxia islâmica.

Décimo, Mirza Ghalib, o maior poeta urdu – e não apenas o maior poeta urdu, mas talvez não haja outro poeta em qualquer língua do mundo que possa ser comparado a ele. O seu livro é chamado *Divan*. *Divan* simplesmente significa uma coleção de poemas. Ele é difícil de ler, mas se vocês puderem fazer um mínimo de esforço ele retribuirá imensamente. É como se cada linha contivesse um livro inteiro. Essa é a beleza do urdu. Penso que nenhuma outra língua contém tanto em um espaço tão pequeno. Apenas duas sentenças são suficientes para conter todo um livro. É mágico! Mirza Ghalib é o mago dessa língua.

Décimo primeiro e o último – *O Livro* de Alan Watts. Estive guardando-o. Alan Watts não foi um buda, mas ele poderá ser um dia. Ele se moveu para mais perto disso. *O Livro* é tremendamente importante. É o seu testamento, toda a sua experiência com os mestres zen, com os clássicos zen. E ele é um homem de uma inteligência tremenda; ele também era um alcoólatra. A inteligência mais o vinho criou realmente um livro suculento. Amei *O Livro* e guardei-o para o último lugar.

Vocês se lembram de Jesus dizendo, “Abençoados são aqueles que ficam por último”? Sim, esse livro é abençoado. O abençoado, e gostaria que esta série de sessões fossem dedicadas à memória de Alan Watts.

Índice Onomástico

Autor	Título	Página
Adi Shankaracharya	<i>Bhaj Govindam Moodh Mate</i>	92
Ajit Mukherjee	<i>A Arte do Tantra</i>	91
	<i>As Pinturas do Tantra</i>	92
Al-Hillaj Mansoor	<i>Declarações</i>	31
Alan Watts	<i>O Caminho Zen</i>	54
	<i>É Isso</i>	55
	<i>O Livro</i>	100
Albert Camus	<i>O Mito de Sísifo</i>	75
Annie Besant, J. Krishnamurti	<i>Aos Pés do Mestre</i>	48
Aristóteles	<i>Organum</i>	13
	<i>Poética</i>	98
Arnold	<i>Luz da Ásia</i>	81
Assagioli	<i>Psicossíntese</i>	87
Baal Shem Tov	<i>Histórias</i>	33
Bacon	<i>Novo Organum</i>	13
Badrayana	<i>Brahman Sutras</i>	23
Bahauddin	<i>O Livro</i>	64
Bennett	<i>Shivpuri Baba</i>	95
Bertrand Russell	<i>A História da Filosofia Ocidental</i>	75, 84
Bertrand Russell; Whitehead	<i>Principia Mathematica</i>	98
Boehme	<i>Ditados</i>	53
Chandidas	<i>Canções</i>	94
Christmas Humphreys	<i>Zen Budismo</i>	93
Chuang Tzu	<i>As Parábolas</i>	6
Colin Wilson	<i>O Outsider</i>	65
Confúcio	<i>Os Analectos</i>	65
D.H. Lawrence	<i>A Fênix</i>	81
	<i>Psicanálise e o Inconsciente</i>	81
D.T. Suzuki	<i>O Zen e a Cultura Japonesa</i>	21
Dadu	<i>Canções</i>	42
Dayabai	<i>As Canções</i>	76
Dionísio	<i>Declarações e fragmentos</i>	47
Discípulos de Bodidarma	<i>Notas</i>	9
Eckhart	<i>Ditados</i>	52
Esopo	<i>Fábulas</i>	22
Farid	<i>Canções</i>	34
Fiódor Dostoiévski	<i>Os Irmãos Karamazov</i>	4
	<i>Notas do Subsolo</i>	86
Friedrich Nietzsche	<i>Assim Falou Zaratustra</i>	4, 5, 8, 44, 97
	<i>Vontade de Poder</i>	44

G.E. Moore	<i>Principia Ethica</i>	100
Gaurang	<i>Canções</i>	41
Gautama Buda	<i>Dhammapada</i>	29
George Bernard Shaw	<i>Máximas para um Revolucionário</i>	49
Gorakh-nath	<i>Escritos</i>	41
George Gurdjieff	<i>Tudo e Todo</i>	10, 12, 23, 45
	<i>Encontro com Homens Notáveis</i>	72
Vários autores	<i>Guru Grantha Sahib</i>	38
Haas	<i>O Destino da Mente</i>	52
Hartmann	<i>Nossa Vida com Gurdjieff</i>	62
Hazrat Inayat Khan	<i>Palestras</i>	55
Hazrat Maomé	<i>O Alcorão</i>	27, 28
Hazrat Vilayat Ali Khan	<i>Livros</i>	56
Heráclito	<i>Fragmentos</i>	19
Herbert Marcuse	<i>O Homem Unidimensional</i>	81
Hermann Hesse	<i>Siddhartha</i>	33
Huang Po	<i>O Livro</i>	16
Hubert Benoit	<i>Deixe Ir</i>	21, 41
	<i>A Doutrina Suprema</i>	41
Hui Hi	<i>O Livro dos Ensinos</i>	16
Hui Neng	<i>Os Ensinos</i>	50
Idries Shah	<i>Os Sufis</i>	54
Irving Stone	<i>Sede de Viver</i>	77
	<i>A Agonia e o Êxtase</i>	77
J. Krishnamurti	<i>A Primeira e a Última Liberdade</i>	15, 16
	<i>Comentários sobre o Viver</i>	61
Jalaluddin Rumi	<i>Masnavi</i>	9
Jaydeva	<i>Geet Govind</i>	15, 16, 18, 29
Jean-Paul Sartre	<i>O Ser e o Nada</i>	58
Junnaid	<i>Fragmentos</i>	48
Kabir	<i>As Canções</i>	25
	<i>Bijak</i>	81
Karl Marx	<i>Das Kapital</i>	71
Karl Marx e Friedrich Engels	<i>O Manifesto Comunista</i>	74
Khalil Gibran	<i>O Profeta</i>	8, 16, 66
	<i>Jesus, O Filho do Homem</i>	56
	<i>O Louco</i>	56, 66
	<i>O Jardim do Profeta</i>	66
	<i>A Voz do Mestre</i>	67
	<i>O Errante</i>	68
	<i>Os Provérbios Espirituais</i>	69
	<i>Poemas em Prosa</i>	88
	<i>Pensamentos e Meditações</i>	88
Krishna	<i>Bhagavad Gita</i>	6

Kundkunda	<i>Samayasara</i>	15
Lalla	<i>Canções</i>	40
Lao Tsé	<i>Tao Te Ching</i>	4, 6, 97
Lewis Carroll	<i>Alice no País das Maravilhas</i>	68
	<i>Alice Através do Espelho</i>	68
Lieh Tzu	<i>O Livro</i>	8
Liev Tolstói	<i>Ressurreição</i>	78, 91
	<i>Guerra e Paz</i>	79, 91
	<i>Anna Karenina</i>	91
Lin Yutang	<i>A Arte de Viver</i>	83
	<i>A Sabedoria da China</i>	84
Ludwig Wittgenstein	<i>Tractatus Logico Philosophicus</i>	59
	<i>Investigações Filosóficas</i>	87
	<i>Philosophical Papers</i>	92
Mabel Collins	<i>Luz no Caminho</i>	39
Madame Blavatsky	<i>A Doutrina Secreta</i>	25, 26
Mahakashyapa	<i>O Livro</i>	32
Maharshi Ramana	<i>Quem Sou Eu</i>	67
Mahatma Gandhi	<i>Minhas Experiências com a Verdade</i>	89
Mahavira	<i>Jin Sutras</i>	30, 38
Mahendranath	<i>O Evangelho de Ramakrishna</i>	99
Malukdas	<i>Poemas</i>	38
Marpa	<i>O Livro</i>	22
Martin Buber	<i>Histórias do Hassidismo</i>	70
	<i>Eu e Tu</i>	70
Martin Heidegger	<i>Ser e Tempo</i>	59
Maurice Nicoll	<i>Comentários</i>	62
Maxim Gorky	<i>A Mãe</i>	80
Meera	<i>As Canções</i>	26
Meher Baba	<i>Deus Fala</i>	49
Mikhail Naimy	<i>O Livro de Mirdad</i>	6, 18
Milarepa	<i>As Mil Canções</i>	6
Mirza Ghalib	<i>Divan</i>	100
Moorehead; Radhakrishnan	<i>A Mente da Índia</i>	67, 84
Mulla Nasruddin	*	51
Nagarjuna	<i>Mula Madhyamika Karika</i>	22
Nanak	<i>Canções</i>	28
Narada	<i>Bkati Sutras</i>	24
Naropa	<i>Canção</i>	36
Nikos Kazantzakis	<i>Zorba o Grego</i>	31
Omar Khayyam	<i>Rubaiyat</i>	9
P.D. Ouspensky	<i>Em busca do Milagroso</i>	10
	<i>Tertium Organum</i>	13, 14, 15, 16, 45
	<i>Um Novo Modelo do Universo</i>	45

	<i>O Futuro da Psicologia do Homem</i>	64
Patanjali	<i>Yoga Sutras</i>	25
Paul Repts	<i>A Carne e os Ossos do Zen</i>	93
Pitágoras	<i>Versos Dourados</i>	19
Platão	<i>Diálogos de Sócrates</i>	9
Rabindranath Tagore	<i>Gitanjali</i>	6
Rabiya al-Adabiya	<i>Notas dos discípulos</i>	27
Rahim	<i>Canções</i>	100
Rama Tirtha	<i>Livros</i>	99
Ramakrishna	<i>Parábolas</i>	21
Ramanuja	<i>Shree Pasha</i>	63
Richard Bach	<i>Jonathan Livingston Seagull</i>	6
Rinzai	<i>Provérbios</i>	55
Ross	<i>Os Três Pilares do Zen</i>	98
Sahajo	<i>As Canções</i>	27
Salomão	<i>Sermão da Montanha</i>	4, 6, 84
Samuel Beckett	<i>Esperando Godot</i>	69
Sanai	<i>Declarações</i>	45
Santo Agostinho	<i>Confissões</i>	90
Saraha	<i>A Canção</i>	19
Sarmad	<i>Declarações</i>	42
Satchidanand Vatsyayana	<i>Nadi ke Dweep</i>	82
Shankaracharya	<i>Vivek Chudamani</i>	28
Shiva	<i>Vigyan Bhairav Tantra</i>	35, 93
	<i>Shiva Sutra</i>	41
Sigmund Freud	<i>Conferências sobre a Psicanálise</i>	72
Sosan	<i>Hsin Hsin Ming</i>	12
Taran Taran	<i>Shunya Svabhava</i>	85
	<i>Siddhi Svabhava</i>	86
Tilopa	<i>Notas dos discípulos</i>	20
Tomás	<i>Notas sobre Jesus</i>	79
Turguêniev	<i>Pais e Filhos</i>	80
Um discípulo de Kabir	<i>O Grantha</i>	73, 74
Uma Swati	<i>Tatva Sutra</i>	36
Velho Testamento	<i>Canção de Salomão</i>	16, 17, 84
Vimalkirti	<i>Nirdesh Sutra</i>	61
Walt Whitman	<i>Folhas de Relva</i>	11
Wilhelm Reich	<i>Escuta, Zé Ninguém</i>	97
*	<i>O Livro dos Sufis</i>	8
*	<i>Isa Upanishad</i>	9, 10, 12
*	<i>I Ching</i>	82
*	<i>O Talmud</i>	84